

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

SILMARA MIELKE

**CORPO PRÓPRIO E INTERCORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY: UMA
POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR O CORPO**

CURITIBA

2016

SILMARA MIELKE

**CORPO PRÓPRIO E INTERCORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY: UMA
POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR O CORPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Sob orientação do Prof. Dr. Ericson Sávio Falabretti.

CURITIBA

2016

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

M631c Mielke, Silmara
2016 Corpo próprio e intercorporeidade em Merleau-Ponty : uma possibilidade de
ressignificar o corpo / Silmara Mielke ; orientador, Ericson Sávio Falabretti.
– 2016.
97 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2016
Bibliografia: f. 92-97

1. Merleau-Ponty, Maurice, 1908-1961. 2. Existencialismo. 3. Imagem
corporal. 4. Filosofia. I. Falabretti, Ericson Sávio. II. Pontifícia Universidade
Católica do Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III.
Título.

CDD 20. ed. – 100

ATA Nº. 150/PPGF – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos trinta e um dias do mês de outubro de dois mil e dezesseis, às catorze horas na sala de defesa de dissertações da Escola de Educação e Humanidades desta Universidade realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação da mestranda **Silmara de Fátima Mielke** intitulada: CORPO PRÓPRIO E INTERCORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY: UMA POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR O CORPO. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Ericson Falabretti, Dr.^a Fernanda Pires Bertuol Mateus Scheer e Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. Após a instalação dos trabalhos pelo presidente da banca, professor Ericson Falabretti, a candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e à defesa da candidata. Encerrada essa fase, os examinadores, em reunião reservada, apresentaram suas avaliações, tendo considerado a candidata APROVADA em sua defesa de dissertação conforme as notas e o conceito registrados abaixo. Após a proclamação dos resultados, o presidente da banca CONFERE a candidata o título de Mestre em Filosofia. Encerrados os trabalhos às 16 h 40 min. lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

MEMBROS DA BANCA		ASSINATURA	NOTA
Prof. Dr. Ericson Falabretti			9,0
Prof. ^a Dr. ^a Fernanda Pires Bertuol Mateus Scheer			9,0
Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva			9,0
MÉDIA FINAL	9,0	CONCEITO	A

CIENTE


Prof. Dr. Ericson Sávio Falabretti
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - *Stricto Sensu*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Professor Ericson Falabretti, pela orientação, pela paciência e disponibilidade de compartilhar seu conhecimento.

Aos meus colegas Cris e Renato por compartilharem comigo os momentos de estudo sobre Merleau-Ponty.

Agradeço minha família pelos almoços divertidos de domingo, às minhas lindas sobrinhas por terem a paciência de me ouvir falando sobre Merleau-Ponty e por me fazerem rir das minhas próprias angústias. Aos amigos que souberam compreender minha ausência, cada um com sua singularidade soube estar presente e ausente quando necessário, obrigada meu grande amigo Claudio por toda ajuda que prestou nas minhas limitações de informática, agradeço ao meu querido amigo Wilson pela preocupação quando eu me fazia ausente, Paula pela delicadeza de palavras e pelas boas risadas juntas, Ana Claudia pelas longas conversas sobre tudo e pela constante motivação, Luciana por ser minha amiga, Regina, minha psicóloga, obrigada por tudo, às amigas Nane, Vick e Edina por me acolherem em suas respectivas casas nos momentos de descanso e lazer e Lucas por me ajudar na organização do sumário.

Como posso agradecer àqueles que jamais saberão ler estas palavras? Que nunca irão compreender a minha ausência e que aguardam sempre com ansiedade o meu retorno e a minha atenção? Sendo assim, agradeço à vida que meu deu a sensibilidade para saber amá-los e respeitá-los, são eles, “meus gatos”, somente eles, que nestes dois anos se fizeram presente nos momentos mais solitários de pesquisa e concentração, que muitas vezes digitavam algumas letras, que me tiravam a concentração, que chegavam delicadamente com seu ronronar relaxante, com o olhar de pureza pedindo apenas um pouco de atenção.

Agradeço aos meus pacientes, que são a motivação para que eu acorde todos os dias com novas ideias de reabilitação numa constante busca de novos saberes.

Obrigada Antônia Poletti pela atenção e por toda ajuda que me prestou quando precisei. Obrigada aos professores que dividiram todo conhecimento nas suas aulas nestes dois anos de estudos: Ericson Falabretti, Eládio Craia, Bortolo Vale, Federico Ferraguto.

*Eu sou maior do que era antes
Estou melhor do que era ontem
Eu sou filho do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem sou
As cores mudam, as mudas crescem
Quando se desnudam
Quando não se esquecem
Daquelas dores que deixamos para trás
Sem saber que aquele choro, valia ouro
Estamos existindo entre mistérios e silêncios
Evoluindo a cada lua a cada sol
Se era certo ou se errei
Se sou súdito, se sou rei
Somente atento à voz do tempo saberei.
(Dani Black)*

RESUMO

Este trabalho discute o debate merleau-pontyano e a sua crítica à noção de corpo-objeto, tal como foi estabelecida pelo cartesianismo e pelo paradigma de uma fisiologia atomista que concebe o corpo *partes-extra-partes*. Merleau-Ponty, a partir de uma abordagem fenomenológica, nos conduz a refletir de forma diferenciada sobre corpo e o comportamento, uma vez que no corpo encontramos intencionalidade, reversibilidade, afetividade e expressividade e não apenas um conjunto de relações mecânicas de causa e efeito. Buscamos, neste estudo, situar a superação do corpo-objeto e o “aparecer” de um corpo atuante e espontâneo, no qual o corpo seja o ator de suas expressões. No primeiro capítulo discutimos sobre a noção de corpo em Descartes, momento em que apresentamos a visão mecanicista de corpo e as suas consequências até os dias de hoje. Em consonância com a visão cartesiana de corpo, como podemos ler na obra *Estrutura do Comportamento*, vimos nascer uma fisiologia e uma psicologia fundada em princípios mecanicistas, como a teoria do reflexo de Pavlov e o behaviorismo radical de Watson. No segundo capítulo, apresentamos a tese merleau-pontyana sobre o corpo próprio e a experiência vivida numa coexistência corpo-mundo-outro. Finalizamos com a tentativa de descrever o corpo próprio em corpos patológicos, analisando o trabalho de diferentes experiências e relatos para discutir a significação existencial do corpo patológico como uma dissonância entre o corpo habitual e atual, fenômeno que obstaculiza uma experiência primordial para a concepção de corpo próprio como intercorporeidade.

Palavras-chaves: Merleau-Ponty, corpo próprio, esquema corporal, intercorporeidade, patologia.

ABSTRACT

This paper discusses the Merleau-Ponty's debate and his critic of the body-object, as it was established by Cartesianism and the atomistic physiology paradigm that conceives the body parts-extra-parts. Merleau-Ponty, from a phenomenological approach leads us to think differently about the body and the behavior, since in the body we find, intentionality, reversibility, affectivity and expressivity, and not just a set of mechanical relations of cause and effect. We seek in this study to overcome the body-object and the "appearance" of an active and spontaneous body, in which the body is the actor of its expressions. In the first chapter we discuss the notion of body in Descartes, where we present his mechanistic view of the body and its consequences to this day. In line with the Cartesian view of the body, as we read in Structure of Behavior, we saw the birth of a physiology and psychology based on mechanistic principles such as reflex theory of Pavlov and radical behaviorism of Watson. In the second chapter, we present the Merleau-Ponty thesis on the body itself and its experiences lived in a body-world-another coexistence. We end up trying to rediscover this body itself in pathological bodies, we analyzed different experiences and stories to discuss the existential significance of pathological body as a dissonance between usual and present body, phenomenon that obstructs a prime experience to the design of the body itself as intercorporeality.

Keywords: Merleau-Ponty, body itself, body image, intercorporeality, pathology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O CORPO-OBJETO E SEUS MECANISMOS FUNCIONAIS PRÉ-DETERMINADOS	14
1.1 A VISÃO MECANICISTA DO CORPO EM DESCARTES.....	14
1.2 O CORPO-OBJETO DAS CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS	16
1.3 A CRÍTICA DE MERLEAU-PONTY.....	22
1.4 A TEORIA DAS FORMAS – GESTALT.....	29
2 OS FUNDAMENTOS DO CORPO-PRÓPRIO E SEUS DISPOSITIVOS FENOMENOLÓGICOS	36
2.1 A VISÃO COMO ACESSO AO MUNDO PERCEPTIVO	36
2.2 A PERCEPÇÃO DO CORPO NO ESPAÇO-TEMPO.....	39
2.3 AS PERCEPÇÕES SINESTÉSICAS.....	45
2.4 A NOÇÃO DE CORPO-PRÓPRIO E O ESQUEMA CORPORAL.....	50
2.5 A TENTATIVA DO REENCONTRO COM O CORPO-PRÓPRIO	56
2.6 A AFETIVIDADE COMO ACESSO AO MUNDO.....	63
3 A RESSIGNIFICAÇÃO CORPÓREA NA EXPERIÊNCIA DA INTERCORPOREIDADE	68
3.1 O QUE ME FAZ SER UM CORPO-PRÓPRIO É O REENCONTRO COM O “SENTIR”	68
3.2 CORPOS LESIONADOS	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as noções de corpo-próprio, esquema corporal e intercorporeidade na obra de Merleau-Ponty. Afinal, como pretendemos apresentar, a teoria do corpo-próprio se compreende pelo esquema corporal e pelo seu modo de ser e agir no mundo, isto é, a partir de outros corpos. Para abordar este tema, foi necessário retomar a tese da fisiologia clássica e da psicologia, numa perspectiva de superação da visão mecanicista acerca do corpo e do comportamento. Esta pesquisa, portanto, discute a relação corpórea sob dois pontos de vista diferentes. No primeiro momento, a partir dos estudos de Pavlov e Watson, apresentamos a tese da fisiologia clássica com seus dispositivos fisiológicos atômicos – *partes-extra-partes* – na explicação do corpo e do comportamento. Num segundo momento, discutimos a visão fenomenológica do corpo a partir da obra de Merleau-Ponty e as suas críticas à objetificação do corpo imposto pela fisiologia, um tipo de corpo-objeto que é entendido como fundamento do determinismo comportamental. A noção clássica de objeto – *partes-extra-partes* – é estendida para o corpo e, desde **A Estrutura do Comportamento**, Merleau-Ponty critica a perspectiva objetivista, que apenas se utiliza dos termos científicos a fim de considerar o corpo e o comportamento. O debate merleau-pontyano com a ciência fisiológica e a superação da noção de corpo-objeto para corpo-próprio através dos seus estudos fenomenológicos, nos leva a refletir, de forma distinta, sobre o corpo e o comportamento. Merleau-Ponty se opõe à visão mecanicista de corpo objeto como fragmento do mundo mecânico, uma vez que para ele o corpo não é coisa nem ideia, mas movimento e sensibilidade. Afinal, no corpo, encontramos intencionalidade, reversibilidade, afetividade e expressividade e não apenas um conjunto de relações mecânicas de causa e efeito. Neste sentido, o que buscamos, neste estudo, é o “aparecer” de um corpo que atua e se comunica com o mundo de forma espontânea e com expressão criadora, superando este corpo objetificado da ciência para vivenciar o corpo-próprio. Para este trabalho, discutimos, principalmente, as teses das obras **A Estrutura do Comportamento** e **Fenomenologia da Percepção**. Todavia, essa pesquisa também não deixou de debater com a tradição crítica sobre o tema e com comentadores das obras do filósofo, assim como considerou os outros textos importantes de Merleau-Ponty: **O**

Visível e o Invisível, O olho e o Espírito, O primado da Percepção e suas consequências filosóficas, A dúvida de Cézanne, As notas de Curso.

No primeiro capítulo, abordamos sobre a visão de corpo em Descartes. Apresentamos a noção de corpo vista por ele, o qual afirma que o corpo é apenas um instrumento do espírito – desta forma Descartes estabeleceu o dualismo, separando as substâncias, corpo e alma. A partir dos estudos sobre Descartes, percebemos que, de certa forma, esta visão dualista permanece até os dias de hoje. Os estudos científicos, herdeiros diretos dessa concepção, permanecem considerando o corpo humano e o comportamento apenas sob o ponto de vista fisiológico. Caso emblemático dessa situação, que discutiremos ao longo do trabalho, aparece nas ciências da saúde em suas diferentes especialidades que a partir de uma concepção atomista do corpo avaliam as patologias e, por consequência o próprio homem, frequentemente de forma fragmentada.

O estudo fenomenológico foi um caminho que Merleau-Ponty encontrou para a tentativa de superação deste corpo pré-determinado pela fisiologia. Nas pesquisas realizadas encontramos algumas críticas feitas por Merleau-Ponty às ciências biológicas e seus determinismos, para isso o filósofo percorreu um longo caminho de estudos, desde Pavlov, Watson, Sherrington e outros, concluindo que o corpo visto somente pelo comportamento reflexo, limita-se ao automatismo e a pesquisas de laboratório. As questões abordadas nas críticas de Merleau-Ponty passam a ideia de que a fisiologia clássica sustentava um corpo que é visto apenas pelo determinismo. Os estudos de Pavlov, por exemplo, não passariam de uma “fisiologia imaginária”, não alcançando toda realidade do comportamento.

Nessa medida, basicamente a crítica de Merleau-Ponty contra a teoria do reflexo é de que as suas teses estão restritas apenas aos laboratórios. Merleau-Ponty considera que existem outras formas de ter acesso ao mundo por meio das nossas percepções visuais, auditivas e táteis. Portanto, o filósofo não se satisfazendo com essa visão objetivista do comportamento motor, busca em seus estudos uma nova concepção de corpo que possa fundamentar, de forma mais clara, as suas críticas ao reducionismo mecanicista do pensamento científico. Afinal, queremos experimentar um corpo não fragmentado, onde possamos melhor compreender as “imagens psíquicas” e “processos fisiológicos” em um mesmo campo de estudos. Merleau-Ponty reelabora a noção de corpo de tal maneira que este passará a ser compreendido mais pela sua espontaneidade desdobrada no

mundo da vida do que pelas teses das ciências de laboratório.

Este corpo estudado pela ciência apenas pelo “em si” nos conduz ao pensamento puramente objetivo e não considera o corpo perceptivo. Entretanto, não podemos reduzir o comportamento motor somente a estudos laboratoriais, pois temos que levar em consideração que, apesar da importância destes estudos biofisiológicos, o reflexo puro é apenas uma análise parcial e restrita do comportamento. Assim, não queremos nesta pesquisa, ignorar a análise reflexiva do comportamento, mas discutir a possibilidade de uma compreensão fenomenológica sobre o comportamento e o corpo.

Na sequência da pesquisa apresentamos os estudos de Sherrington, o qual analisou a relação entre excitação e equilíbrio, mostrando que, para a ocorrência desses fatos, necessitamos de três categorias de receptores: os exteroceptores, os proprioceptores e os interoceptores. No entanto, estes receptores precisam estar em consonância, sendo que cada um possui uma função específica. Portanto, se em algum destes receptores houver uma falha no momento em que o sujeito recebe um estímulo ocorreria um desequilíbrio e isso levaria o organismo a se desajustar, sendo que toda sua estrutura corporal estaria envolvida neste acontecimento. Este sistema corporal ofereceria as condições ideais para que o nosso corpo pudesse se adaptar e se preparar para novas experiências. Todavia, como melhor explicaremos, é o entrelaçamento corpo-mundo que desvela a significação dos dados perceptivos que nos são oferecidos e, também, a resposta do corpo. Não havendo um reflexo somente exteroceptivo ou proprioceptivo, pois são as condições externas e internas que nos dão a possibilidade de perceber o mundo externo.

Outra escola de pensamento estudada por Merleau-Ponty foi a Psicologia da Forma (*Gestalt*), na qual ele comenta sobre as noções de intenção, de sentido, de comportamento e percepção. Com a *Gestalt*, Merleau-Ponty busca superar a visão mecanicista herdada da psicologia comportamental, o que se entende por leis de causas e efeitos. Para Merleau-Ponty, o que está em jogo é uma visão do conjunto corporal no existir humano. Para explicar estas questões, nos baseamos nos estudos da teoria das formas: amovíveis, sincréticas e simbólicas, pois estas são reveladoras do comportamento vivido, pois elas representam a integração entre o físico, o vital e o simbólico.

No segundo capítulo, o percurso realizado se apresenta desde a percepção visual até a linguagem corporal. Num primeiro momento apresentamos a experiência

da visão, como se revela e se processa essa percepção em nosso corpo. Uma vez que a experiência perceptiva é corporal, processando-se de acordo com a situação vivenciada no mundo, portanto a visão é um fenômeno que nos leva ao entendimento do meu acesso ao mundo perceptivo. O meu olhar explora os objetos, as paisagens, as pessoas. Ora, isso se dá devido a todas as possibilidades perceptivas. Afinal tudo que me é oferecido abre os horizontes, oferecendo outras infinitas significações.

Diante dos fenômenos corporais, é na experiência da visão que encontro esta coexistência corpo-mundo de forma diferente da perspectiva objetivista e intelectualista, com o meu corpo fenomênico entrelaçando-me nas experiências do mundo. Contudo, não é somente nossa visão que nos mostra a abertura do mundo, a visão é apenas um fenômeno interligado à espacialidade e à temporalidade, colaborando na estrutura corporal, engajando-me no espaço vivido.

Merleau-Ponty critica o intelectualismo por ignorar a nossa experiência direta no mundo, a intencionalidade, as percepções sinestésicas, pois esses fenômenos contribuem para o entendimento da contiguidade espaço-temporal. Para Merleau-Ponty, a relação espaço-temporal é um dos fenômenos que tornam possível a coesão do ser com o mundo. Em função disso, o corpo habitando o espaço percebe que tudo ao redor lhe solicita. O espaço perceptivo atual abarca o corpo e tudo o que conduz as vivências, integrados nesta perspectiva. Por meio das possibilidades de percepções, o corpo se engaja no mundo por uma espécie de sinergia, no qual deixa sua intencionalidade transparecer através de suas vivências sensoriais.

A intencionalidade realiza uma conexão sensível de existência, abrindo-me para as diversas possibilidades de percepções. Contudo, a motricidade e o esquema corporal são responsáveis pelas relações existentes, mas não de forma exteriorizada e sim numa integração interior-exterior desvelando-se na abertura para o corpo-próprio pela sua motricidade.

As experiências corporais e expressivas como a linguagem, a visão, a motricidade, a sensibilidade – são dispositivos fenomenológicos vivenciados com o ambiente e darão conta de construir as significações entre corpo-próprio, espacialidade e a relação disso tudo com o mundo. Para discutir essa significação do corpo-próprio, abordaremos três patologias estudadas por Merleau-Ponty: o membro fantasma, a anosognose e o caso Schneider, pois a motricidade nessas patologias está alterada. Estas três patologias lançam luz sobre o sentido

fenomenológico de corpo contribuindo para um melhor entendimento do esquema corporal, pois a compreensão das lesões indica um comportamento que se organiza pela sua estrutura como um todo. A ideia é encontrar um “terreno comum” do “em si” e “para si”, a fim de desvelar o sentido mais profundo do comportamento. É quem sabe melhor situar questões em torno da ciência que ainda se manifesta um tanto obscura quando nos referimos ao sujeito e suas experiências vividas.

A explicação tradicional dessas patologias continuam restritas ao campo de explicações objetivistas. Todavia, para Merleau-Ponty, o que pode estar envolvido na ocorrência dessas patologias é muito mais do que a proprioceptividade e exteroceptividade, e sim como este sujeito enfrenta as solicitações do mundo, que aparece, juntamente com a tese do esquema corporal, como o fundo explicativo que nos permite compreender os fenômenos corporais, como membro fantasma, por exemplo, para além de explicações reducionistas.

A linguagem corporal é outro fenômeno abordado nesta pesquisa para embasar a noção de corpo próprio. Vamos discutir, a partir do exame de um caso de afonia, como a experiência da fala está relacionada ao engajamento do ser-no-mundo. Toda expressão – falada ou gestual – repercute no corpo. Desse modo, seria necessário instituir uma nova forma de estudar este corpo, na qual pudéssemos unir o objetivismo e o subjetivismo, de forma que ambos fossem direcionados a um mundo de intencionalidades. Afinal a cada momento surgem novas possibilidades, e elas surgem do meu corpo. Isso significa que busco sempre o encontro com a plenitude, mas ela está sempre se abrindo a novas percepções.

O terceiro capítulo discute a questão da reversibilidade numa tentativa de trazer o sujeito para seu corpo mais originário. Talvez seja neste reencontro com o ser originário que o sujeito consiga alcançar o seu ser corpóreo. Por fim, o ser se comunica através da expressão, esta se manifesta pelas percepções. O estudo do corpo-próprio nos permite buscar o conhecimento do que existe, de fato, neste corpo.

Este co-pertencimento corpo-coisas-mundo, a intencionalidade e a reversibilidade nos leva à deiscência para as percepções do mundo que de certa forma nos conduz à descoberta para a ressignificação corpórea. Este indivíduo na sua totalidade se envolve com seu meio numa abertura para suas experiências vividas, construindo sua subjetividade na pluralidade do mundo. Sua corporeidade simultaneamente com as coisas do mundo vai construindo novos saberes. Pois para

Merleau-Ponty (2011, p.108), “meu corpo é meu ponto de vista sobre o mundo, assim como um dos elementos deste mundo”. Segundo Silva (2009, p.57), “descobrimos uma ordem de existência mais própria do corpo, sua natureza ambígua e paradoxal desvelada em meio à experiência perceptiva”. Essa relação corpórea com o ambiente traz a tona uma discussão que leve em consideração o corpo existente, num contato carnal, manifesto de forma ontológica e cognoscível.

Este estudo perpassa sobre a percepção de um sujeito doente e de um normal, em que procuramos diferenciar os dois pontos de vista. A ideia é exatamente sair deste caráter fragmentado e autômato do comportamento, e ir de encontro com sua totalidade, reconhecendo no corpo toda sua intencionalidade.

Ferraz, (2006, p.207) comenta que o corpo é “visibilidade e sensibilidade, as quais, por uma reversibilidade inerente à constituição corporal, voltam-se para o mundo como capacidade ativa de vidência, de tato e de senciência”. Precisamos ressignificar o corpo no mundo vivido, sem negar as ciências biológicas, apenas debatendo, com elas, os impasses do comportamento. Portanto, buscamos neste estudo, um novo olhar, isto é, um novo paradigma da corporeidade.

Ou seja, o corpo com sua memória temporal se desvela pelo que foi, pelo que realizou, porém, um tempo que agora não é mais real; todavia, este corpo em outro tempo-espaco possuía seu projeto de expressão com sua total motricidade. Mas, quando algo lhe atinge de modo a interferir nesses projetos, ocorre um bloqueio na sua própria ancoragem e nas relações com o espaco, coisas e outros seres. Afinal, o seu corpo presente está fundado no corpo de um tempo que antecede o seu corpo atual.

Na finalização deste trabalho, são apresentados casos empíricos de patologias onde os pacientes relatam sobre o sentido atual de suas experiências após sofrerem a amputação. Os profissionais da área da saúde, algumas vezes se veem limitados devido a essa condição da temporalidade do paciente, que não corresponde com sua condição do seu corpo atual. Diante de uma deficiência corpórea, a função da reabilitação é de oferecer ao paciente lesionado uma condição para que ele disponha de seu corpo da melhor forma possível mesmo com suas limitações. Muitas vezes nos deparamos com a própria recusa da deficiência, ou seja, um corpo que lida apenas com o seu habitual, se apresenta debilitado na sua totalidade, não aceitando a deficiência atual e, assim, também não aceita a reabilitação.

Essa ponte entre fisioterapia e filosofia pode nos proporcionar uma ressignificação dos corpos, e quem sabe possamos compreender que a reabilitação não precisa ser exclusivamente da ordem da motricidade, pois ela passa pela compreensão do próprio corpo dada em uma rede de relações que entendemos como intercorporeidade.

1 O CORPO-OBJETO E SEUS MECANISMOS FUNCIONAIS PRÉ-DETERMINADOS

“A mente começa no corpo”.

(Paulo Leminski)

1.1 A VISÃO MECANICISTA DO CORPO EM DESCARTES

Nesse capítulo, discutimos num primeiro momento, a visão mecanicista de Descartes e as suas repercussões nas teorias fisiológicas modernas - dos séculos XIX e XX - sobre o corpo. Durante tal investigação, encontramos alguns pontos de vista diferentes que nos instigam a uma busca mais detalhada de seu significado. Por volta dos séculos XV, XVI e XVII, quando acontece a revolução científica com pensadores como Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650), Newton (1642-1727) e outros, se desfaz o pensamento da concepção orgânica de mundo, característica da Idade Média, inaugurando um novo paradigma de mundo, uma visão mecanicista e determinista acerca da natureza e do corpo.

Num segundo momento, apresentaremos a crítica fenomenológica sobre a noção de corpo objetivo, herdeiro dessas teses. Desde Descartes com de seus fundamentos mecanicistas sobre o corpo e na sequência Merleau-Ponty, o que está em questão é um complexo estudo do corpo, no que se refere ao seu sentido e presença no mundo e também como possibilidade de uma subjetividade encarnada.

Segundo Medina (1990 p.56), desde Descartes, as noções de corpo e coisa se confundem, sendo o corpo um instrumento do espírito. Estabelece-se, aqui, o dualismo corpo-alma. Foi, sobretudo, com Descartes que a alma e o corpo passaram a ser vistos como duas substâncias ontologicamente diferentes. A partir do cartesianismo, na era moderna, o homem passou a vivenciar e privilegiar o trabalho puramente intelectual, enquanto o corpo, como matéria, era apenas uma espécie de suporte pelo qual se conduziam os pensamentos. Em **Paixões da Alma**, Descartes (art. 2, p. 227), comenta “que para conhecer as paixões da alma cumpre distinguir entre as suas funções e as do corpo”. Ele afirma que o corpo atua contra a alma e esta se une ao corpo, o que para a alma é uma paixão, para o corpo é uma ação.

Por isso, segundo Descartes, devemos examinar a diferença existente entre a alma e corpo e separar as suas funções.¹ Na sua visão intelectualista, tudo o que sentimos existir em nós e que vemos existir também nos corpos, só deve ser atribuído ao nosso corpo. E tudo que não pertencer a um corpo, deve ser atribuído à nossa alma. Para ele, não se pode conceber que um corpo pense, pois toda espécie de pensamento pertence somente à alma. Para Descartes todo calor e movimentos existentes em nós pertencem ao corpo, sendo a ausência da alma que faz cessar os movimentos e o calor do corpo, e por fim afirma que todos os movimentos do corpo dependem da alma. Ainda, no (art. 4-6 p. 228) de **Paixões da Alma**, Descartes estabelece: “Que o calor e movimento dos membros procedem do corpo, e os pensamentos da alma.” Esta passagem faz referência ao momento em que ele diferencia um corpo vivo de um corpo morto, “afirmando que a morte só acontece por que alguma parte do corpo parou de se mover”, comparando o corpo humano há um relógio ou outro objeto autômato que quando uma peça se quebra seus movimentos cessam e suas ações param.

Não há quem não saiba que existem em nós um coração, um cérebro, um estômago, músculos, nervos, artérias, veias e coisas semelhantes, sabe-se também que os alimentos ingeridos descem ao estômago e as tripas, de onde o seu suco, correndo para o fígado e para todas as veias, se misturam com o sangue que elas contêm, aumentando, por esse meio, a sua quantidade. Aqueles que ouviram falar por pouco que seja da medicina sabem, além disso, como se compõe o coração e como todo sangue das veias pode facilmente correr da veia cava para seu lado direito, e daí passar ao pulmão pelo vaso que denominamos veia arteriosa, depois retornar do pulmão ao lado esquerdo do coração pelo vaso denominado artéria venosa, enfim, passar daí para a grande artéria, cujos ramos se espalham pelo corpo inteiro. E que todos os movimentos dos membros dependem dos músculos e que estes músculos se opõem uns aos outros, de tal modo que, quando um deles se encolhe, atrai para si a parte do corpo a que está ligado, o que provoca ao mesmo tempo o alongamento do músculo que lhe é oposto; enfim sabe-se que todos esses movimentos dos músculos, assim como todos os sentidos, dependem dos nervos, que são como pequenos fios ou tubos que procedem, todos, do cérebro, e contém, com ele, certo ar ou vento muito sutil que chamamos espírito animais.(DESCARTES, 1978 p.

¹Considero que não notamos que haja algum sujeito que atue mais imediatamente contra nossa alma do que nosso corpo ao qual está unida, e que, por conseguinte, devemos pensar que aquilo que nela é uma paixão é comumente nele uma ação; de modo que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções existentes em nós. (DESCARTES, Art. 2, p.227).

² Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), doutorou-se em medicina em 1883, realizando estudos sobre a função do pâncreas. Na sequência, estudou o papel do sistema nervoso sobre o coração, o sistema digestório e secreção salivar, partindo para os estudos dos reflexos condicionados, investigando os

228).

Por meio desta concepção, Descartes define o espírito em contraposição ao corpo numa perspectiva mecanicista. Enfim, o método cartesiano e o dualismo “corpo-mente” estão, de certa forma, impregnados na visão científica da atualidade. A medicina hoje com suas especialidades, trabalha como se estivesse ainda dividindo o corpo em partes. Concebe o corpo a partir de uma perspectiva determinista, semelhante à tese mecanicista da natureza, em que tudo acontece por uma causa pontual com efeitos já pré-determinados. Segundo Medina:

Há um desserviço mecanicista que uma medicina ainda cartesiana vem fazendo à interpretação da realidade corpórea. A cardiologia vendo o corpo como um sistema de irrigação e bombeamento, a ortopedia como um sistema de alavancas e campo de trações, a gastroenterologia como sistema de tratamento de matérias ingeridas, que vai do alimento nobre às fezes, e assim por diante. Portanto, viva o clínico geral que, apesar de suas limitações provocadas pelo progresso das ciências contemporâneas, é o cara que costuma ver o sujeito de corpo e alma (MEDINA, 1990, p.68).

É preciso que a própria medicina supere esta visão fragmentada de corpo, na qual alguns profissionais da área fazem de suas especialidades suportes objetivistas, segundo os quais avaliam seus pacientes com diagnósticos parciais, pois este isolamento das especializações e as análises médicas podem deixar de lado o corpo como um todo, com suas dores e com suas limitações. Pois utilizando protocolos generalistas, se mantém avaliando o corpo de forma determinista e objetivista, esquecendo-se de que a história e experiências do indivíduo estão inseridas no seu corpo.

1.2 O CORPO-OBJETO DA FISIOLOGIA CLÁSSICA

Enfim, o que é um corpo-objeto? É um corpo que realiza suas ações de forma mecânica, pura e simplesmente por seus influxos nervosos. Segundo os estudos das ciências biológicas agem sempre pelo comportamento reflexo, e neste comportamento não existe nenhuma forma de intencionalidade. O corpo-objeto se limita ao automatismo. Na obra **A Estrutura do Comportamento**, Merleau-Ponty discute sobre a fisiologia e seus determinismos. As noções da fisiologia moderna de corpo *partes-extra-partes* e a tese do comportamento reflexo oferecem uma base para que seja afirmada a definição de corpo objeto no qual só imperam relações

mecânicas exteriores.

A definição de objeto é a de que ele existe *partes-extra-partes* e que, por conseguinte, só admite entre suas partes ou entre si mesmo e os outros objetos relações exteriores e mecânicas, seja no sentido estrito de um movimento recebido e transmitido, seja no sentido amplo de uma relação de função variável (MERLEAU-PONTY, 2011, p.111).

A fisiologia clássica sustenta a ideia de um corpo a partir da visão mecanicista, persistindo os problemas de natureza sistêmica, implicando na elucidação do funcionamento do organismo como um todo. Esta abordagem faz com que o corpo seja ainda estudado de forma fragmentada e apesar de todos os estudos já realizados, a discussão persiste. Porém, lembremos que a fisiologia dos sistemas orgânicos não esgotou as suas pesquisas.

O corpo-objeto é reconhecido pelo ordenamento dos dispositivos fisiológicos que ele carrega dentro de si, como: órgãos, organelas, neurônios e raízes nervosas. A interpretação mecanicista do modo como operam esses dispositivos sustenta a tese do comportamento reflexo. Na teoria clássica do comportamento reflexo os estímulos e as respostas corporais obedecem a seguinte lógica: a excitação e a reação se decompõem de uma tal forma que o processo de estímulos se opera parcialmente e são exteriores uns aos outros, no tempo e no espaço. Neste caso, o comportamento seria uma resposta de correlações já preestabelecidas que ocorrem no substrato anatômico. Os órgãos efetores, os sistemas receptores, o sistema músculo esquelético seriam responsáveis por todo esse processo, não obtendo ou não existindo nenhuma outra forma de ocorrer estímulos ou respostas fora desse arranjo fisiológico. Conforme os estudos de Pavlov² sobre a do reflexo, o indivíduo possui quatro elementos necessários para estudar a concepção do reflexo. Esses elementos são: estímulo, lugar da excitação, arco reflexo e reação. Pavlov revolucionou a clínica médica da época quando decidiu estudar sobre a teoria do condicionamento reflexo. Para existir um reflexo se faz necessário um estímulo que anteceda esse reflexo, o estímulo será decomposto causando assim um efeito que é o que chamamos de reação. O reflexo, estabeleceu Pavlov, é a ocorrência mais

² Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), doutorou-se em medicina em 1883, realizando estudos sobre a função do pâncreas. Na sequência, estudou o papel do sistema nervoso sobre o coração, o sistema digestório e secreção salivar, partindo para os estudos dos reflexos condicionados, investigando os hemisférios do cérebro, suas funções e relações com o meio externo (PAVLOV, 1984, p. 7).

simples da estrutura fisiológica e deve servir de fundamento para a explicação do comportamento:

Eis um esquema geral e fundamental do reflexo: o aparelho receptor (órgãos dos sentidos ou terminações sensíveis dos nervos), o nervo aferente (é por estes nervos que a excitação caminha em direção ao sistema nervoso central), a estação central e o nervo eferente (centrífugos, conduzem os impulsos do sistema nervoso central ao órgão efetuator, músculos e glândulas) com seu órgão efetuator. (PAVLOV, 1984 p.108-109).

Pavlov sustentava que o comportamento reflexo, retratava unicamente um campo de fatos fisiológicos, mas encontramos uma descrição mais complexa desse processo a partir das pesquisas de Sherrington (S). Na descrição de S., o trajeto definido conforme seu órgão receptor ocorre sempre a partir da relação entre estímulo e resposta. A escola de S. deu ênfase aos estudos dos centros superiores, “tentando aproximar as estruturas e as funções entre si”, desta forma estudou a “estrutura do córtex cerebral e sua atividade” (PAVLOV, 1984, p.109-110).

Quando falamos em motricidade relacionamos o corpo a uma espécie de dualidade, na qual temos um corpo-objeto, desta forma, nos permitimos a estudá-lo apenas de forma fragmentada, deixando de lado um corpo que vive experiências. Portanto, reduzimos o corpo a fórmulas explicativas como essa do sistema neuronal de S., na qual a excitação reflexa pode variar, como por exemplo, no caso de coçar, em que S., afirma que o lugar da excitação depende da intensidade e da frequência da excitação (MERLEAU-PONTY, 2006, p.18).

O campo receptor é estritamente definido apenas nas condições artificiais da experiência de laboratório ou ainda nas condições patológicas. [...] Admite-se normalmente que é impossível determinar para cada ponto da retina um “valor espacial” fixo e que conseqüentemente o “signo local” de cada sensação (se conservarmos essa noção) não é uma função simples da posição do excitante na retina. A excitação da mácula pode produzir sensações localizadas “na frente”, “à direita” ou “esquerda”, conforme a posição do olho com relação à órbita e da cabeça com relação ao corpo. Da mesma maneira a excitação de um receptor pode provocar diferentes reflexos e a excitação de dois pontos distintos pode dar lugar ao mesmo reflexo (SHERRINGTON citado por MERLEAU-PONTY, 2006, p. 18).

Para a teoria clássica do reflexo, cada receptor está ligado por conexões preestabelecidas a todos os dispositivos motores, sendo que “a mesma resposta motora” pode ser fornecida de forma que seus comandos sejam enviados para os diferentes pontos do organismo e que, para cada receptor, existe, como afirma S.,

as suas “ligações que já são preestabelecidas, podendo assim comandar todo circuito”³ (MERLEAU-PONTY, 2006, p.20).

No entanto, considerando os estudos de Sherrington e mais precisamente da fisiologia contemporânea “nunca há reflexo exteroceptivo puro”, ou seja, um reflexo influenciado apenas por um estímulo externo, pois os reflexos necessitam tanto, de cenários exteriores quanto de condições interiores, tudo isso com múltiplas facetas. Por exemplo, com relação às vias piramidais⁴, elas têm a função de impedir que este estímulo ocorra, em uma lesão local, vai ocorrer o reflexo. Sherrington explica que no sujeito normal este reflexo não ocorre porque as vias piramidais inibem o reflexo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.23). Uma lesão nestas vias acarreta hipertonia muscular ou espasticidade, dificultando a motricidade do sujeito.

E outro estudo de Sherrington, sobre a dependência de cada reflexo com relação aos que o precederam. Entre estes estudos de Sherrington sobre irradiação na excitação de raízes nervosas, encontramos o que ele chama de “lei de proximidade espacial” que “estabelece entre raízes aferentes e eferentes a relação funcional da distância”. Ele demonstra também que no caso de excitantes mais fracos, ocorre divisão da descarga motora. Sendo assim, “as raízes motoras não são unidades funcionais”. Enfim, sustenta Sherrington “cada sistema motor exige um excitante de uma certa natureza”. Desta forma, acredita-se que conforme o grau de excitação há um grupo muscular trabalhando por inteiro ou não (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 31-32).

Para Merleau-Ponty (2006, p.33) o grande mérito de Sherrington “foi de ter generalizado a ideia de inibição, de ter entendido que todos os reflexos envolvem, em proporções variáveis, excitações e inibições”. Conforme a estimulação que pode durar mais ou durar menos e também pode ser de maior ou menor intensidade é que

³Acontece com relação ao conhecimento do organismo o que assinalamos com relação ao conhecimento da natureza: acostumamo-nos a tratar como “causa” a condição sobre a qual podemos agir mais facilmente. Se nos esquecermos de mencionar, entre os antecedentes do reflexo, aqueles que são interiores ao organismo, são porque com frequência eles se encontram reunidos no momento oportuno. Mas essa constância relativa das condições intra-orgânicas constitui em si mesma um problema, já que, nem anatomicamente, nem funcionalmente, o sistema reflexo é um sistema isolado e que, assim, a permanência das condições interiores não pode ser considerada como dada por uma estrutura preestabelecida. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.20).

⁴ As vias piramidais localizam-se na medula, compreendem dois tractos, o córtico-espinhal anterior e o córtico-espinhal lateral que originam-se no córtex cerebral e têm função de conduzir impulsos nervosos aos neurônios da região anterior da medula. (MACHADO, 2002, p.157).

irão variar as ações inibidoras e excitatórias. Portanto, “a excitação é elaborada de forma que quando ocorre um aumento notável ela se traduz nos sistemas motores, por novos movimentos se dividindo entre eles para executar um gesto com sentido biológico”. Chegando, enfim, a uma lei do comportamento que não pode ser vinculada aos dispositivos locais, mas depende de todo organismo e isso inclui o Sistema Nervoso Central (SNC) e todo o restante que possa interferir nas ações (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 34).

Ainda em seus estudos, Sherrington observou, por exemplo, que para ocorrer excitação de forma equilibrada, é necessário que três categorias de receptores estejam em consonância: os exteroceptores, proprioceptores e interoceptores. Os exteroceptores localizam-se na superfície externa do corpo e são responsáveis pela sensação de calor, frio, tato, luz e som. Os proprioceptores localizam-se mais profundamente, situando-se nos músculos, tendões, ligamentos e cápsulas articulares. E neste caso os impulsos nervosos podem ser tanto conscientes quanto inconscientes. Os impulsos proprioceptivos conscientes atingem o córtex cerebral, permitindo que o indivíduo, mesmo de olhos fechados, tenha consciência do posicionamento de seu corpo. Já os impulsos proprioceptivos inconscientes não despertam sensações, sendo utilizado pelo SNC para regular a atividade muscular através do reflexo miotático ou dos centros envolvidos na atividade motora, especialmente o cerebelo. Os interoceptores localizam-se nas vísceras e nos vasos sanguíneos e dão origem às sensações viscerais como a fome, sede, dor, prazer e pressão arterial (MACHADO, 2002, p. 107).

A mudança descontínua das excitações motoras reflexas e, levando em consideração que surge um novo funcionamento nervoso, com uma sequência onde os circuitos já não são mais fundamentais, mas com uma nova criação de excitantes a cada momento da atividade do sistema nervoso (SN) e de acordo com a exigências do organismo, isso para o próprio Sherrington supera a concepção do reflexo, as excitações dependem de como se encontra o SN e de suas intervenções (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 34).

Merleau-Ponty acredita que com os estímulos e seus receptores acompanhados de trajetos nervosos que seriam específicos, e com este processo acontecendo ao mesmo tempo, torna-se difícil explicar essa cadeia de eventos, até porque, para cada evento reflexo-estímulo o posicionamento do membro estimulado pode ser variável, o evento nunca ocorre partindo de uma mesma posição. Para

Sherrington, isso ocorre porque o movimento pode ser adaptado sem uma “mensagem proprioceptiva vinda do membro movido”, ou seja, a proprioceptividade não teve nenhuma influência na indicação da mudança do movimento. Pode se afirmar que o “reflexo traz em si as condições de um movimento de localização correto”. Como acontecem estes estímulos? Entende-se que é um processo de adaptação e que este não ocorre “apenas com a relação ao espaço ocupado por nosso corpo”. É preciso encontrar outro modo de estímulo que possa nos oferecer outra resposta, e sabe-se que “o espaço exterior também é atingido pelos reflexos de forma igual”. Como podem se tratar eventos considerados apenas fisiológicos, se na sua própria ação se percebe que não são estímulos apenas exteroceptivos? Por exemplo, um indivíduo com olhos vendados que recua há certa distância e na sequência quando lhe solicitam que prossiga ele consegue, seja andando para frente ou para os lados (MERLEAU-PONTY, 2006 p.39). Isso significa que não existiu controle visual nesta ação, portanto aqui não houve estímulo exterior. O que parece é que nem somente o reflexo e nem somente a exteroceptividade são responsáveis pela reação obtida.

Em sua obra **A Estrutura do Comportamento**, Merleau-Ponty destaca alguns aspectos importantes a serem estudados para um melhor esclarecimento da análise do comportamento reflexo. Para um melhor entendimento destes aspectos os estudos iniciam pelo próprio estímulo. No início dos estudos fisiológicos acreditava-se que para cada estímulo existia uma reação já preestabelecida. Um exemplo seria coçar ou dobrar a orelha ou um simples balançar da orelha de um animal, sendo assim ocorreriam os estímulos se de fato os mesmos receptores fossem atingidos nas regiões, mantendo-se as diversas combinações dos mesmos estímulos e dos mesmos movimentos elementares (MERLEAU-PONTY, 2006, p.12).

Pois o que se entendia era que no circuito do comportamento emergiam terminações nervosas e o poder da inervação oferecia estímulo suficiente ao organismo para que este pudesse enfim transformar o mundo físico, e, neste mundo físico o sujeito se comunicaria de acordo com seus estímulos. Neste caso os aparelhos nervosos eram então os responsáveis por criar as diferentes estruturas. Sendo assim, a visão, a audição e o tato que também são maneiras de ter acesso ao objeto, não estariam incluídas nesta estrutura, de modo que a relação estímulo-percepção podia ser clara e objetiva, o acontecimento psicofísico também poderia ser considerado como causalidade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 111).

1.3 A CRÍTICA DE MERLEAU-PONTY

Conforme a filosofia de Merleau-Ponty, o corpo não pode estar no espaço de forma atômica, mas sim de uma forma carnal, enquanto uma subjetividade que vive e sente as experiências e acontecimentos do mundo. O corpo realiza sua alteridade com o mundo de maneira complexa, isto é, além de processos mecânicos de causa e efeito. Então, como o corpo pode ser definido ou simplesmente caracterizado de forma mecânica como sustenta a própria fisiologia? Ou, como estabelece Merleau-Ponty (2011, p.111) por que a ciência somente foi capaz de pensar o corpo como um objeto, como coisa entre coisas? Pensando nessa questão, o filósofo se amparou na própria fisiologia para fazer uma crítica a essa forma de pensar o corpo mecanicamente. Além do mais, a concepção do corpo em *partes-extra-partes* não sustenta a validade do argumento mecanicista, pois as partes do corpo não existem isoladamente, mas formam um todo, no qual ainda interfere a presença do outro e das coisas de forma estrutural, como melhor veremos no segundo capítulo. Essa nova maneira de compreender o corpo é o que permite reencontrar na filosofia de Merleau-Ponty uma subjetividade encarnada.

Para Merleau-Ponty, o fato fisiológico era tratado por uma espécie de uma “fisiologia imaginária”, que alcançava toda a realidade do comportamento. Esse “fato fisiológico” seria um “equivoco”. A fisiologia clássica, como também a teoria do reflexo, não diferencia os fenômenos que estão ocorrendo no cérebro das relações com o comportamento do animal ou do ser humano, levando em conta apenas ações puramente objetivas que poderiam ser mapeadas no substrato neurofisiológico. Merleau-Ponty comenta que o funcionamento nervoso, para a teoria do reflexo, nada mais seria do que o acionamento de um número grande de circuitos nervosos autônomos. O reflexo apareceria como um fenômeno longitudinal, no qual um estímulo depende de outro e que os agentes físico-químicos são definidos assim como o receptor pelo seu trajeto e sua resposta (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 7-8). Considerando essa ideia de estímulo-resposta já preestabelecida como entender, por exemplo, que o influxo nervoso possa escolher exatamente o caminho no qual o indivíduo necessita naquele momento para obter uma resposta? Outro detalhe importante é compreender como “o influxo escolhe, entre as vias abertas, justamente aquela que provocará o movimento conveniente na situação

considerada” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.39).

Na obra **A Estrutura do Comportamento**, Merleau-Ponty (2006, p.84) considera que “a teoria dos reflexos condicionados é uma construção inspirada nos postulados atomistas da análise real”. Assim, esta tese não apresenta um estudo que possa comprovar cientificamente todas as análises do comportamento. Ele ainda argumenta que o reflexo é somente uma análise parcial; obtendo uma visão restrita, forçada e reduzida do comportamento, raramente encontrado na natureza, uma vez que é um dado de laboratório.

Sabemos que os movimentos reflexos são considerados apenas através das ações objetivas, sem que se considere qualquer ato de consciência nem de intencionalidade. Mas esta visão objetivista do comportamento motor não satisfaz Merleau-Ponty. Além do mais, apesar de todas as terminações nervosas, as quais possibilitam ao organismo transformar o mundo físico, existem também outros aspectos que nos dão acesso a este mundo, que são: a visão, o tato e a audição, nos oferecendo formas para ter acesso aos objetos. O que o filósofo busca é exatamente a unidade do corpo, uma vez que para ele, não podemos estudar esse corpo separando o estímulo, a excitação e a reação como se fossem meros acontecimentos fragmentados. Precisamos, antes buscar o verdadeiro sentido do comportamento, tendo uma visão do todo. O problema que Merleau-Ponty (2006, p.85) questiona, neste caso, “é o de buscar uma resposta para o que ele chama de “imagens psíquicas” e “processos fisiológicos” de um mesmo objeto”, estes dois aspectos, são colocados separadamente no SN, enquanto ambos deveriam ser colocados como estrutura, ignorando o atomismo.

Portanto, conforme a fisiologia, quando realizamos atividades ou nos movimentamos estamos agindo no mundo de forma mecânica. E é esse agir autômato, pressuposto da teoria objetivista do corpo que está no centro da crítica de Merleau-Ponty. Para ele, a tese do indivíduo autômato não reconhece acontecimentos ou relações entre corpo e mundo, como podemos ler na sua crítica à teoria do reflexo na **Estrutura do Comportamento**:

No estudo científico do comportamento (..) Se tenho fome e se, absorvido por meu trabalho, levo a mão para um fruto posto por acaso próximo de mim e o levo a boca, o fruto não é considerado como um objeto investido de um certo valor; o que deslança a minha reação motora, é um conjunto de cores e de luzes, o estímulo físico e químico(MERLEAU-PONTY, 2006, p. 8).

Não encontramos nesta descrição a relação imanente do comportamento com a intencionalidade, se de alguma forma, o “comportamento parece intencional”, é devido aos seus “trajetos nervosos pré-estabelecidos”, o que confirma a teoria mecanicista do comportamento segundo os estudos da teoria clássica do reflexo. Merleau-Ponty (2006, p. 9) considerava que a teoria clássica do reflexo era “ultrapassada pela fisiologia contemporânea”, questionando a compreensão sobre a “ordem no reflexo, sobre a adaptação da resposta ao estímulo e a coordenação dos movimentos parciais no gesto total”.⁵ Para ele, é a subjetividade do organismo que deve lhe conferir a coexistência. As qualidades da fruta e as intenções do sujeito se organizam numa imanência, constituindo um todo, pois o organismo se oferece “às ações do exterior”, selecionando o meio que mais se ajusta a ele, “escolhendo no mundo físico os estímulos aos quais será sensível” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 14-15).

Para a teoria clássica, os reflexos seriam apenas processos objetivos dos quais a consciência pode constatar os resultados, mas, a própria consciência, não faz parte deste processo, uma vez que os reflexos são considerados processos cegos. Já para Merleau-Ponty, o reflexo é sempre um acontecimento muito raro. O comportamento acontece e se organiza sempre de acordo com uma situação complexa que vai além de estruturas neuronais. O próprio comportamento, desde os seres mais simples parecem contradizer a teoria do reflexo. A relação estímulo resposta não se mostra presente no comportamento vivido, não é previsível, nem sempre um estímulo acarreta a mesma resposta. Esse pensar objetivo, que coloca tudo o que percebemos como objeto e não questiona o perceber, desconsidera as experiências vividas e a intencionalidade, reduzindo o comportamento a algo conhecido somente em estudos de laboratório, por meio de seus dispositivos fisiológicos.

Os estudos biológicos têm como objetivo de acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 67), “aprender o que faz de um ser vivo, um ser vivo”. Para compreender

⁵ Se estes estímulos são garantidos pelas conexões preestabelecidas desde a superfície sensível até os músculos efetores, a concepção clássica coloca em primeiro plano as considerações de topografia; o lugar da excitação deve decidir quanto à reação; o estímulo deve agir por suas propriedades que podem modificar os elementos anatômicos considerados um a um; o circuito nervoso deve ser isolado, já que, se não fosse guiado dessa maneira, o reflexo não poderia ser adaptado ao estímulo como de fato o é. Ora, sabemos há muito tempo que o reflexo assim definido é raramente observável. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 10)

melhor a relação de estímulo-sensações, Merleau-Ponty se baseia nos estudos da fisiologia, sendo que a própria fisiologia pós-teoria do reflexo fundamenta a estrutura do esquema corporal quando coloca em questão a perspectiva localizacionista de que, para cada sentido, corresponderia uma região específica do corpo. A função do Sistema Nervoso (SN) é certamente a de conduzir impulsos nervosos para que os estímulos enviem respostas para os centros determinados, já preparados para receber essas informações. Porém será que isso acontece sempre da mesma forma pré-estabelecida por seus mecanismos? Ou o entrelaçamento corpo-espaco-coisas é que definem os dados perceptivos? O que nos mostra a crítica a teoria do reflexo:

A crítica a teoria do reflexo e a análise de alguns exemplos mostram que deveríamos considerar o setor aferente do sistema nervoso como um campo de forças as quais exprimem simultaneamente o estado intra-orgânico e a influência dos agentes externos; essas forças tendem a se equilibrar de acordo com certos modos de distribuição privilegiados e obtêm das partes móveis do corpo os movimentos próprios para isso. Os movimentos, na medida em que são executados, provocam modificações no estado do sistema aferente, que, por sua vez, provocam novos movimentos. Esse processo dinâmico e circular garantiria a regulação flexível de que precisamos para dar conta do comportamento efetivo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.68).

Sabe-se que existem cinco vezes mais vias aferentes que eferentes, portanto um mesmo substrato nervoso pode se abrir desencadeando reações com qualidades diferenciadas (MERLEAU-PONTY, 2006, p.19). Além do mais, não há consenso entre os estudiosos a respeito da interpretação destes estímulos. Essas questões nos mostram que encontramos no organismo conteúdos de associação automática já pré-estabelecidos, mas essa lógica não pode ser universalizada para todo o organismo. Os processos de coordenação e de integração, juntamente com a ideia de controle ou inibição, sugerem que no SN existe um “primeiro grau composto de arcos reflexos ligado a uma instância superior, no qual teria centros que coordenariam ou dispositivos” que os inibem, sendo assim, teríamos uma sequência de associação, dissociação e automatismo. São essas sequências de acontecimentos fisiológicos difusos que Merleau-Ponty coloca em dúvida e por isso quer esclarecer, uma vez que segundo a fisiologia cada reflexo possui uma região específica de excitação e resposta. Neste ponto, o filósofo questiona a ideia central do localizacionismo: a existência de um receptor para cada estímulo, no qual as respostas sejam determinadas. Portanto, a teoria do funcionamento nervoso nos leva a pensar em outras possibilidades de excitações sugerindo a partir desses

estudos, novas hipóteses para essa teoria. Por exemplo, o circuito reflexo, depende das reações simultâneas ou de reações que precedem a resposta. Parece, que “tudo acontece como se o SN não pudesse fazer duas coisas ao mesmo tempo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 27).

A dúvida de Merleau-Ponty: o que regula e dirige o movimento no caso do indivíduo de olhos vendados? Sabemos que não pode ser somente o dispositivo visual. O próprio Watson acreditava que o “movimento não pode ser guiado por reprodução exteroceptivas”. Ele mostrou por meio de experiências que só os estímulos exteroceptivos não representam processos cinestésicos e Lashley através de seus estudos provou que ratos, mesmo após a ablação do cerebelo, ainda são capazes de percorrer o mesmo caminho que aprenderam anteriormente, ou seja, de acordo com esses estudos não se pode considerar somente as “imagens cinestésicas como únicos princípios diretores do movimento” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.40). Para Watson a psicologia tem função de estudar comportamentos objetivos, concretos e observáveis. Enquanto o behaviorismo estuda o comportamento humano e animal por intermédio da observação, de maneira objetiva (estímulos e respostas) em que a característica do comportamento se faz pela resposta a estímulos externos. O problema clássico que sempre gerou conflito entre fisiologia e comportamento, é o de reduzir o comportamento a uma soma de reflexos condicionados, não admitindo relação nem conexão intrínseca.

Merleau-Ponty critica alguns aspectos da psicofisiologia da época relacionados ao estudo do comportamento. No caso de um doente, por exemplo, sua conduta não pode ser determinada pela patologia em si, pois a relação das cronaxias é determinada, não por algum dispositivo inibidor localizado, mas pela situação nervosa e motora e toda a estrutura do organismo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 25). Ele acredita que é no “organismo que devemos encontrar o que faz um estímulo complexo parecer mais do que a soma de seus elementos”. Portanto, não se podem considerar as reações qualitativas como aparências e nem as reações reflexas como únicas (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13). A crítica de Merleau-Ponty a respeito da ciência, é porque ele não acredita que ela possa ser um fim que justifique todos os acontecimentos do mundo ao nosso redor em relação a nós mesmos; ele não aceita que possamos nos ver de fora, pois isso representaria nos ver como um mero “objeto”. Ele não desconsidera a ciência, apenas reflete sobre ela num contexto mais amplo, ou seja, considerando que a constituição do corpo no

geral não pode ser comparada com uma máquina, no qual só receberia estímulos exteriores, com uma forma já determinada, pois segundo Merleau-Ponty (2006, p.14), “o próprio organismo contribui para constituir essa forma”. Afinal, é meu próprio corpo que atribui sentido as coisas e aos objetos existentes, é mediante dele e por ele que me relaciono com o meio, é com meu corpo fenomênico que percebo e realizo ações, é por meio das experiências vividas pelo meu próprio corpo que me considero parte deste mundo, no sentido de existir e agir como sujeito. O corpo atuante sempre intenciona algo, implicando no funcionamento do organismo como um todo e não está simplesmente respondendo a estímulos externos. Essa dialética que perpassa as nossas vivências interroga ao mundo que imediatamente se direciona a nós, inquirindo-nos e nos conduzindo a alteridade, que se dá pelas experiências inscritas no corpo, que é o ator dessas expressões.

Quando minha mão, segurando um instrumento de captura, acompanha cada esforço do animal que se debate, fica claro que cada um de meus movimentos responde a uma estimulação externa, mas também que essas estimulações não poderiam ser produzidas sem os movimentos pelos quais exponho meus receptores à sua influência (MERLEAU-PONTY, 2006, p.14).

As qualidades do objeto misturam-se com a intencionalidade do sujeito e este emaranhado de acontecimentos compõe integralmente a produção do comportamento. Neste sentido, o corpo se organiza, oferecendo-se aos estímulos que lhe são atribuídos, “escolhendo no mundo físico os estímulos aos quais será sensível” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.15).

Essa é uma das questões cruciais discutidas neste capítulo, em que inquirimos compreender esta inter-relação corporal. Como ocorre este entrelaçamento corpo-espaco e as coisas existentes, na qual o corpo e as coisas se comunicam e como se dá essa relação?

A teoria das localizações nervosas apresenta-se, conforme citado anteriormente, na lógica da causa e efeito. O cérebro teria uma funcionalidade, na qual prevalece a sua organização, portanto, uma ação levaria a outra, assim como o reflexo de extensão e de flexão. No reflexo de extensão, por exemplo, (presente nas paralisias periféricas), não se identifica o automatismo, pois “o trajeto que vai do córtex às vias piramidais e às córneas anteriores não está absolutamente envolvido”. Isso porque quando algumas pessoas estão em posição normal, ou seja, sentadas, elas podem apresentar o reflexo de extensão, porém se o joelho estiver flexionado e

a pessoa em posição ventral ou executando alguns movimentos de cabeça, ela não apresenta o reflexo. Mas a relação, seja “normal ou patológica, dessas cronaxias só pode ser determinada pela situação nervosa e motora no conjunto do organismo” e não por um dispositivo inibidor localizado. Nesta sequência de estímulos “a ação do cérebro na atividade reflexa não é mais autorização dada ou recusada por uma instância superior a processos automáticos ou autônomos”.⁶ Essas questões representam um novo tipo de análise, em que seus estudos têm ênfase na biologia do comportamento levando em consideração a psicologia e a fisiologia. Visto por este aspecto o cérebro tem a função de reorganizar o comportamento, adaptando-o à vida, sendo assim sairia do processo de apenas associar, dissociar esses mecanismos preestabelecidos (MERLEAU-PONTY, 2006, p.26-27).

É preciso que se abra um campo comum de estudos para ambas as áreas – psicologia e fisiologia. Devido a necessidade de superar essas teorias fisiológicas, tanto de Watson quanto de Pavlov. Nesse sentido, Merleau-Ponty foi buscar respostas na fenomenologia, pois para a teoria da fisiologia nervosa, esses estímulos ainda acontecem seguindo a teoria de um corpo objetivo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.17). Não podemos nos restringir apenas às explicações associacionistas da noção de comportamento. A busca aqui é, exatamente, pela superação destas teorias que revelam um sujeito, onde o comportamento apresentase de forma objetivista, na qual nem sempre podemos entender todas as suas implicações.

Vejamos a seguinte situação: nos movimentos de coordenação fina da mão como no caso da preensão, temos a ação dos músculos primários que são os flexores, mas observa-se também uma ação dos antagonistas que são os extensores, isto vai depender do objetivo a “ser alcançado e também do tipo de

⁶Na teoria do reflexo como na do funcionamento central, teve-se inicialmente a tendência de designar, para cada elemento nervoso, um fragmento do comportamento que dele dependeria: localizaram-se as “imagens verbais”, buscou-se, para cada movimento reflexo, um dispositivo especializado. Os fatos não permitiram que essa análise real do comportamento em fragmentos isoláveis bastasse. Foi se cada vez mais percebendo que as diferentes regiões nervosas correspondiam não a partes reais do comportamento – a palavras, a tal reflexo definido por seu estímulo -, mas a certos tipos ou a certos níveis de atividade – por exemplo, à linguagem voluntária, distinta da linguagem automática, aos reflexos de flexão que, comparados com os reflexos de extensão, representam uma adaptação mais fina, de valor superior. É pois um novo gênero de análise, fundado no sentido biológico dos comportamentos, que se impõe ao mesmo tempo à psicologia e à fisiologia. A intervenção das influências cerebrais teria por efeito reorganizar o comportamento, elevá-lo a um nível superior de adaptação e de vida, e não apenas associar, dissociar dispositivos preestabelecidos (MERLEAU-PONTY, 2006, p.26-27).

movimento a ser executado” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.28). Portanto, o que acontece tanto nos flexores quanto nos extensores precisa ser esclarecido. Trata-se de um fenômeno ainda complexo. Contudo, o próprio comportamento parece contradizer essas teorias; afinal, a relação estímulo-resposta não se mostra presente no comportamento vivido, pois o comportamento vivido não é previsível, percebe-se que nem sempre um estímulo acarreta a mesma resposta. O que está em jogo é uma visão do conjunto corporal no existir humano.

Desta maneira, foi o estudo da teoria das formas que contribuiu para esclarecer algumas questões importantes no conjunto do corpo. Assim sendo, Merleau-Ponty também concentra sua atenção na Psicologia da Forma (*Gestalt*). Ele fundamentou seus estudos na fisiologia clássica que já foi apresentada também nas teorias da psicologia. Embora seus argumentos se fundamentem nessas teorias, vão além delas. Visto que, em sua análise sobre o comportamento, o filósofo possui um grande interesse em compreender a noção de intenção e a noção de sentido, visando superar a visão mecanicista de um corpo que responde apenas a causas e efeitos herdados da teoria clássica do reflexo e do behaviorismo. Ainda que o behaviorismo de Watson seja importante para Merleau-Ponty, na medida em que desloca a análise do comportamento do substrato fisiológico para o observável, o comportamento ainda continua sendo pensado a partir de uma lógica atomista de estímulos e reações.

1.4 A TEORIA DAS FORMAS – *GESTALT*

Os estudos da teoria da forma, além de se opor ao objetivismo, também se opõem ao subjetivismo, pois a própria Psicologia da Gestalt se apoia na fisiologia do Sistema Nervoso (SN) quando explica a relação sujeito-objeto no campo perceptível. Em sua obra, **A Estrutura do Comportamento**, Merleau-Ponty explica que, “a Psicologia da Gestalt tem consciência das consequências que um pensamento puramente estrutural acarreta e procura ampliar-se na Filosofia da Forma que substituiria a filosofia das substâncias” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.206).

Enquanto virmos no mundo físico um ser que abarca todas as coisas e quisermos aí inserir o comportamento, seremos remetidos de um espiritualismo que somente mantém a originalidade das estruturas biológicas e psíquicas opondo substância a substância a um materialismo que somente mantém a coerência da ordem física reduzindo a elas as duas

outras. É preciso na realidade entender a matéria, a vida e o espírito como três ordens dos significados, mas não é com um critério exterior que julgaremos a pretensa filosofia da forma. Gostaríamos, ao contrário, de voltar à noção de forma, de procurar em qual sentido podemos dizer que formas existem “no” mundo físico e “no” corpo vivo, perguntar à própria forma a solução da antinomia que ela produz a síntese da natureza e da ideia (MERLEAU-PONTY, 2006, p.212).

Qual a verdadeira função da Psicologia da Gestalt no estudo do comportamento? Houve a tentativa de escapar das pesquisas clássicas do movimento, pois a própria física clássica não aceitou os estudos da Psicologia da Gestalt, por ser diferente. Merleau-Ponty (2006, p.214), considera que “a física clássica coloca o indivíduo com um total individualismo”, enquanto a Gestaltheorie nega este individualismo, buscando respostas que não sejam somente vindas do interior do indivíduo. Pois se o comportamento não pode se resumir apenas aos aspectos fisiológicos, também não pode ser visto somente a partir do intelecto. Pensando nessas antinomias – comportamento como coisa ou como puro pensamento - Merleau-Ponty iniciou sua pesquisa no sentido de estudar o comportamento como uma estrutura. Falabretti (2008, p.157) considera que “não podemos deixar de reconhecer que toda estrutura comporta um sistema vivo de mudanças e movimentos”. E essas mudanças não podem ser consideradas como simples fatos associacionistas ou ainda, determinadas por um pensamento puro.

A teoria da *Gestalt* busca dar atenção à percepção no sentido do comportamento e na sua estrutura, pois a percepção se compõe a partir de uma organização estrutural. Portanto, precisamos compreender o que essa estrutura representa em relação à percepção e como a percepção trabalha no reconhecimento das formas.

Köhler e Kofka, teóricos da escola de Berlim, “não admitiam a estrutura como parte do conteúdo mental”. Para Falabretti (2008, p.164) eles “negavam a ocorrência das formas como elementos psicológicos”. A questão das formas como uma “atividade psicológica”, seria um “resultado de um processo de integração entre o campo fenomenal e o físico”. Ainda, segundo Falabretti (2008, p. 164), “o interessante nestes estudos é que tanto Köhler como Kofka consideram as qualidades da *Gestalt* em sua composição geral, como uma nova revelação para os estudos do sujeito e o mundo vivido”. Foi a partir destes estudos que se considerou uma nova fase da psicologia, pois a teoria da *Gestalt*, colaborou, de certa forma, para que os estudos fossem direcionados para uma nova visão do sujeito e sua

relação com as coisas.

Silva (2012, p. 143) comenta que a psicologia proposta por Kofka “está na vanguarda de um novo horizonte da ideia de subjetividade que se institui, agora, em meio aos fenômenos psicológicos”. Para os gestaltistas, é importante deixar, de lado, essa consciência que é sempre separada da ação, para eles, agora o corpo é o que dá acesso para a exploração das experiências vividas. Silva (2012, p. 143), ainda considera que “neste contexto, o fenomênico se desvela com uma experiência não mais fragmentada do indivíduo situado, que há um sentido total, um efeito global e indivisível entre o organismo e o meio”. Esta imbricação entre o organismo e o meio é que leva o corpo a ser no mundo em situação, no qual o comportamento desvela uma estrutura.

As reações desencadeadas por um estímulo dependem da significação que este tem para o organismo considerado não como um conjunto de forças que tendem ao repouso pelas vias mais curtas, mas como um ser capaz de certos tipos de ação. As reações dependem não de condições locais, mas da atividade total do organismo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.230).

É o organismo como um todo que se projeta ao que vê e percebe, da mesma forma, o que é visto se mostra para o sujeito de acordo com seu posicionamento, desta maneira o sujeito que vê apenas o vê por um determinado prisma, ainda assim, o todo está continuamente se apresentando ao sujeito conforme a situação vivenciada. E quando nos referimos ao “todo” significa que todos os dispositivos fenomenológicos estão envolvidos nesta estrutura comportamental, neste encontro entre o corpo e o que se mostra para ele. Neste sentido, a teoria das formas não exclui os aspectos fisiológicos, físicos e mentais que são também reveladoras do comportamento vivido.

As relações do sujeito e do corpo não se fazem somente em função de relações de causalidade ordenadas no meio físico, mas também pelo que Merleau-Ponty (2006, p.233) chama de “significado vital”. Para ele, “a ciência da vida só pode ser construída com noções feitas sob medida e emprestadas de nossa experiência do ser vivo”. Em **A Estrutura do Comportamento**, para pensar as relações entre o físico, o vital e o simbólico, Merleau-Ponty recorre à teoria das formas amovíveis, sincréticas e simbólicas. Essas três formas, três campos de estudo – o físico, o vital e humano – articulam-se entre si. Conforme Falabretti (2013, p.311), “são três tipos de estruturas intercambiáveis e em cada uma das situações encontramos a

participação comum de todas as estruturas”. O comportamento das formas sincréticas observado, por exemplo, nas estrelas do mar, parece sugerir um predomínio exclusivo somente de causas materiais. A estrela do mar muito dificilmente se adapta a um ambiente novo, pois basicamente responde somente a estímulos de maneira quase autômata. Portanto, relaciona-se ao campo físico com suas ações puramente mecânicas. Já as formas amovíveis tem relação com a vida, e estas formas apresentam uma maior possibilidade de se adaptar ao meio e a situações novas. De acordo com Falabretti (2013, p. 310), “dependem do conjunto que são constituídos entre o organismo e os elementos do mundo físico”, no campo fisiológico, seus estímulos podem se reorganizar no espaço e no tempo. E as formas simbólicas, representantes de um comportamento superior, estão inseridas no campo simbólico, se relacionam com o espírito e a liberdade. Contudo, o mais fundamental, é considerar que, primeiramente, não encontramos nenhuma diferença ontológica entre tais formas, uma vez que se elimina o caráter dualista do físico e mental. Em segundo lugar, a matéria, a vida e a liberdade atuam, ainda que em graus diferentes, nas três formas. Não há organismo puramente simbólico, nem um organismo exclusivamente determinado por relações materiais mecânicas.

Para Merleau-Ponty a causalidade mecânica, a força vital e a liberdade estão, em graus distintos, presentes nas três formas. Podemos reencontrar na estrela do mar um grau de liberdade, como também encontramos no homem relações mecânicas de causa e efeito. Portanto, a condição autônoma do homem no seu dia-dia está ligada à sua capacidade de buscar ou reorganizar o estímulo, isto é, perceber nestes estímulos a essência do que lhe manifesta, havendo uma entrega total do ser com as coisas e com os outros. Enfim, encontrará as significações a partir das estruturas e da intencionalidade. E esta possibilidade da intenção que nos permite compreender a diferença entre as estruturas corporais e a consciência.

A tomada de consciência nada acrescenta às estruturas físicas, é somente o índice de estruturas físicas particularmente complexas. Essas estruturas, e não a consciência devemos dizer, é que são indispensáveis para a definição do homem (MERLEAU-PONTY, 2006, p.212).

As estruturas agregadas ao meu corpo é que conferem sentido às coisas e aos outros, o corpo quando se expõe ao estímulo externo intenciona o que está ali se mostrando para ele, e nesta intenção entrelaçam-se numa imbricação. Enfim, são estas estruturas que confirmam ao corpo a sua totalidade. A totalidade diz Merleau-

Ponty (2006, p.248), “não é uma aparência, é um fenômeno”. Se pensarmos apenas num corpo fisicamente descontínuo, onde não ocorram correlações a não ser por conexões nervosas reflexas, estaríamos nos limitando às aparências, enquanto que os fenômenos estão o tempo todo nos oferecendo respostas e este sim deve ser uma realidade admitida *a priori*.

A verdade é que, assim como uma figura deve seu aspecto característico ao fundo sobre o qual se destaca, cada movimento supõe no conjunto do sistema nervoso condições positivas e negativas, mas estas não devem ser realizadas isoladamente, como se viessem somar-se a reações já prontas e modificá-las no último momento. Seria mais conforme aos fatos considerar o sistema nervoso central (SNC) como o lugar onde se elabora uma “imagem” total do organismo, na qual o estado local de cada parte se encontra expresso – de uma maneira que ainda falta precisar. É essa imagem de conjunto que comandaria a distribuição dos influxos motores, lhes daria logo de início a organização que o menor de nossos gestos testemunha, dividiria a excitação entre os flexores e os extensores, considerando-se o estado dos órgãos terminais (MERLEAU-PONTY, 2006 p.30).

Desta maneira, Merleau-Ponty aborda os fenômenos do corpo, tentando superar o dualismo cartesiano, corpo-espírito. Sendo assim, o filósofo utiliza termos oriundos da psicologia, que são o comportamento e percepção, para que, a partir destes, pudesse encontrar uma resposta a este tão complexo meio de relação que temos que é o corpo, partindo de um corpo-objeto para reencontrar um corpo-próprio. Essa busca de resposta o incentivou para os estudos da psicologia da forma, o qual, segundo Coelho Jr. e Carmo (1991, p. 41) “passa a estudar a complexidade do existir humano a partir do sentido apreendido através de uma visão de conjunto”. Ora, o estudo da forma nos remete a pensar que o corpo possui um comportamento estrutural e, através desta, é que este corpo se engaja com as coisas do mundo. Portanto, ao falarmos de comportamento, o que está em evidência é a estrutura ou a forma deste comportamento. E qual é a importância da *Gestalt* neste conjunto corporal?

Podemos afirmar que as leis que regem o funcionamento do organismo se dão conjuntamente à estrutura do comportamento, levando-se em conta que o equilíbrio do organismo é obtido com relação a condições exteriores dadas. A forma seria uma espécie de vetor que busca um equilíbrio se preparando para mudanças. Portanto, podemos compreender que as leis que comandam nosso organismo recebem total influência do espaço perceptivo do momento (SOARES, 2004, p. 7).

Nosso corpo recebe estímulos externos, mas a resposta vai depender do que esses estímulos significam para o organismo. E, na sequência, a influência

determina a estrutura deste comportamento. Para Merleau-Ponty (2006, p. 224), “a forma é, não uma realidade, mas um objeto de percepção, sem o qual, aliás, a ciência física não teria sentido, pois é construída em função dele para coordená-lo”.

Conforme Merleau-Ponty (2011, p.24), “cada parte da figura anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está carregada de um sentido”. Perceber vai além do ver, pois a coisa percebida está entre as outras coisas. Vamos construindo a nossa percepção conforme o que nos foi oferecido, pois estamos engajados com o mundo percebido. Ou seja, um comportamento não é uma mera resposta; ele se volta para os estímulos, para o corpo como uma totalidade, para o meio, para o que está ali se mostrando. Merleau-Ponty reconhece, nesse ato, uma visão pré-objetiva, uma atuação do ser no mundo.

Cada organismo tem, pois, na presença de um meio dado, suas condições ótimas de atividade, sua própria maneira de realizar o equilíbrio, e as determinantes interiores desse equilíbrio não são dadas por uma pluralidade de vetores, mas por uma atitude geral com relação ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.232).

Não podemos entender o comportamento apenas sob o aspecto anatômico, como seu funcionamento se desse apenas pelos órgãos que utiliza, pois desta forma o reduziríamos apenas ao processo físico.

Merleau-Ponty (2006, p.236-237) considera que: “o todo, numa forma, não é a soma das partes, pois o modelo físico da Psicologia da Gestalt tem pouca relação com os fenômenos da vida”. Para o filósofo, não podemos “pensar o corpo, apenas como contrações musculares, mas como um ato”. Esse ato deve ser direcionado a algo, ou alguma coisa, seja “presente ou virtual”. O que se pretende examinar é que um “organismo em laboratório não é uma realidade biológica”. O que Merleau-Ponty (2006, p.236-237) pensa com relação a essas questões é que fisicamente não podemos “desenhar o contorno do comportamento natural”, mas que este deve ser “extraído do comportamento de fato”. Entretanto, há o um organismo que é formado por segmentos e constituído pela matéria.

A crítica de Merleau-Ponty (2006, p.237), é que, neste organismo, “todos os acontecimentos que nele se desenrolam possuem o mesmo grau de realidade e não há, por exemplo, distinção entre o normal e o patológico”. Ele ainda considera que o corpo visto desta forma não é “nem objeto da biologia e nem da fisiologia”.

O processo de desenvolvimento do ser humano passa por incontáveis

modificações da infância, adolescência, vida adulta até o envelhecimento, porém cada sujeito possui sua individualidade de maturação e se forem analisados de acordo com a fisiologia, “perderiam seus contornos próprios” sendo inseridos no mundo objetivamente. Portanto deixariam de sofrer diferenciações, tendo seu desenvolvimento praticamente imperceptível. Entretanto, a vida não pode ser apenas “a soma destas reações”. É preciso encontrar um modo ou um ponto de imersão no qual possamos perceber dentro deste contexto corporal uma configuração de expressão individual.

A percepção de um corpo vivo ou, como diremos daqui por diante, de um “corpo fenomênico”, não é um mosaico de diversas sensações visuais e táteis que, associadas à experiência interior dos desejos, das emoções, dos sentimentos, ou entendidas como os sinais dessas atitudes psíquicas, receberiam delas um significado vital. Toda teoria da “projeção”, seja empirista, seja intelectualista, supõe o que gostaria de explicar, já que não poderíamos projetar nossos sentimentos no comportamento visível de um animal, se alguma coisa nesse próprio comportamento não nos sugerisse a inferência. Ora, não é a semelhança entre nossos próprios gestos e os gestos do outro que pode dar-lhes seu valor expressivo: a criança entende o sentido alegre do sorriso muito antes de ter visto seu próprio sorriso, o das mímicas ameaçadoras ou melancólicas que nunca executou e para as quais sua experiência particular não pode fornecer nenhum conteúdo. Enfim, o ser vivo é conhecido muito antes do inorgânico – o que a expressão “animismo infantil” explicita imprecisamente -, e é um anacronismo considerar a percepção do ser vivo como secundária. É preciso, pois que gestos e as atitudes do corpo fenomênico tenham uma estrutura própria, um significado imanente, que ele seja imediatamente um centro de ações que irradiam num “meio” certa silhueta no sentido físico e no sentido moral, certo tipo de conduta (MERLEAU-PONTY, 2006, p.244).

A condição de uma criança reconhecer no adulto, expressões que ela mesmo não vivenciou com seu próprio corpo, é o processo fenomênico que faz o sujeito vivenciar ontologicamente suas experiências. Sendo assim, o que comandaria a ação não seriam os influxos pré-determinados ou, ainda, a imagem que foi elaborada no SNC, mas uma experiência mais complexa que integra o físico, o mental e a percepção do ser-no-mundo. Como veremos a seguir, esse pressuposto estrutural do comportamento, também explicaria as noções de corpo próprio e percepção, pois a percepção se dá num contexto, ou seja, num conjunto de estruturas nas quais meu corpo está envolvido.

2 A PERCEPÇÃO DO CORPO-PRÓPRIO E SUAS DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS

“Todo organismo é uma melodia que canta a si mesmo”.

(Jacob Uexkull)

2.1 A VISÃO COMO ACESSO AO MUNDO PERCEPTIVO

Estou no mundo pelo corpo. Por meio de minha experiência corporal entre em contato com as coisas e com o outro, isto é, vivo a experiência da percepção. A experiência da visão, de certo modo, retrata a minha situação no mundo, ou seja, revela como a percepção se processa. O meu corpo é o fiador da minha experiência perceptiva e, ao mesmo tempo, de maneira indissociável a experiência perceptiva é corporal.

Ora, como isso se revela? Como se dá essa certeza da minha presença no mundo pela percepção?

A minha situação no mundo e o modo como entro em contato com as coisas pode ser explicado pelo fenômeno da visão. A experiência da visão pode ser uma forma de compreender o meu acesso ao mundo perceptivo.

O mundo é aquilo que vemos, e nele estamos situados, com suas significações, com sua linguagem, com sua expressividade, com seu tempo e com todos os seus ingredientes, precisamos segundo ele “aprender a ver esse mundo”. (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 15-16).

Ver o mundo é ver as coisas dele ou nele. Assim como vejo a caneta na minha mão e o papel no qual escrevo ou mesmo como vejo meu espaço, as coisas e outros seres nele existentes. Essa é a forma pela qual me relaciono mediante a visão. Ou, de acordo com Merleau-Ponty (2012 p.17), “é no horizonte de todas essas visões ou quase visões que está o próprio mundo no qual habito o mundo natural e o mundo histórico, para ele, esta é minha visão”. Portanto, ver é sempre ver por um determinado prisma ou lugar, uma questão de perspectiva. O meu olhar é que me dá acesso aos objetos, coisas e pessoas, mas essa capacidade de visão não se encerra em sua perspectiva, pois sempre quando fixo o olhar num objeto, me mantenho observando-o e explorando todas as possibilidades perceptivas que

possa ter dele, que se mostra como um inesgotável campo de horizontes. A percepção é o modo pela qual visualizo o objeto, possibilitando o acesso às coisas, a estrutura objeto-horizonte com sua perspectiva, é o meio pelo qual os objetos se desvelam.

Ver é entrar em um universo de seres que se mostram, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim. Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 105).

Para ver é necessário olhar e só vejo o que está ao meu alcance. Portanto, ver é muito mais do que simplesmente olhar, ver é perceber, é entrar em contato com o que é visto e fazer parte do universo da coisa observada, o corpo se aproxima do que é visto por meio do olhar e interage com o mesmo a partir do momento vivido. Quando vejo um objeto e para tê-lo no olhar por completo, devo eliminar toda sua circunvizinhança, porque olhar é “entranhar-se nele”, observo então mais profundamente a figura do que o seu fundo, de maneira que “adormeço a sua circunvizinhança para ver melhor o objeto”, pois todo horizonte só se faz se houver outros “objetos circundantes” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 104).

Segundo Merleau-Ponty (2011, p.104), eu “apoio meu olhar em um fragmento da paisagem, ele se anima e se desdobra, os outros objetos recuam para a margem e adormecem, mas não deixam de estar ali”. O pequeno fragmento faz com que o meu olhar se fixe nele, mas, neste momento, esse olhar se abre pela sua perspectiva espacial, explora seu horizonte e descobre novas possibilidades de visualização. Porém, todas as outras coisas e objetos continuam ali prontos para serem também vistos. Ou seja, nunca vejo todas as coisas ao mesmo tempo e nem o objeto no seu todo, apenas em partes, conforme o espaço e localização em que me encontro.

Merleau-Ponty (2004, p.14-15) escreve sobre a experiência perceptiva, citando como exemplo as pinturas de Cézanne, onde as partes de seus quadros são vistas de ângulos distintos, oferecendo ao espectador atento uma visão na qual dois objetos nunca podem ser vistos ao mesmo tempo, e que entre os espaços existentes temos um tempo necessário para levar nosso olhar para outra imagem. Neste caso o ser não se enquadra no determinismo do mundo e sim aparece ou transparece através do tempo. Deste modo, o observador, que vê pelo seu ponto de

vista, não pode parecer como que um sujeito sem corpo, não pode ser colocado apenas como um observador com pura inteligência, mas sim um corpo que vê pela sua capacidade sensível de perceber o objeto ou as coisas ao seu redor por meio do olhar. É o olhar, este dispositivo fenomenológico que alcança a figura e seus contornos, o fundo e os objetos. Além do mais, pela da experiência da visão eu descubro como o corpo em conjunto com as coisas opera no mundo, diferentemente da perspectiva objetivista e intelectualista. Um corpo fenomênico, conforme a interpretação de Caminha engaja-se com as coisas do mundo e se compreende a partir do sujeito da percepção.

A experiência de ver não significa afastar-se da impressão sensível e transformá-la em pensamento. O olho não é só instrumento da excitação corporal, que permite um sujeito de natureza espiritual afirmar de ver. O olho não é objeto, mas sujeito do ato de ver. Todavia, para estabelecer argumentos que sustentem tal afirmação é preciso admitir que o corpo seja o sujeito originário do ato de ver. Todavia, sentir a cor vermelha não pode ser, apenas um ato consciente, identificado como uma experiência interior, fruto de uma inspeção do espírito (CAMINHA, 2013, p. 115).

Mesmo sendo a visão responsável pelo ato de ver, percebe-se que o corpo é o sujeito primordial desta ação, através dele se faz a relação sujeito-objeto-espaco. Nesta relação corpo-espaco eu vejo o que se mostra para mim e intenciono o que se apresenta ao meu olhar, diante da minha percepção. Meu corpo se dirige para as coisas pela sua intencionalidade; o corpo é contornado de intencionalidade que não depende diretamente da consciência, mas que surge de uma circunstância pré-reflexiva. Ao ver o outro e ao deixar-me ser visto eu me descubro e desvelo meu próprio corpo, por ser uma relação de visões, todavia, não sou capaz de me ver como o outro me vê, portanto, é o outro que me torna sensível, um corpo com possibilidades ao ser visto revela-me ao mesmo tempo em que o outro desvela o seu corpo. É neste encontro que me descubro como um corpo no mundo que age e interage. Quando olho algo, existe algo que me seduz na coisa olhada. De acordo com Caminha (2013, p.116), “é o olhar que dá sustentação subjetiva ao ato de ver”. Afinal, o olhar é uma forma de se dirigir para o mundo. Com suas diversas formas de situar esse fenômeno da visão é que vou ao encontro do que está diante da minha percepção, num engajamento contínuo. Este fenômeno se faz pelo encontro de um objeto que se mostra e um sujeito que olha, sabemos que a fisiologia pode explicar como funciona essa capacidade de ver, e que as características do objeto olhado

também podem ser definidas, no entanto, conforme Caminha (2013, p.116), “a fisiologia não consegue encontrar argumentos para compreender a experiência do olhar”. Nesta experiência descubro como o corpo opera no mundo, integrando-o a partir de uma percepção pré-reflexiva. Portanto, a teoria fenomenológica da visão, revela a percepção como uma experiência que não se resume às operações do sujeito e nem está submetida àquilo que o objeto me impõe, mas é um encontro entre corpo e mundo. Sendo assim, a teoria da visão estabelece que o exame da experiência perceptiva desdobrada, abre-se para uma nova compreensão do mundo e do corpo, rompendo com as teses atomistas.

2.2 A PERCEPÇÃO DO CORPO NO ESPAÇO-TEMPO

O fenômeno da visão forma uma unidade com a experiência perceptiva imbricada na espacialidade. E esta imbricação desvela na estrutura corporal, as dimensões para se engajar neste espaço vivido, pois o corpo possui sua própria espacialidade e de acordo com Merleau-Ponty (2011, p.149), “não haveria espaço se eu não tivesse um corpo”. Essa perspectiva fenomenológica sobre a presença do corpo no mundo abre-se, de acordo com Umbelino, para significação espacial:

Para além de uma distância física ou geométrica que existe entre nós e as coisas, uma proximidade vivida une-nos aos lugares que contam aos lugares que nos aparecem, efetivamente, banhados de autenticidade e carregados de experiência (UMBELINO, 2008, p. 224).

Meu corpo se encontra agora num determinado lugar. Ele é capaz de visualizar outros objetos e coisas. Assim a minha percepção com relação a eles modifica dependendo do prisma em que eu me encontro no momento, sendo que a percepção está sempre presente nesta conjunção corpo-espaço. O argumento de Merleau-Ponty não se fundamenta em um objetivismo espacial, já que, para ele, não existe a possibilidade de percebê-lo sem uma significação singular para o corpo e vivenciamos este entrelaçamento corpo-mundo das experiências numa contiguidade. Além do mais, é no espaço⁷ que o corpo se encontra, todavia, a contribuição dos sentidos na vivência da espacialidade, não é reconhecida pelo

⁷O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível (MERLEAU-PONTY, 2011 p.328).

intelectualismo, o que para Merleau-Ponty, é considerado um retrocesso à objetividade.

O capítulo I da **Fenomenologia da Percepção** inicia criticando o objetivismo científico que “ignora o sujeito da percepção”, pois reconhece o mundo já determinado. Neste ponto, a percepção seria incluída como um simples acontecimento deste mundo acabado, mas para Merleau-Ponty (2011, p.285), “todo saber se instala nos horizontes abertos da percepção”, quer dizer, a percepção está sempre “enraizada” no mundo.

Como ocorre a percepção em nós? Enquanto continuarmos colocando o “eu empírico” e o “corpo” como objetos, não a compreenderemos. A dicotomia estabelecida pela filosofia pós-cartesiana acabou dissociando: “o sensível e o inteligível, o singular e o universal, a multiplicidade e a unidade” (DIAS, 1989, p.10). Estas questões instigaram Merleau-Ponty a conciliar o que se apresenta separado; é preciso haver um sentido quando digo que vejo, por exemplo, “um pedaço de cera”. Ora há uma abertura para a liberdade que me possibilita encontrar outros campos abertos e possíveis de perceber. Desta forma, as sensações nos conduzem e nos ensinam a “relação viva daquele que percebe com seu corpo e com seu mundo”⁸ (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 281), de modo que esta sensação não está no mundo das coisas, nem no espaço e no tempo. Ela se faz no entrelaçamento, nesta circunvizinhança, do corpo-espaço-tempo.

Este espaço não deve ser pensado de forma abstrata e isolado, mas sim numa “conexão” com o tempo. Merleau-Ponty cita o exemplo da casa que é vista hoje e que é a mesma casa que foi vista ontem; porém um dia mais jovem; a própria casa tem suas mudanças, uma vez que o tempo passou e a casa também envelheceu. Assim, mesmo que desabe amanhã, permanecerá a verdade de ter existido um dia, pois o tempo de hoje é sempre a prova de que outros tempos existiram. Tudo passa como tudo acaba. O presente representa um tempo atual que reconhece todos os outros tempos que já passaram; por isso, Merleau-Ponty relaciona a visão com a questão espaço-temporal, porque quando se refere ao objeto percebido, afirma que cada objeto é visto de todas as partes, mas em tempo

⁸ O sujeito da percepção permanecerá ignorado enquanto não soubermos evitar a alternativa entre o naturante e o naturado, entre a sensação enquanto estado de consciência e enquanto consciência de um estado, entre a existência em si e a existência para si (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 281).

diferente e conforme a estrutura do horizonte.

Assim também acontece com os corpos, objetos e coisas, pois estão entre a perspectiva temporal e espacial, Merleau-Ponty (2011, p.106) considera, que “cada momento do tempo se dá por testemunho dos outros”, um tempo que passa e outro que ainda chegará, enquanto o presente retém o passado que o precedeu, da mesma forma que o futuro terá seu horizonte de iminência. Da mesma maneira os objetos permanecem se apresentando abertamente ao meu olhar, uma vez que eles estão ali abertos à minha percepção. O prisma pelo qual observamos as coisas ou objetos tem relação com uma perspectiva espacial e temporal. Afinal, a contemplação também se dá na temporalidade⁹, pois ele é constituído e possui passado, presente e porvir¹⁰. De acordo com Merleau-Ponty (2011, p.108), “o objeto está exposto por inteiro, seu presente não apaga seu passado, seu futuro não apagará seu presente”. O modo de tratar a relação com o mundo faz com que minhas próprias histórias estejam imbricadas¹¹ com esse mundo. Todavia, a potência do sujeito neste mundo visual nos leva a compreender melhor a relação corpo-espaco-tempo, um corpo que interage através do que vê e percebe. A minha percepção não traz um novo “sentido à minha vida”. A “exploração sensorial” confere o tempo que passou ao tempo atual, orientando-o ao porvir, mas não sou eu que realizo estas atribuições e sim meu corpo “enquanto sei olhar”. Mesmo antes de ser real, a percepção agrega em nós uma “pré-história”, a percepção conserva um passado no seu presente. Ora, esta temporalidade de alguma forma sempre é retomada nas coisas que contam, nas coisas que significam, nas coisas que ficam¹²,

⁹ A temporalidade é o verdadeiro nome do ser, pois “nada existe, tudo se temporaliza” (MERLEAU PONTY, 1996, 383); está implicada no sentido do ser do mundo e da subjetividade, pois “o mundo é o único do tempo”(id) e “a subjetividade é o próprio tempo”(MERLEAU PONTY, 1996, 278). A temporalidade é, portanto, “campo de presença”, ou seja, indivisivelmente dimensão do mundo e dimensão do sujeito (DUPOND, 2010 p.69).

¹⁰ Não é o passado que empurra o presente, nem o presente que empurra o futuro para o ser; o porvir não é preparado atrás do observador, ele se premedita em frente dele, como a tempestade no horizonte (MERLEAU-PONTY, 2011 P.551).

¹¹ Essa noção de “imbricação” faz parte do dispositivo conceitual que mostra que a realidade última não é uma soma de coisas ou de indivíduos espaço temporais, que têm todos uma determinação completa e uma identidade distinta num espaço e num tempo partes extra partes, mas uma unidade do Ser que é “coesão pela impossibilidade” ou “que faz sua unidade através das impossibilidades”, ou por “oposição real(Kant)” (MERLEAU PONTY, 2012, 314), como em uma língua em que a unidade se faz por oposição recíproca: “Para além da alternativa entre exterioridade corporal e interioridade espiritual, o Ser é imbricação de tudo sobre tudo, ser de promiscuidade” (MERLEAU PONTY, 2012, 287), (DUPOND, 2010, p.41).

¹² Não haveria o presente, quer dizer, o sensível com sua espessura e sua riqueza inesgotável, se a percepção, para falar como Hegel, não conservasse um passado em sua profundidade presente, e

o tempo me oferece a possibilidade de reencontrar as experiências do passado no meu presente, não numa “posse absoluta de mim por mim mesmo”. Enfim, o “vazio do futuro se preenche sempre com um novo presente” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.323).

Para Merleau-Ponty (2011, p.328) é por meio da relação espaço-temporal que as coisas se colocam no ambiente real ou lógico. Sendo assim o posicionamento e visualização das coisas se tornam possível e da mesma forma realizo minhas conexões com o mundo ao redor. Essa experiência vai muito além da forma e do conteúdo. Para Merleau-Ponty (2011, p.334-335), “se faz necessário buscar a origem deste espaço-tempo, esta exploração se constitui pela capacidade de agir do sujeito que precede o espaço”. O corpo situa-se no espaço e nele se projeta aos outros corpos e aos objetos, na projeção se orienta de acordo com a situação, Merleau-Ponty (2011, p. 338) considera que “tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço.” Somos sujeitos em estrutura, mas de forma sensível e perceptível estamos engajados num horizonte espaço-temporal. O tempo se configura nas nossas experiências e, para Merleau-Ponty (2011 p.549), elas se “dispõem segundo o antes e o depois”, esta temporalidade se desvela num “algo verdadeiro” que se mantém eterno e “permanece perpetuamente para nós”, pois o que já vivenciamos no presente “crava-se no tempo” (DUPOND, 2010 p.70).

Mesmo diante do que para mim “é passado ou futuro” irá continuar nas minhas experiências “presente no mundo”. O que vivencio no tempo atual, referencia o que já vivenciei num tempo passado e o futuro, este porvir inexplicável será apenas o meu presente, ou de forma original, o tempo não deveria ser apenas o passado, presente e futuro, no qual o presente remete um passado se tornando apenas uma passagem temporal, mas também a “passagem do futuro ao presente”, portanto são as “relações temporais que tornam possíveis os acontecimentos no tempo”. Conforme Merleau-Ponty (2011, p.555), “é a consciência que se desdobra ou constitui o tempo. Pela idealidade do tempo, ela deixa de estar encerrada no presente”. Contudo, a “consciência não paira sobre o tempo”, não é ela quem

não o contraísse em si. Ela não faz atualmente a síntese de seu objeto, não que ela o receba passivamente, à maneira empirista, mas porque a unidade do objeto aparece pelo tempo, e porque o tempo escapa a si na medida em que ele se retoma (MERLEAU-PONTY, 2011, p.322).

determina o tempo, ela está enlaçada no tempo, e este, “não surge sem ela”, nem por “meio dela”, portanto, “a temporalidade é, “campo de presença”, ou seja, indivisivelmente dimensão do mundo e dimensão do sujeito” (DUPOND, 2010, p.69). Sendo a temporalidade campo de presença, é também o que fundamenta a verdade, mantendo tudo, de maneira que não pode jamais ser alienada a outro momento. O tempo, trata-se de um tempo imbricado em nós, inseparável do mundo e da percepção. Neste sentido meu campo perceptivo, traz consigo um “horizonte de retenções” e “protensões”, (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 558). Para Husserl (2001 p.61) reconhecemos a protensão “em cada fase perceptiva” assim como em cada fase reconhecemos um “novo sentido”, no qual temos novas possibilidades perceptivas. Se eu tivesse encontrado várias maneiras de olhar, teria percebido de diferentes formas. Afinal, toda “percepção pertence sempre um espectro de percepções passadas”. Todavia, essas percepções passadas conduzem a “lembranças suscetíveis de serem recordadas e toda lembrança em si”, tem como “espectro, a intencionalidade”, na qual as “lembranças possíveis” chegam até “minha percepção atual”. Em **Meditações Cartesianas**, Husserl considera que os espectros ou horizontes “são potencialidades pré-traçadas”, onde todo sentido está na vivência do “*cogito* atual” (HUSSERL, 2001, p.62-63). Portanto, para cada momento atual, o que o precedeu sofreu algum tipo de modificação, Merleau-Ponty (2011, p. 558) considera que “o tempo não é uma linha, mas uma rede de intencionalidades”. Tais fenômenos, protensão e retenção, manifestam uma relação contínua do “fluxo temporal”. Desta maneira, conforme Silva (2009, p. 136), a “intencionalidade retentiva e protentiva não só mantém o objeto vivido no agora em vista, mas efetua o elo entre aquele agora e o novo, que antecipa o velho, mesmo que o objeto deste “novo agora” seja outro”. A temporalidade se faz na subjetividade, afinal a percepção é uma ação subjetiva que retém sua historicidade temporal e espacial. Silva (2009 p. 141) comenta que o “tempo é uma experiência qualitativa”, na qual o passado é uma circunstância “qualitativamente fechada” e “consumada”. Que o “porvir” não é apenas uma situação posterior ao “presente”, mas “qualitativamente” distinto do “presente”, já que o presente abre-se para um horizonte de contingências. Desta forma, o “tempo não é um objeto de nosso saber” e sim uma “dimensão do nosso ser” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 557).

Neste sentido, buscamos o entendimento do corpo num engajamento da noção espacial e temporal, na qual o corpo possui sua espacialidade em situação,

tudo ao seu redor lhe solicita, exigindo do corpo um ato, uma ação de modo que se oriente numa experiência corporal.

Podemos dizer que o corpo habita um nível espacial primordial, na medida em que se situa no mundo em função do contato intermitente entre as suas intenções motoras e as solicitações da paisagem. Assim, o corpo escolhe uma orientação, envolve é envolvido em uma orientação espacial. Nesse sentido, o corpo através de sua potência intencional dialoga com o mundo, pois o mundo não deixa de solicitar ao corpo um lugar, uma orientação que está ao mesmo tempo no poder do corpo de elaborar. Portanto, é desse modo dialético que precisamos ler a orientação espacial, sempre assentada em um “nível espacial” primordial que precede todos os outros níveis e, a partir do qual, a experiência perceptiva se desdobra (FALABRETTI, 2009, p. 172).

Compreendemos que nosso corpo não é regido por leis que comandariam nosso organismo, uma vez que recebe total influência do espaço perceptivo do momento. Nosso corpo recebe estímulos externos, mas a resposta vai depender do que esses estímulos significam para nosso organismo, estes estímulos não são unidimensionais, pois o próprio campo perceptivo oferece abertura para liberdade de estruturar o comportamento.

Umbelino (2008 p. 224) argumenta, que “há um saber do corpo que apenas se encontra no modo de estar no espaço e há um saber do espaço que apenas se pode encontrar no modo de ser do corpo”. A história do corpo está inserida à sua espacialidade e à temporalidade vivida. Eu sou um corpo, por isso também sou no espaço de forma a me imbricar nele e com as coisas dele. Devemos considerar essa experiência num mesmo modo de ser no mundo, o corpo e seu viver neste emaranhado de coisas e acontecimentos no qual ele está imerso e é tomado pelas coisas e pelo espaço-temporal num envolvimento ontológico.

É como se a reflexividade do espaço procurasse firmar e assim revelar um irrefletido do corpo e, em contrapartida a interpretação de si do sujeito corpóreo fosse sempre pré-reflexivamente descentrada, espalhada e obrigada a passar pela diferença do que envolve, situa e sugere o modo próprio de existir como corpo. O irrefletido do corpo será um irrefletido do espaço e vice-versa (UMBELINO, 2008, p. 225).

Reconhecer a condição para ser um corpo-próprio não se resume apenas no seu aspecto físico e suas partes, mas é o engajamento deste corpo e do espaço que se faz em extensão físico-orgânica se estendendo nos acontecimentos. Trata-se, aqui, de um corpo que precisa de um lugar e o espaço precisa de um corpo. Umbelino (2008, p. 226), considera “que é o espaço que nos ensina a olhar”. Isto

significa que nosso olhar vai ao encontro do objeto existente no espaço e, ao mesmo tempo, a coisa percebida chama nosso corpo ao seu encontro. Merleau-Ponty chama esse encontro de “quiasma”. Porém, para que aja esse quiasma¹³, o corpo precisa primeiramente estar no mundo num trabalho de “troca de mim e do mundo, do corpo fenomenal e do corpo objetivo, do que percebe e do percebido”. O corpo se situa numa circunstância em “o que começa como coisa termina como consciência da coisa, o que começa como estado de consciência termina como coisa” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 200). Afinal, o corpo abre-se para a história como espectador numa constante iminência, ao passo que a liberdade se abre pela expressão coexistente com o outro, Merleau-Ponty (2011, p. 583) compreende que “eu o sou para outrem” e mesmo que esse outrem me fosse imposto, a escolha de recebê-lo ainda seria livre. A noção de liberdade não deixa de engajar-se no porvir, o que escolho neste instante pode ter relação com o tempo que precedeu, mas é preciso compreender que minha liberdade de escolha não será desfeita em outro instante por uma “nova liberdade”, neste sentido, não é o tempo cronológico que está em jogo e sim o entendimento de que cada “instante não seja um mundo fechado” na sua temporalidade e sim que os momentos envolvam-se uns nos outros, assim o instante que precedeu envolver-se-á no porvir, num constante *é/lan* estando “inclinado a continuar, é preciso que exista uma propensão do espírito”.

2.3 AS PERCEPÇÕES SINESTÉSICAS

Uma definição empírica para a sensação “é de uma qualidade determinada, é um objeto, não um elemento da consciência, e é o objeto tardio de uma consciência científica” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.28). O mundo perceptivo segundo Dias (1989, p. 26), “a que o empirismo se refere é um mundo fechado, congelado, considerado como uma realidade em si”, já o intelectualismo “privilegia o objeto, a consciência”. Conforme Cerbone (2014, p. 136), a “existência humana não é puramente uma questão de ser-para-si, mas também não pode ser reduzida ao ser-em-si”, como vimos nos fundamentos materialistas estudados pela ciência. A

¹³ O conceito de quiasma recolhe a verdade fenomenológica da distinção entre o sentido de ser da interioridade e o sentido de ser da exterioridade, recusando ao mesmo tempo considerá-los como separados ou separáveis (DUPOND, 2010, p.63).

expressão “Em si e Para si” advinda de um conceito ontológico dualista, pela qual, conforme Ferraz (2006, p.134), “tudo o que existe é compreendido ou como ser-coisa ou como ser-consciência”. Merleau-Ponty (2011, p.468), avalia que “existem apenas dois modos de ser: o ser em si, que é dos objetos estendidos no espaço e o ser para si, que é aquele da consciência”, o que separa definitivamente o fisiológico e o psíquico. Neste caso, seria necessário encontrar um campo comum para que essas duas questões possam se constituir como unidade. Segundo Merleau-Ponty (2011, p.296), “somos obrigados a construir esquemas fisiológicos que nos façam entender como as impressões sensoriais preparam-se, no cérebro, para se tornar as ocasiões adequadas de nossas percepções”.

Para Ferraz (2006, p. 134-135-136), “a inserção paradoxal do sujeito no mundo implica uma reforma ontológica, uma vez que se rejeita a divisão dualista da realidade em ser-coisa e ser-consciência”. Ora, precisamos pensar a sinestesia como modalidades “perceptivo-motoras” articuladoras de significações numa sincronia corporal, pois estas modalidades não “estão separadas como sistemas autônomos”. A experiência do sensível é do corpo como um todo, não apenas de estímulos pontuais, os sentidos se comunicam formando “uma rede intencional pela qual os objetos são percebidos intersensorialmente”. O corpo deve se abarcar aos seus projetos numa sinergia com o mundo, numa cisão do em si e para si.

Merleau-Ponty (2011, p.25) renuncia definir “a sensação pela impressão pura”, considerando que a sensação se revela na “própria experiência” de ver, de ouvir ou sentir. Ele critica o fato de que o intelectualismo de certa forma rejeita a percepção num encontro corpo-perceptivo e mundo, pois assim estaria construindo um “universo artificial”(DIAS, 1989 p. 28).

Ao ver um jardim e admirá-lo, é porque algo nele me agrada, meu corpo foi de encontro ao jardim que se mostra. Neste momento, existiu ali uma troca de experiências vividas, onde eu intenciono o que se mostra, dando um sentido a este encontro.

O sensível não é um espetáculo objetivo nem o correlato de uma consciência, pois a unidade está no termo de um movimento de fixação do corpo, e por isso mesmo tal unidade é intersensorial, não nocional: tal como os dois olhos colaboram na visão binocular, apreendendo um único objeto, do mesmo modo os sentidos se integram em uma única ação como potência de um mesmo corpo, apreendendo uma única coisa, que é então uma coisa intersensorial (MOUTINHO, 2004, p. 287).

Seria uma má ambiguidade conservar a ideia de que ver ou ouvir me levam a um pensamento puro das coisas vistas ou dos sons ouvidos. Desta maneira estaria determinando que estas duas formas de percepção me conduzem ao determinismo, enquanto ver e ouvir são, conforme Merleau-Ponty (2011, p. 287), “instrumentos da excitação corporal e não da própria percepção”. Afinal, se eu colocar os meus sentidos no lugar do “em si” ou do “para si” estaria ao mesmo tempo objetificando minhas próprias percepções sensoriais. Todavia, o que pode haver entre essas sensações que me colocam entre a experiência de ver e de ouvir? De tocar e de sentir? Um modelo que nos mostre o verdadeiro sentido do ver e ouvir e este nos leve a uma percepção de um ser sensível situado no mundo vivido. A noção de sensação é fundamental para compreender como se dá a percepção no corpo. Isso nos faz compreender a sensação é a movimentação do corpo, o seu comportamento, sua atitude operante em certo acontecimento. Portanto, a percepção e a atitude corpórea se relacionam. Diante desta visão de sensação, desconsideramos o pensamento objetivista, o qual foi baseado nas teses clássicas do empirismo e do intelectualismo; pois nesta visão a percepção seria uma relação de causalidade linear, no qual recebemos um estímulo e desencadeamos uma resposta.

Digo que meus olhos veem, que minha mão toca, que meu pé dói, mas essas expressões ingênuas não traduzem minha experiência verdadeira. Elas já me dão dela uma interpretação que a afasta de seu sujeito original. Por que sei que a luz atinge meus olhos, que os contatos se fazem pela pele, que meu sapato fere meu pé, disperso em meu corpo as percepções que pertencem à minha alma, coloco a percepção no percebido. Mas aquilo é apenas o rastro espacial e temporal dos atos da consciência. Se os considero do interior, encontro um único conhecimento sem lugar, uma alma sem partes, e não há nenhuma diferença entre pensar e perceber, assim como entre ver e ouvir (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 287).

A intencionalidade do ver e ouvir que me oferece uma resposta das sensações e estímulos que me foram oferecidos, pois os estímulos oferecidos e minhas sensações formam um quiasma e neste encontro buscam uma sintonia. Além disso, é preciso que neste emaranhado de sensações eu encontre a atitude certa para corresponder a situação atual. No entanto, é meu corpo com sua vibração que adota a postura correta no momento da ação, uma vez que ele é o conjunto de todas as suas sensações e inquietudes. Ele, o corpo, não é uma máquina, nem um cubo dividido em partes, ele é o todo, é o espetáculo que, na sua ipseidade, se

mostra em seu viver, sentir e agir. A visão fenomenológica da percepção se faz pelo corpo, o qual percebe o mundo por diferentes olhares e através deles atua com sua expressividade, criando e recriando novos olhares a cada momento. Neste sentido, a percepção pode ser considerada um ato criador da corporeidade, e não simplesmente uma representação mental, refutando a maneira do intelectualismo e automatismo que tratavam das representações da consciência e fragmentavam a percepção.

Segundo Merleau-Ponty (2011, p.278), “nós reaprendemos a sentir nosso corpo”. É através deste “saber objetivo” do corpo, que passamos a conhecer o “outro saber que temos dele”. Não estamos fora dele, portanto não podemos nos referir a ele como terceira pessoa, como um elemento fragmentado, “nós somos o corpo”, um corpo vivido como uma unidade em constante abertura, sendo ele o sujeito da percepção.

Cada sensação, sendo rigorosamente a primeira, a última e a única de sua espécie, são um nascimento e uma morte. O sujeito que tem a sua experiência começa e termina com ela, e, como ele não pode preceder-se nem sobreviver a si, a sensação necessariamente se manifesta a si mesma em um meio de generalidade, ela provém de alguém de mim mesmo, ela depende de uma sensibilidade que a precedeu e que sobreviverá a ela, assim como meu nascimento e minha morte pertencem a uma natalidade e a uma mortalidade anônima. Pela sensação, eu aprendo, à margem de minha vida pessoal e de meus atos próprios, uma vida de consciência dada da qual eles emergem, a vida de meus olhos, de minhas mãos, de meus ouvidos, que são tantos Eus naturais (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 291).

Entre a sinestesia e as minhas experiências existe uma abertura de outras sensações e elas se ajustam ao meu eu pré-reflexivo. Não é minha consciência que define minha sensação, mas é este conjunto corporal que nunca se esgota de significado. Ainda, de acordo com Caminha (2013, p. 116) “é evidente que é o corpo humano, que é submetido a um modo de ser, ele também constrói, ao longo de sua vida, outros modos de ser no mundo por meio de suas vivências sensoriais”. O corpo possui sua sinestesia, como por exemplo, a cor que lhe parece familiar, ou seja, corpo e cor se comunicam no modo de ser numa espécie de sinergia. Algumas pessoas conseguem até mesmo sentir o cheiro da cor numa conexão sensível de existência. Portanto, esta sinergia elabora exatamente esta troca de sensações e intencionalidades existente entre o ver e o que se mostra para mim. Contudo, quando alguns dos sentidos me faltam, outras sensações podem me dar acesso ao mundo, como no caso da cegueira, na qual, o tato, a audição, e a fala, podem ser

outras maneiras de sentir que o corpo encontra-se apto para acessar o mundo.

De fato, o funcionamento nervoso não pode ser considerado com efeitos globais e sistemáticos no qual todas as regiões possuam a mesma maneira de intervir, questiona Merleau-Ponty. Além do mais, os estudos podem nos mostrar a região de uma lesão, porém, este conhecimento só nos serve para constatar o nível desta lesão e a região correspondente. Há casos em que apenas uma lesão numa determinada região afeta toda estrutura corporal, ficando alterado devido há uma disfunção em um destes dispositivos sensoriais. Por exemplo, lesões na região posterior do cérebro, muito próximo a região responsável pela visão acarretam distúrbios na capacidade de percepção, não podemos conforme Merleau-Ponty (2006 p.109), “reduzir todos os comportamentos a uma atividade indiferenciada”.

Merleau-Ponty (2011, p.190) tece considerações sobre a “vida da consciência - vida cognoscente, vida do desejo ou vida perceptiva – que é sustentada pelo “arco intencional” que tem o poder de nos projetar em torno de nós “nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica, nossa situação moral”. Desta forma, nos mantemos “situados sob todos esses aspectos”. Além do mais, o arco intencional tem a propriedade de realizar a “unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade”, sendo responsável por desdobrar a doença. Sendo assim a doença de Schneider não pode ser considerada em nível intelectual – via interoceptividade e nem empirista – via exteroceptividade, mas sim como uma barreira no arco intencional, o que permite uma “análise existencial da doença”.

Portanto, é preciso admitir que este engajamento que há entre os acontecimentos sinestésicos “ligada ao centro de funcionamento” num nível de localização seja horizontal e vertical ainda não é satisfatório, considerando as zonas de projeção e de associação. O que de fato ocorre neste caso? Merleau-Ponty (2006, p. 119) revela uma improvável “análise do real, tanto em psicologia como em fisiologia”, no qual ele “substitui esse paralelismo dos elementos ou dos conteúdos por um paralelismo funcional ou estrutural”. Para Merleau-Ponty, não existe a possibilidade do alinhamento de “fatos psíquicos” e “fisiológicos”, considerando a relação da consciência e dos acontecimentos como uma interação. A “vida da consciência” juntamente com a “vida do organismo”, não são construções do que acontecem exteriormente ao corpo. Neste sentido, a psicologia e a fisiologia “procuram os modos de organização do comportamento e os graus de sua

integração”, para tentar a partir daí descrever este comportamento (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 120).

No caso de Schneider, o comportamento está alterado porque o sujeito da percepção está ausente. Ele não reconhece mais a coexistência entre seu corpo e as coisas. Além do mais, Schneider perdeu este contato espontâneo com o mundo sensível. Por isso, suas relações estão de certa maneira num campo de representações de um sujeito autômato.

O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele. As relações entre aquele que sente e o sensível são comparáveis às relações entre o dormidor e o seu sono: o sono vem quando uma certa atitude voluntária repentinamente recebe do exterior a confirmação que ela esperava. Eu respirava lenta e profundamente para chamar o sono e, repentinamente, dir-se-ia que minha boca se comunica com algum imenso pulmão exterior que chama e detém minha respiração; um certo ritmo respiratório, há pouco desejado por mim, torna-se meu próprio ser, e o sono, até ali visado enquanto significação, repentinamente se faz situação. Da mesma maneira, dou ouvidos ou olho à espera de uma sensação e, repentinamente, o sensível toma meu ouvido ou meu olhar, eu entrego uma parte de meu corpo ou mesmo meu corpo inteiro a essa maneira de vibrar e de preencher o espaço que é o azul ou o vermelho. Assim como o sacramento não apenas simboliza uma operação da Graça sob espécies sensíveis, mas é ainda a presença real de Deus, faz com que ela resida em um fragmento de espaço e a comunica àqueles que comem o pão consagrado, se eles estão interiormente preparados, do mesmo modo o sensível não apenas tem uma significação motora e vital, mas é uma certa maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto do espaço, que nosso corpo retoma e assume se for capaz, e a sensação é literalmente uma comunhão (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 285).

Conforme a descrição de Merleau-Ponty, é nesta comunhão, nesse campo comum de significações entre o sensível e o sentiente, que as coisas solicitam meu corpo. A paisagem solicita ao corpo uma orientação, e é por meio da percepção que as coisas vão se abrindo e se revelando aos poucos em busca da transfiguração do corpo-objeto para corpo-próprio.

2.4 A NOÇÃO DE CORPO-PRÓPRIO E O ESQUEMA CORPORAL

O corpo através de sua condição motriz retoma sua significação pelo seu esquema corporal.

O esquema corporal, com toda sua interioridade e exterioridade se integra e se desvela na abertura para o mundo vivido pela sua motricidade. Um corpo capaz

de ser potência expressiva e sensível, distante de ser apenas um fragmento ou mais uma coisa no espaço. No decorrer deste capítulo, vamos procurar responder a questão: o que é corpo? Não no sentido de pensamento do meu corpo ou do corpo de outro, mas no sentido da vivência do próprio corpo.

E qual a relação entre o corpo-próprio e o seu esquema corporal?

A teoria do corpo-próprio de Merleau-Ponty se compreende pelo esquema corporal e seu modo de ser no mundo. Para entender melhor essa questão temos duas teses clássicas: a tese da fisiologia e da psicologia, sendo que a teoria da fisiologia se apresenta de forma que seus estímulos e respostas deveriam se decompor e, na sequência, encontrar as reações que efetivam seu comportamento. Nesta teoria, todo comportamento funcionaria de forma pré-estabelecida. A fisiologia determina “se os animais movem-se sobre duas ou quatro pernas, ela guia a absorção de informação sobre o mundo circundante” (DAVIDOFF, 2001, p.48). Mas também determina outros aspectos, “moldando a comunicação” de cada ser vivo. Afinal, as “leis científicas não descrevem como os seres vivos e seres inanimados devem se comportar”, elas afirmam como esses “seres realmente se comportam” (DAVIDOFF, 2001, p.36).

Já, na tese da psicologia, primeiramente os teóricos se valiam de uma visão mais “mentalista ou introspectiva do comportamento”, mas com o passar do tempo, por volta de 1800 até aproximadamente 1920, passaram a tentar “entender conceitos como imagens, ideias, metas”, ainda não apresentando nada que justificasse de forma convincente a situação do corpo (DAVIDOFF, 2001, p.8-9). Todavia, os teóricos da Forma na Alemanha, permaneceram no plano clássico, onde as “estruturas do mundo são consideradas processos físicos e fisiológicos” MERLEAU-PONTY (1990, p. 60). Portanto, nestas duas teses, Merleau-Ponty (2011, p. 116), nota que “é preciso compreender como determinantes psíquicos e as condições fisiológicas engrenam-se uns aos outros”, uma vez que os “fatos fisiológicos” são reconhecidos pelas ciências devido aos seus influxos nervosos, os quais são potencializados pelas leis de causa e efeito. Isso nos torna apenas seres objetivos e mecânicos na ordem do “em si” e aos “fatos psíquicos” que não são observáveis. Para a psicologia, a consciência era considerada uma coisa, para os psicólogos o fato psíquico é não extenso, conhecido apenas pela própria pessoa. Essas duas teorias, tanto do “em si” como o “para si” necessitam de uma articulação entre ambos para que possa justificar esse encontro e para poder integrar as duas

como algo “em comum”. Portanto, nem a tese da fisiologia e nem da psicologia esclarecem o estudo fenomenológico de Merleau-Ponty. A tese de Merleau-Ponty sobre o esquema corporal é muito mais rica do que as de fisiologia e psicologia, nela o corpo com sua espacialidade pode diferenciar-se do espaço exterior, envolvendo-se na sua totalidade e se meu corpo pode ser uma forma, como já foi comentado, “se pode haver diante dele figuras privilegiadas sobre fundos indiferentes, é quando ele está polarizado por suas tarefas, enquanto existe em direção a elas”, buscando sua meta e finalmente, o esquema corporal é para Merleau-Ponty (2011, p. 146-47), “a preparação pela qual o sujeito emerge para as coisas do mundo”, é um devir a partir de um desvelar-se. Este desvelar-se para Merleau-Ponty ocorre a partir da totalidade do corpo, no qual interior e exterior são unificados, coexistem com as experiências ontológicas. O corpo com sua espacialidade, pode diferenciar-se do espaço exterior, envolvendo-se na sua totalidade. Neste sentido, buscamos superar essa visão mecanicista do funcionamento nervoso, para que possamos compreender a noção do comportamento e de como ele se estrutura no momento em que realiza uma ação.

Afinal, é este corpo que se entrelaça com as coisas de forma engajada, através dos dispositivos fenomenológicos, no qual o corpo e as coisas não se desvelam e nem se revelam um sem o outro. Para Merleau-Ponty (2011, p. 2), a “fenomenologia está em nós e só a encontramos em nós mesmos”. Ela é o reconhecimento de sua facticidade, voltando aos acontecimentos da vida real. Além do mais, o corpo vivencia na carne as experiências para a abertura do mundo.

Se fico em pé diante de minha escrivaninha e nela me apoio com as duas mãos, apenas minhas mãos estão acentuadas e todo o meu corpo vagueia atrás delas como uma cauda de cometa. Não é que eu ignore a localização de meus ombros ou de meus rins, mas ela só está envolvida na de minhas mãos, e toda a minha postura se lê por assim dizer no apoio que elas têm na mesa. Se estou de pé e seguro meu cachimbo em minha mão fechada, a posição de minha mão não é discursivamente determinada pelo ângulo que forma com meu antebraço, meu antebraço com meu braço, meu braço com meu tronco, meu tronco enfim com o chão. Sei onde está meu cachimbo por um saber absoluto, e através disso sei onde está minha mão e onde está meu corpo, assim como o primitivo no deserto está a cada instante imediatamente orientado, sem precisar recordar e somar as distâncias percorridas e os ângulos no deslocamento desde o ponto de partida. A palavra “aqui” aplicada ao meu corpo, não designa uma posição determinada pela relação a outras posições ou pela relação a coordenadas exteriores, mas designa a instalação das primeiras coordenadas, a ancoragem do corpo ativo em um objeto, a situação do corpo em face as suas tarefas (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 146).

O corpo para estar em situação precisa estar posicionado num determinado espaço no mundo, orientando-se por meio dele e com ele. Essa ancoragem é a própria potência do corpo no momento deste encontro. O corpo fala através da expressão, que pode ser manifestada pela linguagem, visão, motricidade, afetividade, emoção e sensação. Todas estas dimensões compõem a própria expressão motora do corpo no contexto de seu esquema corporal. Um corpo que pela sua condição expressiva retoma sua significação pelo seu esquema corporal, afinal, “meu corpo não é uma reunião de órgãos justapostos no espaço”, eu reconheço meu corpo e “sei a posição de cada um de meus membros” e compreendo que “eles estão todos envolvidos” e integrados ao espaço (MERLEAU-PONTY, 2011, p.144).

O retrato que Merleau-Ponty (2011, p.3) descreve, mostra um corpo que não pode somente agir de forma objetiva, assim se tornaria também um “simples objeto” deste mundo e das coisas, ou das ciências, mas deve ser um corpo que vive as “experiências deste mundo”, com seus atos, sua linguagem, com a visão, o movimento, a sensibilidade, a afetividade. Todas estas dimensões fenomenológicas são vividas com o ambiente de forma total e com as suas significações.

O corpo com seus fenômenos perceptivos e expressivos é que dará conta de construir as significações entre corpo-próprio, sua espacialidade e as relações com o mundo, pois essas relações só se dão através do nosso esquema corporal.

Primeiramente entendia-se por esquema corporal um resumo de nossa experiência corporal capaz de oferecer um comentário e uma significação à interoceptividade e à proprioceptividade do momento. Ele devia fornecer-me a mudança de posição das partes do meu corpo para cada movimento de uma delas, aposição de cada estímulo local no conjunto do corpo, o balanço dos movimentos realizados em cada momento de um gesto complexo, e enfim uma tradução perpétua, em linguagem visual, das impressões sinestésicas e articulares do momento (MERLEAU-PONTY, 2011, p.144).

Considerando isso um resumo do corpo, acreditava-se que definir esquema corporal desta forma seria tão somente uma maneira de atribuir um nome que fosse “designar associações de imagens” suficientes, uma vez que, essas “associações seriam estabelecidas” e determinadas, sendo assim prontas para se colocarem em ação quando fosse necessário (MERLEAU-PONTY, 2011, p.144). Portanto, a representação fisiológica do corpo seria apenas vista no sentido clássico. Essa representação clássica da fisiologia do corpo foi explicada no capítulo I de forma

mais específica, utilizando como fundamentação teórica as obras **Estrutura do Comportamento, Fenomenologia da Percepção** de Merleau-Ponty e **Neuroanatomia Funcional** de Angelo Machado.

Eu possuo um esquema corporal que me desvela cada uma de suas partes. Essa questão, a princípio parece ser estabelecida a partir de um método cartesiano de pensar o corpo. Mas também pode ser apenas uma forma de organizar suas partes e, na vivência do dia a dia, essas partes constituem a extensão do corpo-próprio com sua forma de ser e agir no mundo.

Segundo Valverde (2015, p.62), “o corpo deve ser vivido e compreendido como corpo-próprio, primordial condição de acesso a toda e qualquer realidade.” Nosso corpo opera numa conexão sinestésica com as coisas do mundo pelas experiências vividas. Ainda conforme Valverde (2015, p. 64), “quando percebemos o mundo, percebemos com o nosso corpo, pois não estamos fora dele ao percebê-lo”.

Nosso esquema corporal coexiste com o mundo, como uma espécie de extensão dele, formando uma só conexão. O corpo passa a ser meu ponto de partida, minha referência. É meu corpo-próprio através do meu esquema corporal em situação que torna capaz as relações com os outros e com as coisas.

Esta originalidade da natureza motriz do corpo que é desvelada pela filosofia merleau-pontyana. Ela só existe enquanto resposta e ação sobre a circunvizinhança mundana: nela, os órgãos não se justapõem como um conjunto de instrumentos e anexos, inertes, eles estão sempre disponíveis, abertos aos fenômenos, contribuindo cada um com suas potências no desempenho duma certa ação (SIVIERO, 2014 p.120).

É a ancoragem do corpo que envolve o espaço exterior e as partes dele numa só extensão, com sua potência e polarizado nas suas tarefas. Nesta coexistência é que fazem compreender o esquema corporal que, para Merleau-Ponty (2011, p. 147), “é a maneira de exprimir que meu corpo está no mundo”. Um corpo fenomenal, com potência para mobilizar-se em situação, o qual através de seu esquema corporal exprime uma gama de significações.

Segundo Oliveira (2015, p.281), “a noção de esquema corporal exprime justamente, o corpo como esta “estrutura dinâmica” que se transforma a cada instante em função de suas relações com o meio”. Portanto, é pelo esquema corporal que meu corpo se exprime e se mostra para o mundo, sua espacialidade se engaja com a espacialidade das coisas que se mostram para mim, seja de forma estática ou dinâmica. Meu esquema corporal se expressa pela sua motricidade e

para cada movimento as coisas se mostram diferentes. A motricidade advém da intencionalidade do corpo pela sua pré-reflexão, não resultando de representações associativas. O corpo, com sua singularidade, pode transformar o mundo da natureza em um mundo de existência atual. A motricidade corporal só existe pela abertura do que a exterioridade lhe solicita, num entrelaçamento com o meio que se mostra sensível. É na motricidade que se compreende a intencionalidade do corpo, ainda que num sentido pré-reflexivo, afinal, o “corpo não pensa o sentido, mas movimenta-o, exercita-o em cada uma de suas ações” (DIAS, 1989, p. 102). Deste modo, Siviero (2014, p. 121), comenta que “espacialidade e motricidade são modificações do ser no mundo do sujeito encarnado, ou duas faces do fenômeno de existir e de se situar, num mundo posto pela percepção”. O corpo pelo de seu esquema corporal e de sua condição motriz se desdobra se expondo e se colocando de uma maneira que possa perceber as coisas por diferentes prismas. Para Oliveira (2015 p. 283) “é o corpo que conduz o sujeito ao mundo ou às coisas”. Uma vez que, o corpo-próprio com sua motricidade não se resume aos condutores mecânicos, como já compreendemos, “mas comporta uma dimensão de espontaneidade” (SIVIERO, 2014, p. 119). Desta forma descubro pela minha motricidade, minha atuação no mundo, pois através dela eu posso, e sou capaz de diversas possibilidades, neste engajamento entre coisas e seres. O sentido imanente do corpo manifesta-se “nas relações entre o seu comportamento e o que ele visa, ou seja, num resultado adequado” (DIAS, 1989 p.101).

Enquanto meu corpo está “polarizado” em suas ocupações, dirigido a elas e coexistindo nelas, “enquanto encolhe-se sobre si para atingir sua meta”, neste sentido, o “esquema corporal é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 147). Desta maneira, o esquema corporal não está preso aos limites do corpo, a imagem que se tem do corpo vai além dele mesmo.

O esquema corporal compreende-se como ser no mundo pela sua existência, pela sua imbricação corpo-mundo. Nesta imbricação o meu corpo se percebe e se vê, uma vez percebendo verá o corpo dos outros também. Assim sendo, saberá explorar todas as possibilidades para alcançar ou simplesmente submeter-se a experimentar seus novos saberes numa contiguidade com o mundo e com o seu corpo-próprio.

Uma vez que já compreendemos que o que está em jogo é essa

organização corporal mediante determinada situação e neste sentido, o corpo-próprio não é determinado e fechado, mas vivencia a atualidade engajado nos acontecimentos. Agora para entendermos melhor a composição do esquema corporal e suas funções, analisaremos o exemplo de três patologias - o membro fantasma, a anosognose e o caso Schneider.

2.5 A TENTATIVA DO REENCONTRO COM O CORPO-PRÓPRIO

É pelo corpo que o sujeito insere-se no mundo, pois o corpo abre-se para a percepção mundana. Conforme Siviero (2014, p.120), o corpo “sedimenta suas experiências e comportamento passado”. Contudo, apesar de estar atrelado nas experiências já vividas, é na atualidade que o corpo pode encontrar diferentes possibilidades, buscando e construindo novos saberes.

As análises das patologias buscam o sentido que faz um corpo ser um corpo-próprio, e como podemos pensá-lo sem nos reduzirmos às leis mecânicas. A partir das patologias investiga-se a compreensão do que ocorre nas lesões, examinando que o corpo doente se organiza pela sua estrutura atual. Estes estudos patológicos, segundo Ferraz (2006, p. 83), “ajuda a desvendar como tal atividade acontece em um corpo sadio”. Conforme Siviero (2014, p. 118), “o exame da motricidade num doente permite identificar uma ausência que o sujeito normal não possui”, e se a “percepção exige um mundo que a reclame”, o corpo solicitado pelos fenômenos do mundo, exige uma articulação entre percepção e dados perceptíveis, que se imbricam numa circunvizinhança.

Para Merleau-Ponty (2011, p.114), “a presença ou ausência de uma percepção não são efeitos da situação que ocorre fora do organismo”, ou seja, o organismo é que se entrelaça aos estímulos percebidos. Esse corpo fenomenal, se encontra em si mesmo, buscando o equilíbrio entre a interioridade e a exterioridade, aparecendo e reaparecendo na sua totalidade.

No primeiro momento, nos reportaremos aos problemas apresentados pelo membro fantasma. Neste caso, percebem-se as alterações da lesão devido às sensações que conserva o membro fantasma, como se o membro amputado permanecesse no mesmo lugar e posição de quando sofreu a amputação. O sujeito

ainda sente sensações como: dor¹⁴, coceira, formigamento, amortecimento, mas a característica mais conhecida na área da saúde é a “dor fantasma”¹⁵. A dor fantasma é também conhecida na área da saúde como Síndrome Pós-Amputação; todavia a fisiopatologia da sensação dolorosa ainda é objeto de estudos. A literatura científica descreve como processo motor e sensorial de plasticidade, caracterizada pela organização do mapeamento das estruturas representadas no córtex cerebral com remodelamento sináptico de fibras sensoriais-tálamo-corticais e mecanismos de adaptação compensatórios na região amputada. Ocorre redução da ação inibitória de interneurônios em áreas de aferências sensitivas, desencadeando sensações referidas (DEMIDOFF; PACHECO; FRANCO; 2007, p. 235).

As pesquisas em torno deste tema são amplas e foi estudado outro aspecto sobre o membro fantasma, no qual de acordo com Silva (2013, p. 171-172), foi verificado que existem três diferentes tipos de “fantasmas” ou “fenômenos fantasmas”. O primeiro tipo é conhecido como a falsa experiência do “fantasma” – nesse caso, as pessoas têm consciência de que o membro fantasma não existe e está experimentando uma “alucinação”, como se o cérebro “pregasse uma peça” na consciência do paciente.

O segundo tipo é uma sensação da qual os sujeitos não possuem domínio – pois o cérebro não reconhece que a imagem corporal mudou e o membro tem autonomia sobre o corpo do sujeito, ou seja, ganha vida própria, pode segurar um

¹⁴ O entendimento das bases fisiológicas da dor já avançou bastante. Porém, ainda há muito que se estudar a respeito da dor. Muitos cientistas que estudam os sentidos acreditam que há terminações nervosas especiais que registram a sensação de dor, chamadas nociceptores (“nocivo” vem da mesma raiz), os receptores estão localizados na pele, nos músculos, nos órgãos internos, em membranas em torno dos ossos e na córnea. A maioria dos receptores da dor parece responder a vários tipos diferentes de estímulos nocivos. Parece haver dois sistemas diferentes para transmissão de mensagens da dor para o cérebro. As mensagens para um sistema que se movem rapidamente e transmitem uma sensação de dor vivida e especificamente localizada. Este sistema rápido sinaliza a presença de ferimento, sua localização e extensão, não produz mensagens permeadas de emoção. Já o sistema mais lento produz uma sensação de dor difusa e incômoda. Este sistema mais lento parece exercer um papel de lembrança, mantendo o cérebro informado de que ocorreu um ferimento, de que a atividade deve ser restringida e deve ser tomada uma providência. Sensações de dor geralmente têm dois componentes: a sensação real e o sofrimento. Nas pesquisas sobre a dor descobriu-se também a sua subjetividade, pois algumas pessoas revelam diferenças individuais com as mesmas experiências de dor, tais diferenças dependem das variações fisiológicas e da interpretação. Em uma pesquisa estudantes foram testados nos limiares da dor a choques elétricos progressivamente mais fortes nos dentes, e descobriram que os participantes eram mais sensíveis quando testados em consultórios dentários do que em escritórios comerciais, o que indicou que quando prevemos que vai doer, sentimos mais dor (DAVIDOFF, 2001 p. 153).

¹⁵ Define-se como a experiência de possuir um membro ausente que se comporta similarmente ao membro real (ROHLFS E ZAZÁ, 2000 citado por DEMIDOFF, PACHECO E FRANCO, 2007).

objeto com as mãos e com os dedos. O último tipo são os fenômenos decorrentes do membro fantasma – coceira, câimbra, formigamento e dor fantasma – que tornam a experiência quase insuportável para quem sente.

Para a fisiologia, a explicação fica em nível neurológico, ou seja, o sujeito passou a vida recebendo estímulos e interpretando-os através dos órgãos aferentes e eferentes, que realizam a condução nervosa para que o organismo tenha sua funcionalidade, seu cérebro reconhece seu corpo desta forma. Todavia, no momento em que ele sofreu uma amputação, passa por um processo novo e desconhecido para o cérebro. Quando um membro é amputado ocorre na região uma secção de seus condutores nervosos. Estes têm a função de levar sensações por meio da medula para o encéfalo, mas se houver uma a secção local, o membro será suprimido, portanto não deveria mais haver sensações locais, mas sabemos que há.

Para a psicologia clássica não há um conceito para exprimir essas variações em nível cognitivo, porque acredita-se que isto ocorre em nível de consciência posicional, a partir de uma representação. A psicologia clássica poderia compreender o corpo como um objeto, mas o desafio seria compreendê-lo numa interação com o mundo.

No entanto, a própria fisiologia apresenta questionamentos com relação ao paradoxo de que há entre acontecimentos fisiológicos e psíquicos, os quais não respondem a alguns fenômenos do corpo com total certeza. Assim, enquanto a psicologia experimental afirma que os estímulos responsáveis pelo reconhecimento do membro não mais existem, a psicologia intelectualista sugere que a questão é apenas mental advinda de um corpo objetivo e mecanicista.

A fisiologia moderna não deu conta de explicar o entrelaçamento entre o psíquico e a funcionalidade do organismo entre o “para si” e o “em si”. Muitas respostas e sensações que o corpo apresenta no caso do membro fantasma podem ter relação com as experiências do paciente, como a sua história de vida e suas recordações.

Num corpo que sofreu uma amputação, a questão da subjetividade deixa transparecer por uma vivência corporal de hábitos, um corpo habitual que agora já não faz mais parte de seu corpo atual. Um membro que o sujeito ainda sente, mas não o vê, está ali exposto mesmo diante de sua ausência, pois o mundo continua se abrindo para este corpo. No entanto, ele se apresenta doente e limitado perante um mundo que lhe oferece coisas e possibilidades. Desse modo, na interpretação de

Merleau-Ponty, o corpo tem um passado que ainda se apresenta nos seus hábitos diários. Quando este corpo segundo Merleau-Ponty (2011, p. 126), se “vê na doença em que os acontecimentos do corpo se tornam os acontecimentos da jornada diária”. Então, ele passa a vivenciar um presente, mas com suas recordações, vivendo de certa forma uma ambiguidade no qual a diferença entre o corpo passado – sem amputação e o presente não se diferenciam.

Meu corpo manifesta uma ambiguidade. O corpo habitual e o corpo atual, a existência anônima e a existência pessoal aparecem como um único ser na medida em que são ambos orientador para um polo intencional ou para um mundo – o que significa dizer que eles só aparecem a uma descrição da experiência efetiva de perceber. Eles se unificam nessa orientação. Pois, enfim, o corpo habitual, a existência anônima em geral é “assumida” pela existência pessoal e “reintegrada” a ela: o sedimentado é “retomado” pela situação, de modo que ele se alimenta do presente. E reciprocamente, a existência pessoal nada seria se não dispusesse de nenhum meio de se efetuar, se não tivesse um solo sobre o qual se assentar (MOUTINHO, 2004 p. 282).

O corpo carrega o resumo de sua existência, com sua substância, e segundo Silva, Junior e Miller (2004, p. 4), o corpo “expande-se ou se contrai em decorrência de circunstâncias psicológicas e aspectos fisiológicos”. Nesta ordem do em si e para si é que devemos encontrar um terreno comum no qual essas duas ordens entrelacem-se e circundem como um ser no mundo corporalmente. É possível conceber “o corpo como possuidor de uma singularidade” que se reconhece a partir da “pluralidade da existência de outros corpos”. Neste sentido, é capaz de gerar novos saberes, “autogerando-se, a cada momento a partir da inevitabilidade da coexistência entre sensibilidade e a razão” (FREIRE;DANTAS, 2012, p. 151).

Algumas patologias alteram toda percepção corporal, causando limitações algumas vezes irreversíveis. Tais limitações passam a influenciar no sentido da corporeidade do indivíduo. Afinal, esta compossibilidade do corpo com o mundo, segundo Oliveira (2015, p.280) permanece, de certa maneira, quase “invisível e impercebido por nós”, mas no momento em que alguma enfermidade nos acomete, é que “a fadiga, e a dor”, nos apresentará este corpo objetificado. Só então o corpo “sai de sua vida anônima e se faz presente à sua consciência”.

O braço fantasma não é uma simples lembrança, ele é um quase-presente, o mutilado o sente atualmente dobrado sobre seu peito sem nenhum índice de passado. Nós não podemos mais supor que um braço em imagem, errando através da consciência, veio assentar-se no coto: pois então ele não seria um “fantasma”, mas uma percepção renascente. É

preciso que o braço fantasma seja este mesmo braço dilacerado por estilhaços de obus e cujo invólucro invisível queimou ou apodreceu em algum lugar, e que vem assombrar o corpo presente sem confundir-se com ele. O braço fantasma é, portanto, como a experiência recalçada, um antigo presente que não se decide a tornar-se passado. As recordações que se evocam diante do amputado induzem um membro fantasma, não como no associacionismo uma imagem chama a outra imagem, mas porque toda recordação reabre o tempo perdido e nos convida retomar a situação que ele evoca (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 127).

O que parece acontecer no caso do membro fantasma é o retorno a uma memória do passado, de certa forma evocada pelo doente, ou seja, este busca ainda em suas recordações, um tempo que passou, tentando encontrar uma situação que o leve novamente ao retorno e reencontro do braço perdido.

Outra patologia que vamos apresentar é a anosognose: o membro permanece no local, mas o indivíduo não o percebe. A fisiologia explica essa patologia por uma lesão neuronal; neste caso, não existiu amputação haja vista que o paciente apenas perdeu a sensibilidade proprioceptiva do membro. O objetivismo, contudo, apresenta aqui a dificuldade em encontrar respostas que evidenciem a razão dos pacientes não conseguirem coexistir no mundo com suas respectivas doenças.

No caso das duas patologias, anosognose e membro fantasma, não se admitem segundo Merleau-Ponty (2011, p. 119), “nem uma explicação fisiológica, nem uma explicação psicológica e nem mista embora elas se relacionem”. Para a psicologia o membro fantasma é uma lembrança e na anosognose o membro é um esquecimento.

Conforme Merleau-Ponty (2011, p.144), “o corpo é uma forma de fronteira, com suas partes e seus contornos todos interligados originalmente”; por isso o filósofo questiona essa explicação psicofisiológica, pois para ele:

Uma explicação fisiológica interpretaria a anosognose e o membro fantasma como a simples supressão ou a simples persistência das estimulações interoceptivas. Nessa hipótese, a anosognose é a ausência de um fragmento da representação do corpo que deveria ser dada, já que o membro correspondente está ali; o membro fantasma é a presença de uma parte da representação do corpo que não deveria ser dada, já que o membro correspondente não está ali. Se agora damos uma explicação psicológica dos fenômenos, o membro fantasma torna-se uma recordação, um juízo positivo ou uma percepção, a anosognose um esquecimento, um juízo negativo ou uma não percepção. No primeiro caso, o membro fantasma é a presença efetiva de uma representação; a anosognose, a ausência efetiva de uma representação. No segundo caso, o membro fantasma é a representação de uma presença efetiva, a anosognose é a representação de uma ausência efetiva (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 119).

Ainda assim não saímos do mundo das explicações objetivas e se faz necessário aqui buscar outra explicação para ambas às patologias. Porém, as partes do corpo não podem ser consideradas segmentos que apenas executam movimentos quando necessário.

Como enfim, explicar as percepções de uma pessoa com anosognose, na qual o membro está paralisado? Neste caso, interpreta Merleau-Ponty, o doente não ignora o membro paralisado, mas desvia-se do problema da deficiência porque sabe onde correria o risco de encontrá-la. Algo semelhante ocorre, diz Merleau-Ponty, com um paciente de psicanálise, um sujeito que sabe o que não quer ver. Tratando-se do membro fantasma, o paciente parece ignorar a mutilação e ainda conta com ele, como se fosse real. Já no caso do anosognóstico, ele ignora seu membro paralisado para não experimentar sua perda, mas ele ainda tem a noção pré-consciente desta perda de movimento.

Esse fenômeno, segue Merleau-Ponty, que é desfigurado pela fisiologia e psicologia, é compreensível ao contrário na perspectiva do “ser no mundo”. A recusa da deficiência é o avesso de nossa inerência ao mundo, o processo de negação faz com que o paciente sinta-se aberto a todas as ações das quais apenas o membro amputado era capaz de realizar. Eu sou um corpo e sou meu corpo, através dele, amputado ou anosognóstico, ainda me comunico.

No caso de Schneider, analisado por Merleau-Ponty na **Fenomenologia da Percepção**, o diagnóstico “dos distúrbios motores são acompanhados de uma deficiência do conhecimento visual” (MERLEAU-PONTY, 2011 p.165). A pesquisa de Gelb e Goldstein nos mostra que, “mais geralmente, é a intuição simultânea dos conjuntos que é deficiente em Schneider” (MERLEAU-PONTY, 2006 p.111). Portanto, podemos perceber que o que está em jogo nestas disfunções aparentes é uma questão de estrutura corporal e não somente uma complexa lesão local analisada objetivamente.

São estas estruturas que tornam difícil a compreensão da fisiologia e da psicologia nestes estudos, e essa também é uma característica analisada por Merleau-Ponty. Por exemplo, “comportamentos dependem do córtex central”, apesar de não apresentarem os mesmos movimentos com seus comandos, mas se situam “no mesmo nível humano” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.111). Em Schneider a pesquisa mostra que algumas iniciativas consideradas espontâneas e a capacidade de lidar com números, não possuem nada de real. A sensibilidade poderia levá-lo a

atitudes espontâneas, mas está debilitada. Seus movimentos espontâneos agora se tornaram como que ensaiados e preparados para chegar ao movimento final, “para que ele execute um movimento que no cotidiano é realizado com naturalidade, é preciso que ele empreenda uma série de gestos introdutórios “para experimentar e conhecer seu próprio corpo” (FERRAZ, 2006, p.97).

Já a patologia do caso Schneider se caracteriza pela motricidade mórbida, ocorre com este paciente o que chamamos de cegueira psíquica. Mas o que é cegueira psíquica? É uma doença que leva o indivíduo a incapacidade de realizar movimentos quando está com os olhos fechados, por exemplo, mover braços e pernas, estender e flexionar os dedos quando comandado. Ele não consegue elaborar uma explicação para o posicionamento do seu corpo, quando alguém toca uma parte de seu corpo, ele não sabe responder qual parte está sendo tocada, não reconhece forma nem grandeza de objetos. Só consegue realizar movimentos se olhar o membro responsável pelo movimento. Para tudo o que ele vai fazer necessita de um preparo. Até mesmo para reconhecer objetos, a localização de estímulos também se tornou para ele um ato que necessita de movimentos preparatórios. Schneider não busca “por si mesmo, o ato sexual”. Para ele, mesmo uma conversa sobre “temas sexuais” não despertam nenhum entusiasmo, ele “quase não abraça e o beijo para ele não tem estimulação sexual”. Suas reações são locais e só começam se houver algum contato. Enfim, S. não possui mais “iniciativas cinéticas” e isto pode ter relação com o desaparecimento das representações visuais. As suas “estimulações táteis e percepções visuais, perderam a significação sexual”¹⁶(MERLEAU-PONTY, 2011, p. 215-16). Ele, contudo, executa os movimentos necessários à vida diária, desde que os mesmos façam parte de seus hábitos. Resumindo: ele só possui capacidade para realizar movimentos concretos. Desta forma, percebe-se uma dissociação entre duas

¹⁶ O que desapareceu no doente foi o poder de projetar diante de si um mundo sexual, de colocar-se em situação erótica ou, uma vez esboçada a situação, de mantê-la ou de dar-lhe uma sequência até a satisfação. A própria palavra satisfação nada mais significa para ele, na falta de uma intenção, de uma iniciativa sexual que reclame um ciclo de movimentos e de estados, que os “ponha em forma” e que encontre neles a sua realização. Se os próprios estímulos táteis, que em outras ocasiões o doente utiliza muito bem, perderam sua significação sexual, foi porque, por assim dizer, eles deixaram de falar ao seu corpo, de situá-lo do ponto de vista da sexualidade ou, em outros termos, porque o doente deixou de endereçar ao seu ambiente essa questão muda e permanente que é sexualidade normal. S. e maior parte dos pacientes impotentes não “estão nem ali naquilo que fazem” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.216).

expressões, nos movimentos concretos e nos de apreensão. Portanto devemos buscar as razões para esse fenômeno corporal.

O espaço corporal pode distinguir-se do espaço exterior e envolver suas partes em lugar de desdobrá-las, porque ele é a obscuridade da sala necessária à clareza do espetáculo, o fundo de sono ou a reserva de potência vaga sobre os quais se destacam o gesto e sua meta, a zona de não ser diante da qual podem aparecer seres precisos, figuras e pontos. Em última análise, se meu corpo pode ser uma forma e se pode haver diante dele figuras privilegiadas sobre fundos indiferentes, é enquanto ele está polarizado por suas tarefas, enquanto existe em direção a elas, enquanto se encolhe sobre si para atingir sua meta, e o “esquema corporal” é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 146).

Em outras palavras: o esquema corporal se integra com todas as suas partes, isto é, na sua totalidade, formando uma coisa única na qual responderá com atitude às tarefas que lhe foram solicitadas no presente momento, sendo que esse corpo se coloca em situação no seu espaço. Portanto, não é seu posicionamento que define seu espaço e sim sua atitude perante as coisas e seus devidos projetos. Isso leva Merleau-Ponty (2011, p.145), a entender que o esquema corporal “não é nem o simples decalque nem mesmo a consciência global das partes existentes do corpo, ele as integra a si ativamente em razão de seu valor para os projetos do organismo”.

Novamente, assim como na patologia anterior, o que pode estar em jogo muito mais do que uma questão proprioceptiva e exteroceptiva, é a solicitação do mundo para este sujeito, que agora, embora possuindo um membro, não consegue perceber que este membro lhe pertence, pois é uma patologia na qual o membro paralisado não possui mais nenhuma significação para o indivíduo, passou a ser algo que ele não reconhece mais como pertencente a ele, não fazendo mais parte do seu esquema corporal.

2.6 A AFETIVIDADE COMO ACESSO AO MUNDO

Os estudos objetivistas atribuem ao homem uma afetividade representada, os quais, segundo Merleau-Ponty (2011, p. 215), “deslocam os estímulos naturais do prazer e da dor, segundo as leis de associação de ideias ou do reflexo condicionado”. Este estado objetivo do corpo postulado pelos estudos científicos, não se detém em atingir “estados afetivos”. Se pela experiência não podemos dizer

nada sobre dor e prazer, o corpo acaba definindo-se pela representação e, neste caso, a afetividade não é reconhecida “como um modo original de consciência” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.214).

O mundo esta sempre aí, se permutando entre sujeito e objeto, num contato ingênuo com as coisas onde o corpo se efetiva pela coesão com o campo perceptivo. O intuito é de concentrar a noção de corpo na sua totalidade, pela sua corporeidade que se abre para o campo de experiências perceptivas superando a exterioridade determinista, no qual o corpo pré-reflexivo volta-se para o mundo perceptivo numa dialética corporal fenomênica. Quer dizer, o que vemos é um corpo-próprio que não se mostra só para si mesmo, um corpo que se revela como exterioridade e interioridade, confundindo-se no mundo.

Para Merleau-Ponty (2011, p. 11) “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é para um ser vivo juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. A relação corpo-mundo está intimamente ligada ao corpo-próprio. Essa conexão, não se faz na objetividade do conhecimento, mas conforme Furlan (1998, p. 242) “constitui-se através do nosso ser total, em que o caráter afetivo se faz presente desde o início”. O corpo é potência enraizada e se abre para a criação de suas expressões, num co-pertencimento com o outro, articulando-se conforme Warmling, (2016, p. 3), “entre natureza e liberdade”, sendo o ator que conduz os acontecimentos com as coisas no mundo. O corpo se desdobra na sua própria espacialidade, realizando uma síntese da sua corporeidade. Sendo um corpo sensível num encontro sincronizado com outros sensíveis, o corpo é afetividade, desejo, dor, emoção, expressão e sexualidade, estando sempre envolvido em nossos projetos e atitudes subjetivas. Afinal, não há causas que durante os acontecimentos possam determinar sujeito e objeto, pois ambos encontram-se engajados; também nas relações mecânicas e, sobretudo, nas relações dialéticas, envolvendo-se nas experiências perceptivas. Em função disso, para pensarmos as condições afetivas nos afastamos do intelectualismo e do empirismo, pois ambos não admitem em seus estudos esta esfera afetiva. Warmling (2016, p.4), considera que o corpo se insere no mundo através do: “esquema corporal (motricidade), através da sexualidade (é ser sexuado), e expressividade (é ser expressivo)”.

Em **Fenomenologia da Percepção**, Merleau-Ponty (2011 p. 221) analisa um caso de afonia no qual uma moça perdeu sua fala após ser proibida pela família

de ver o rapaz a quem ama, ela também passa a ter crises de insônia e não se alimenta. Sendo a fala uma forma de comunicação com os outros, nos conduz aos relacionamentos, já que está “ligada à coexistência”. No caso da moça afônica, é certo que os acontecimentos suprimiram sua emoção e esta extinguiu sua fala. Ou seja, sua maneira de expressar sua afetividade agora se faz através da afonia. O problema da afonia; segundo Merleau-Ponty (2011 p.222), “representa uma recusa da coexistência, assim como em outras pessoas, a crise nervosa é o meio de fugir da situação”. Da mesma forma ele comenta que “se a moça não pode mais deglutir os alimentos” é porque ela não pode “engolir” a proibição que lhe foi imposta pela família. A afonia diz Merleau-Ponty, “não é calar-se: só nos calamos quando podemos falar”. A moça não conseguia mais expressar-se através da linguagem da fala, sendo assim silenciou-se no seu próprio mundo, é sua interioridade não mais coexistindo no mundo, não mais se engajando com as coisas exteriores vivenciadas e solicitadas pelo mundo. A partir do momento em que a moça foi liberada pela família para encontrar o rapaz, então ela recupera sua fala e restitui sua coexistência. Portanto, “a afonia não representa apenas uma recusa de falar”, e sim a recusa da situação atual. Pois ao reencontrar o rapaz, ela recupera a voz, não porque intelectualmente ela pensou isso e decidiu voltar a falar, mas porque seu corpo se abriu novamente para aquele mundo que tinha se fechado para ela, neste caso a sua corporeidade vivenciou a recusa de viver a sua própria sexualidade. Durante a infância, a moça vivenciou um momento de perigo com um tremor de terra no qual, após o ocorrido, ela apresentou a afonia e em outro momento manifestou a afonia após também sofrer uma forte situação de violência. Sendo a fala, um dos veículos de comunicação nas relações humanas e se a emoção expressou-se pela afonia, é porque segundo Merleau-Ponty (2011, p. 222), “a fala é dentre todas as funções do corpo, a mais estreitamente ligada à existência em comum ou, como diremos a coexistência”. A disfunção erótica ou afetiva examinada por Merleau-Ponty no caso Schneider, já comentado anteriormente, também mostra como a vida afetiva está ancorada no corpo:

O sujeito não pode acompanhar um sermão ou um discurso. Fala fluentemente em respostas às solicitações de uma situação concreta; em todos os outros casos tem que preparar antecipadamente as suas frases. Para recitar as palavras de uma canção tem que assumir a postura do cantor. Não pode subdividir em palavras uma frase que acabou de pronunciar e, inversamente, palavras coerentes separadas por uma pausa, nunca constituem para ele uma frase. Não sabe nem soletrar as letras de

uma palavra que pronuncia bem como conjunto e nem escrevê-las isoladamente, ao passo que possui a palavra como conjunto motor automático. Isso mostra o quanto a linguagem é nele deficiente, embora essas insuficiências sejam especialmente marcadas na instituição de conjuntos simultâneos (MERLEAU-PONTY (2011, p. 104).

Schneider, conforme a descrição de Merleau-Ponty mantém relacionamentos com outros corpos e com coisas num estado de automatismo, pois ele não reconhece num corpo feminino algo que possa lhe atrair. Para o paciente, pelo corpo, todas as mulheres são parecidas, o que lhe atrai numa mulher é especialmente o caráter, já que o contato corporal é elusivo, indiferente afetivamente. Schneider não abraça, não beija e nunca procura por um ato sexual, ele não projeta mais em seu corpo um mundo sexual, não possui mais a intencionalidade sexual, a sua percepção tátil também não se adapta mais a condição da sexualidade. Merleau-Ponty (2011, p.217) faz alusão a um tipo de percepção que não pertence à ordem puramente objetiva, sendo distinta da intelectualidade, mas sim uma intencionalidade que segundo o filósofo não é a “pura consciência de algo”. Ora, a sexualidade não pode ser considerada na sua existência por um ato de “automatismo periférico”, já que a intencionalidade deve abarcar o “movimento geral da existência” que se inclina com ela, no momento em que se coloca em atitude sexual estando em situação afetiva. No entanto, essa intencionalidade é ausente em Schneider. Ele não percebe mais nas pessoas aparências simpáticas ou antipáticas, o sol e a chuva, para ele, não possuem significados “alegres nem tristes”. As poucas amizades que ele faz acabam mal, para ele “o mundo é afetivamente neutro”, todas as suas relações ou atitudes são conquistadas de forma abstrata e não pela espontaneidade.

Segundo Merleau-Ponty (2011, p.215) “é a própria estrutura da percepção ou da experiência erótica que está alterada nele, enquanto que num normal o corpo não é percebido apenas como um objeto qualquer”. Em Schneider, seu corpo já não se coloca mais em situação erótica de forma espontânea, devido ao caráter de significações automáticas que ele vivencia atualmente.

Redescobrimos a vida sexual como uma intencionalidade original e as raízes vitais da percepção, da motricidade da representação, fazendo todos esses “processos” repousarem em um “arco intencional” que inflite no doente e que, no normal, dá a experiência e seu grau de vitalidade e de fecundidade (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 218).

Nessa perspectiva, superamos a visão de que a sexualidade seria um ciclo autônomo e chegamos enfim, ao reconhecimento de que o ato sexual está ligado “interiormente ao ser cognoscente e agente inteiro”. Desta maneira, esses setores do comportamento – a percepção, a motricidade e a representação, manifestam-se reciprocamente numa “única estrutura”, submetida nesta dialética corporal (MERLEAU-PONTY, 2011, p.218).

Merleau-Ponty, nas duas circunstâncias patológicas comentadas – a afonia e o caso Schneider apresentam duas possibilidades que envolvem a recusa da existência corpórea, ambos os fatores revelam um tipo de linguagem corporal que é por meio da impossibilidade da fala e outro tipo que se manifesta pela proibição da sexualidade. A própria sexualidade está presente neste desvelamento corpóreo, porque para a moça, também houve uma recusa neste aspecto de sua vida. O ser humano possui projetos, e são esses projetos que o torna um corpo no mundo vivido. Quando em algum momento da vida este corpo sofre alguma restrição, é ele o próprio corpo que se revela com sua totalidade de forma a se fechar para o mundo vivido. É a linguagem corporal em sua totalidade que está em jogo. Tanto a fala quanto a sexualidade, são formas que o sujeito possui para ser no mundo. O corpo é presente no mundo mediante a visão, a percepção, a afetividade, a sinestesia, com toda sua imbricação espaço-temporal, que se faz pelo posicionamento e engajamento com os outros corpos e coisas, em uma vivência de situação pelo seu esquema corporal. No próximo capítulo, vamos discutir, a partir da análise de pesquisas com amputados, como esse engajamento do corpo no mundo pode ser repensando pelo tema da intercorporeidade, a última fronteira da noção de corpo próprio.

3 A RESSIGNIFICAÇÃO CORPÓREA NA EXPERIÊNCIA DA INTERCORPOREIDADE

*“É o corpo, com sua totalidade e significações,
que abre a porta das infinitas percepções”.(minha autoria)*

3.1 O QUE ME FAZ SER UM CORPO-PRÓPRIO É O REENCONTRO COM O “SENTIR”

A percepção, como vimos nos capítulos anteriores, é o nosso primeiro contato com o mundo. Ora, como comenta Merleau-Ponty (2004, p.6) “a partir do momento em que nos apropriamos de uma postura prática ou utilitária precisamos nos refazer, a partir deste mundo, estando nele, vivendo nele, sentindo nele”. No corpo-próprio reencontramos uma potencialidade para agir de acordo com a nossa intencionalidade. Este corpo já não é mais aquele corpo autômato e fragmentado de Schneider. Portanto, passamos a vivenciá-lo na sua totalidade. Reconhecer no corpo as situações vividas é reconhecer todas as intenções nele existentes, toda a sua potencialidade de ligar ao mundo e aos outros corpos. Eu percebo numa interação corporal com as situações e com o outro, percebo com a totalidade do meu corpo, com o seu consentimento.

Assim, a corporeidade exprime a subjetividade e uma singularidade que só se reconhece na pluralidade e na vivência com outros corpos. O corpo não deixa de ser um fenômeno, uma forma de se relacionar com o ambiente e com outros corpos. O indivíduo, na sua totalidade, se envolve com o seu meio conforme as experiências vividas. Desta forma, constrói este ser corpóreo, simultaneamente com as coisas do mundo e com outros corpos. É nesta relação – eu-outro-mundo – que se revela a intercorporeidade, a subjetividade é intercorporal.

Para Merleau-Ponty (2011, p. 108) “meu corpo é meu ponto de vista sobre o mundo, assim como um dos elementos desse mundo”, ou seja, corpo e objeto ocupam o mesmo espaço e para que entre o “eu” e o “outro” ocorra uma inter-relação é preciso que exista dois corpos em expressão, ocorrendo assim a intercorporeidade. O campo de reflexão sobre o corpo vem se tornando cada vez mais intenso, pois se percebe que os pesquisadores buscam encontrar uma nova

visão, uma nova maneira de olhar o corpo, como linguagem e criação de sua própria história numa subjetividade tética, mas sem perder a dinâmica corpórea. Segundo Reis (2011, p.40), “a subjetividade não é uma interioridade que se opõe à exterioridade, mas é corporeidade, constituindo-se na dinâmica das relações corporalmente mediadas que o homem estabelece com seu entorno”. Desta maneira, o corpo transcende todo seu aspecto mecanicista que a fisiologia lhe atribui revelando sua intercorporeidade. É na subjetividade e nas diferenças que os corpos se encontram, vivenciando no cotidiano as mensagens que o corpo transmite através da expressão, que pode ser manifestada pela visão, pelo tato, pela motricidade, pela linguagem, pela emoção. Para o estudo da relação corpórea com o ambiente e com os outros se faz necessário uma discussão que leve em consideração o corpo existente, esse contato carnal entre o “eu” e o “outro”, permeado por todas as formas de expressão corporal.

Os estudos sobre o corpo nos permite buscar nele os seus fenômenos, como se manifesta essa expressividade e suas relações.

Como ser-no-mundo, o homem é um ser-em-movimento e o que o possibilita mover-se, dirigir-se a alguma coisa, seja caminhando até ela ou simplesmente voltando-o olhar, é o corpo. Neste sentido, mover-se é uma forma de sair do si para ser-com, abrindo-se à alteridade. O contato com o outro, seja ele uma pessoa ou outro ser, ou uma coisa, é possível porque tenho um corpo, que me torna sensível ao outro, possibilitando que dele eu tenha consciência (REIS, 2011, p. 37).

É na interação do corpo-próprio com o mundo, realizada na dialética da intersubjetividade que os corpos se percebem. E é neste encontro entre os seres sentientes e sensíveis, que “emergem os sentidos, em sínteses abertas que constituem a subjetividade como devir” (REIS, 2011, p. 46).

Na experiência da intersubjetividade experimentamos uma unidade que se desprende e suscita para presenciar duas subjetividades. Nesta experiência emergem todos os nossos sentidos como seres que sentem e são sentidos, que tocam e são tocados, que percebem e são percebidos. Neste universo, que retorna ao estado mais puro da carnalidade como Merleau-Ponty descreveu em **O Visível e o Invisível**.

Quando toco algo é meu corpo se manifestando por meio do tato, não sou eu enquanto um ser de consciência, mas são meus membros, com sua motricidade que buscam uma forma de conexão com o tocado, só toco se esse ato tiver para

minim uma concordância da minha consciência de tocar, ou seja, uma reciprocidade entre tocado e tocante.

Cada contato de um objeto com uma parte de nosso corpo objetivo é na realidade contato com a totalidade do corpo fenomenal atual ou possível. Eis como pode realizar-se a constância de um objeto tátil através de suas diferentes manifestações. Ela é uma constância-para-meu-corpo, um invariante de seu comportamento total. Ele vai ao encontro da experiência tátil por todas as suas superfícies e todos os seus órgãos ao mesmo tempo, ele traz consigo uma certa típica do “mundo” tátil (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 425).

A partir do nosso contato carnal com as coisas e com o outro se abre uma nova visão, onde encontramos um “corpo fenomênico”, o qual passou a designar como corpo-próprio, este é um corpo reativo, além do habitual, ele se faz existir pela sua condição atual e suscita para um mundo de inesgotáveis percepções, um corpo que se reencontra no sentir. Eu me comunico e me sintonizo com os fenômenos que me aparecem, a luz de um dia ensolarado e o luar, diz Merleau-Ponty (2011, p. 425) se “oferecem antes de tudo não como conteúdos sensoriais, mas como certo tipo de simbiose, uma certa maneira que o exterior tem de nos invadir, uma certa maneira que temos de acolhê-lo”, eis aqui uma recordação que “resgata a armação da percepção da qual ela nasceu”. Assim, conforme as palavras de Dias, e na experiência do corpo que encontramos os fundamentos de uma ontologia do sensível:

Com efeito, o corpo é um sensível como qualquer outro objeto (embora seja mais do que isso). Porque é sensível, porque é disso (il en est), ele pode ver, porque é tocado, pode tocar. O corpo transmite ou propaga a própria visão e tacto a todo o sensível e, de certa forma, os objetos também veem, porque envolvidos num tecido comum: a Visibilidade e Tangibilidade anônimas. Assim, não é como portador de um sujeito cognoscente que nosso corpo ordena, para nós, o visível; o corpo apenas concentra “o mistério da visibilidade esparsa”, Visibilidade e Tangibilidade fazem parte da textura do Sensível, da textura do mundo: a via está aberta para a instauração de uma ontologia (DIAS, 1989, p. 186).

A nossa questão porém, pelo menos nesse momento, não é investigar como uma nova ontologia seria possível a partir da experiência corporal. A radicalização da reversibilidade, como podemos ler em, **O Visível e o Invisível**, revela o entrecruzamento entre todos os corpos, entre o corpo próprio e o corpo do mundo.

O corpo é “visibilidade e sensibilidade, as quais, por uma reversibilidade inerente à constituição corporal, voltam-se para o mundo como capacidade ativa de

vidência, de tato e de senciência” (FERRAZ, 2006, p. 207). O problema maior é superar a objetividade corporal, ressignificando o corpo no mundo vivido, no entrecruzamento de todas as corporeidades. Desse modo, o que se busca nessa parte final do trabalho, é investigar um novo paradigma da corporeidade como intercorporeidade. É neste reencontro entre corpos no mundo vivido que podemos pensar as possíveis significações das quais meu corpo é capaz de perceber na sua espontaneidade, integrando-se na interioridade e exterioridade. Portanto, cabe ao corpo ser neste mundo e vivê-lo na sua plenitude e com toda sua potencialidade.

Entretanto, o pensamento objetivo insiste em dissimular o corpo, tornando-o apenas um ser “em si”. Isto de certa forma o limita a novas possibilidades e experiências. As ciências da saúde, em geral, compreendem o corpo apenas pelo seu aspecto fisiológico e, desta forma, restringem sua expressividade, fazendo do sujeito corporal um ser enraizado ao seu corpo objeto, e por esta razão sua corporeidade passa a ser limitada. O enraizamento está sempre ligado a um projeto ou experiências de um tempo passado, razão pela qual Merleau-Ponty (2011, p. 529), considera que “o que quer que eu pense ou decida, será sempre sobre um fundo daquilo que anteriormente acreditei que fiz”. Ou seja, o corpo com sua memória temporal se desvela pelo que foi, pelo que realizou; um tempo que agora não é mais real. Este corpo em outro tempo-espaço possuía seu projeto de expressão com sua total motricidade. No entanto, quando algo lhe atinge de modo a interferir nesses projetos, ocorre um bloqueio na sua própria ancoragem e nas relações com o espaço, coisas e outros seres. Afinal, o corpo presente está fundado no corpo de um tempo que antecede o atual.

Sem dúvida, não é inteiramente meu corpo quem percebe: só sei que pode me impedir de perceber, que não posso perceber sem sua permissão; no momento que a percepção surge, ele se apaga diante dela, e nunca ela o apanha no ato de perceber. Se minha mão esquerda toca minha mão direita e se de repente quero, com a mão direita, captar o trabalho que a esquerda realiza ao tocá-la, esta reflexão do corpo sobre si mesmo em que sinto sempre aborta do último momento: no momento em que sinto minha mão esquerda com a direita, correspondentemente paro de tocar minha mão direita com a esquerda. (MERLEAU-PONTY, 2012, p.26)

A percepção sensível, é dada a partir do corpo, que passa a ser a ligação entre percepção e sensibilidade transcorridas ou manifestas pelo corpo-próprio. Mas como pensar a tese do corpo próprio a partir de um corpo lesionado? Como reconhecer um corpo próprio num corpo sem partes e sem movimento? Como,

finalmente, reencontrar a partir de um corpo – lesionado – que parece ter subtraído toda e qualquer forma de subjetividade de um corpo próprio?

3.2 CORPOS LESIONADOS

Mais do que uma simples sensação, a relação de um indivíduo lesionado com o mundo que o solicita, embora ele já não corresponda com esse chamado, é de deslocamento existencial. Uma vez que seu esquema corporal já não mais coexiste com a solicitação do espaço. Afinal, o sujeito está o tempo todo sendo solicitado, na sua casa, na rua, em todos os ambientes por um mundo que o seu corpo atual já não reconhece. Enfim, o mundo ainda se mantém com seus mesmos parâmetros e acessos, mas o sujeito amputado não. Desta forma, não se sente mais integrado ao seu ambiente.

Desse modo, a perspectiva fenomenológica do corpo próprio enfrenta o seu maior desafio diante de corpo “patológico”, desafio de pensá-lo pela sua própria história, pela sua existência e seu modo de ser-no-mundo, como um corpo dotado de essência e com sua singularidade. O pensamento científico, de maneira geral, ignora a essência, a singularidade, a afetividade e a intencionalidade do comportamento humano. A fenomenologia de Merleau-Ponty busca compreender o corpo enquanto ser-no-mundo e toda sua circunvizinhança, à medida em que busca o verdadeiro sentido da existência de cada um. Não se trata de ignorar os estudos científicos, nem as técnicas criadas para suprir a singularidade e limitações de alguns corpos, mas sobretudo, de reencontrar no corpo lesionado – amputado - um sentido que permita que reconhecer a sua relação quiasmática com o mundo.

Algumas patologias, como já vimos, alteram toda percepção corporal, causando limitações algumas vezes irreversíveis. A percepção num sujeito normal é diferente de um lesionado. Então, como ocorre a percepção em um corpo lesionado; sendo que lesão “é qualquer descontinuidade traumática ou patológica do tecido, ou perda de função de uma parte” (BARBANTI, 1994, p. 179). Todavia, um sujeito com seu corpo lesionado é considerado limitado na sua condição motora e expressiva, seu esquema corporal atual não condiz com o habitual, nessa medida, o corpo é revertido há um tempo passado. Esta temporalidade em desajuste com o atual, explicitada por Merleau-Ponty na **Fenomenologia da Percepção**, faz com que os fisioterapeutas, segundo Laskovski (2012, p.26), evitem abordar com seus pacientes

lesionados “as questões relativas aos aspectos da integração entre passado, presente e futuro”. Este resgate temporal pode causar certo recalque em casos de pacientes lesionados gravemente e sem possibilidade de reabilitação total, reprimindo-os de forma que estes não se interessem pela reabilitação, sendo que reabilitação “é a restauração de um estado físico, mental, vocacional ou social satisfatório, após uma lesão física ou mental impeditiva de atividades normais” (BARBANTI, 1994, p. 249). Esta definição advinda das ciências da saúde nos remete novamente a uma visão dualista do corpo, podemos então, a partir desta definição, colocar a seguinte questão: Será que é esta a visão que um lesionado tem do seu corpo e da sua forma de se direcionar ao mundo? Será, finalmente, a lesão uma negação – supressão - da noção de corpo próprio?

Diante de uma deficiência corpórea, a função da reabilitação é oferecer ao paciente lesionado condições para que ele disponha de seu corpo da melhor forma possível mesmo com suas limitações. Duas questões estão em jogo no comportamento de um lesionado; a visão que um paciente tem do seu corpo e a sua temporalidade. Ambas podem apresentar uma obstrução no progresso da reabilitação. A própria recusa pela deficiência, ou seja, um corpo que lida apenas com o seu habitual, possuindo apenas aceitação pelo tempo passado se apresenta debilitado na sua corporeidade.

A capacidade funcional de um paciente é o principal aspecto a ser desenvolvido na reabilitação, na qual o sujeito é conduzido para uma evolução onde suas habilidades motoras voltem a desempenhar um papel importante nas suas atividades de vida diária. Pacientes que sofreram algum tipo de alteração por motivo de acidente ou doença, necessitam ressignificar suas vidas a partir da doença estabelecida. Isso causa de certa maneira um transtorno na vida do sujeito, pois em outro tempo ele tinha projetos e planos.

Sabemos que a gênese do corpo-próprio aparece sustentada pela motricidade, expressividade e afetividade; todavia, o fim da motricidade produz uma autovisão e autopercepção de um corpo-objeto, mas a afetividade, a expressividade e a reversibilidade ainda permanecem neste corpo. Portanto, quais seriam as consequências desta autovisão e percepção do corpo-objetivo em nossas vidas?

Para tentar obter mais clareza sobre a percepção que doentes têm de seu corpo, apresentaremos, na sequência, alguns relatos de pacientes que descrevem os sintomas mais comuns de se sentir após a amputação: dor fantasma, dormência,

queimação, câimbra, pontadas; ilusão vívida do movimento do membro amputado, e a nítida sensação da existência real do membro.

Outro relato diz respeito à sensação de “desaparecimento do membro”. Neste caso, o paciente descreve que sente apenas a parte distal do membro, como se ele existisse enquanto o resto do membro não é sentido, ou seja, o “modelo postural do corpo” prepara o indivíduo para o “contato com o mundo externo”. Desta forma, podemos perceber que as “extremidades corporais mantêm um contato mais estreito e variado com a realidade” e são mais presentes que as demais (SCHILDER, 1984 citado por DEMIDOFF; PACHECO; FRANCO; 2007, p. 235-36).

Nos relatos apresentados na pesquisa de Demidoff, et al, (2007, p. 235-37), foi observado que a dor se localiza na parte distal do membro. Muitos estímulos internos e externos “modulam a dor fantasma”, dentre os fatores relatados pelos amputados encontramos alguns fatores que podem aliviar a dor: relataram que momentos de descanso e lazer podem aliviar a dor, a mobilização do coto, o uso de prótese e a massagem também aliviam. Estes relatos nos mostram que a “experiência da dor fantasma é um resultado”, que não diz respeito a um “único evento”, mas desta forma demonstra uma “interpretação de vários efeitos neuronais” (ROHLFS e ZAZÁ, 2000 citado por DEMIDOFF et al, 2007, 236-37).

Segundo Chini (2005, p.45), as entrevistas realizadas poderão fazer surgir no paciente, “a consciência de si, ou seja, a consciência de que o paciente tem da sua própria maneira de estar no mundo” e também da forma que o sujeito se impõe em determinadas situações, isso nos possibilita captar a sua maneira de vivenciar e experimentar o corpo no mundo.

Qual é a importância dos depoimentos seguintes para essa pesquisa?

A ideia é o reencontro com o próprio-corpo e com o do outro, concentrando nossa singularidade e partindo dela para a busca de um novo olhar sobre o corpo-próprio, extinguindo todo preconceito. Este novo olhar possibilita ao agente do olhar segundo Chini (2005, p.45), “olhar as coisas como elas se mostram a si mesma”. Neste sentido, podemos “compreender e direcionar de modo mais adequado, nosso olhar, nossas ações, atos e pensamentos”.

Nas pesquisas realizadas na “Clínica Escola de Fisioterapia”, da Universidade Metodista de SP (Campus Rudge Ramos-SBC), foram coletados dados de dois pacientes, onde cada um relata, primeiramente, como ocorreu a deficiência e, na sequência, quais as mudanças que ocorreram em suas vidas. Na pesquisa foi

utilizado dois métodos, um de perguntas e respostas e outro no qual os pacientes precisaram desenhar o seu próprio corpo e um corpo do sexo oposto (chama-se o teste da figura humana), os resultados obtidos serão apresentados na sequência.

No primeiro caso, o paciente relatou sobre o acidente que o paralisou, onde foi atingido por uma bala após uma briga entre dois homens no ponto de ônibus onde se encontrava na ocasião. Contou que após se tornar um cadeirante a sua vida ficou alterada em todos os setores e de repente tudo mudou. Com relação ao desenho se observou que o paciente não tem muito interesse pelo sexo oposto. Aparentemente, ele apresentara insegurança, uma vez que se encontra reprimido sexualmente. Segundo a pesquisa de Campos, Avoglia e Custódio (2007, p.48), “o mundo não se apresenta ativamente cerrado para este indivíduo; mas percebido vagamente, com espécie de massa não diferenciada”. Os autores comentam também que ele apresenta “problemas de contato, expressão de evasão, adaptação social e hostilidade para com os outros”. Em função disso, ele ainda apresenta problemas comportamentais no qual deixa claro “uma fase imatura e egocêntrica, sem entusiasmo e tem medo”. Isso faz com que ele não aceite a evolução maturacional do próprio corpo. Ele também apresentou “passividade, falta de autonomia, fuga, rejeição, nostalgia, desejo de obter aprovação”.

No segundo caso, o paciente contou que foi assaltado e atingido por um tiro na medula. Durante o relato, ele confirma, dia, mês, ano e local do ocorrido. De acordo com os pesquisadores, o paciente relatou que a paralisia “modificou algumas coisas em sua vida”, pois ele era praticante de futebol e também professor de dança, além de ministrar aulas em casas noturnas. Na época da pesquisa, ele estava cursando química e trabalhava numa empresa. Este paciente relata que “faz de tudo que lhe é possível fazer; que sempre tenta antes de dizer que não consegue realizar alguma coisa”. Contou também que se adaptou com a atual situação em apenas um mês e relatou que sempre teve “apoio dos amigos e da família e se tornou mais maduro, passando a conhecer o significado da palavra valor”. Disse que era “muito louco e sem responsabilidade e hoje tem mais paciência e sabe esperar”. Porém, quando realizou o desenho das figuras humanas, masculino e feminino, os pesquisadores constataram que ele apresenta uma atitude “de expectativa diante da vida, com ansiedade e passividade, falta de confiança em si, manifestando timidez, inibição e nostalgia”. Através do desenho, os pesquisadores observaram que ele apresentava “desejo de retornar ao passado ou permanecer na fantasia”, tentando

se manter num “esforço inconsciente para deformar a realidade, escapando da insegurança”. Pela avaliação dos pesquisadores, ele é amparado “pela fantasia, indicativo de evasão dos problemas de relacionamento pessoal e do encontro com novas situações”. O paciente apresenta também um pouco de “hostilidade para com o sexo feminino, valorizando mais o sexo masculino, parecendo que ele se identifica com o próprio sexo e o valoriza”. De acordo com o desenho, os pesquisadores avaliaram que ele exibe “necessidade de mostrar virilidade, pois esta é insegura e débil, com desordem sexual e sensibilidade primitiva, associada a impulsos sexuais infantis”. Portanto, observou-se “repressão na esfera sexual” (CAMPOS, et al, 2007).

De acordo com estes estudos realizados, os pesquisadores obtiveram seus resultados a partir da avaliação dos desenhos, os quais concluíram que:

Os resultados permitem afirmar que os pacientes demonstraram alterações em termos de imagem corporal. Em ambos os casos, foi possível verificar a presença de um conflito representado pela divisão do corpo em partes. (CAMPOS; AVOGLIA; CUSTÓDIO, 2007, p. 50)

Um sujeito com a imagem corporal comprometida pela lesão se coloca no mundo com seu corpo dividido em partes, pois é assim que ele se percebe agora. Desta forma a sua deficiência se apresenta implicada numa concepção de um corpo objetivo. Tal é a percepção corporal que o sujeito tem de si. E quais seriam as consequências desta percepção para a reabilitação destes pacientes? A percepção da totalidade corporal é importante para que o sujeito se reconheça como um corpo que “é” no mundo vivido. Conforme Van Kolck (1986), citado por Campos, et al (2007, p 53), “a imagem corporal é o produto de um organismo como um todo”. No entanto, a maneira de um corpo, agora deficiente se colocar diante da vida e dos fatos atuais está relacionado com seus desejos e planos. A paralisia, nestes dois casos apresenta alguns aspectos diferentes, porém se percebe que ambos os entrevistados exibem problemas com relação à sexualidade e a aceitação do corpo atual. Segundo Merleau-Ponty (2011, p. 213), “o mundo objetivo” não se envolve com os “estados afetivos”. Como já vimos, um doente nunca inicia um ato sexual sem o contato direto, uma vez que a patologia o colocou num estado de automatismo.

De certa forma, estes resultados nos remetem ao que já foi comentado por Merleau-Ponty quando se refere ao recalque da deficiência; a não aceitação e a preservação das lembranças do corpo habitual.

O Serviço de Fisioterapia do Núcleo de Atenção Médica Integrada da Universidade de Fortaleza realizou estudos etnográficos e fenomenológicos ao mostrar como essa relação entre corpo atual e habitual é importante para fundamentar a negação do corpo próprio e todas as suas potencialidades. A pesquisa revela “a superação da compreensão unicamente biológica do adoecer humano, enfocando o mundo da experiência vivida para revelar o sentido de estar doente” (MOREIRA; NUNES; ROCHA, 2007, p. 192). Na pesquisa foram entrevistadas oito pessoas, onde três eram funcionários do Núcleo de Atenção Médica Integrada da Universidade de Fortaleza e cinco eram pacientes com lesões na medula com limitação de movimentos, todos adultos. Segundo Moreira, et al (2007, p. 196), foram realizadas “entrevistas que tinham como objetivo buscar compreender o significado da experiência vivida do adoecer”. Sendo que a primeira questão feita teve relação com a experiência de adoecer, enquanto que as demais perguntas foram baseadas na primeira resposta. Os pesquisadores buscaram compreender o significado do adoecer na vivência de cada colaborador, como por exemplo: o que pensam, o que sentem, quais atitudes tomam a partir da doença estabelecida, qual o sentido encontrado nesta experiência, expectativas e medos. Nas respostas foram evidenciadas que os pacientes apresentam o que eles chamam de “dores físicas”. Tais dores os fazem sofrer e, por isso, “devem ser compreendidas como um todo, como um ser de experiência e fonte de emoções”. Nos relatos dos colaboradores ficaram evidenciados seus sentimentos com relação às limitações que agora fazem parte do seu ser corpóreo. São sentimentos como tristeza, depressão, limitação para voltar a trabalhar. Alguns pacientes relatam sentir angústia por não poder correr novamente nem jogar futebol. Confessam que o acidente atrapalhou todos seus planos. Quanto ao significado de adoecer, os relatos foram também muito próximos um dos outros, apresentando medo da dependência; porém, alguns ainda relataram que a dependência lhes trouxe outra forma de ver a vida, mas todos afirmam que não poderão mais trabalhar como antes e que a vida mudou.

Os pesquisadores Moreira, et al (2007, p.202) comentam que “estudar a experiência do adoecer é avaliar um complexo mundo de significados,” reconhecem a importância de considerar no relato do doente seus sentimentos, cognições e comportamentos e que isso deve ser considerado “além da descrição dos sintomas físicos”. Moreira, et al (2007, p.202), relatam a “singularidade do sujeito no qual o

sofrimento transcende o sintoma implicando num sofrimento adicional pelo medo da exclusão”. A experiência do adoecer é um fenômeno que envolve toda estrutura corporal e sua relação com o mundo vivido, como Merleau-Ponty já havia descrito nos seus estudos sobre patologias corpóreas na **Fenomenologia da Percepção**.

Em outra pesquisa, agora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009), buscou compreender a reinserção profissional de pessoas com amputação de membros. O grupo de amputados pesquisados é do estado do RS. São protetizados, com diferentes tipos de amputação. A amostra foi composta por dez amputados e todos foram esclarecidos sobre os objetivos e etapas da pesquisa. A pesquisa discute também sobre a questão das “perdas e ganhos dos amputados”, conferindo que a “reabilitação do paciente amputado não se resume a protetização”. A autora da pesquisa, professora Giuriolo, comenta sobre a importância de estimular a readaptação deste sujeito ao contexto profissional e social. Afinal é uma fase difícil na qual o paciente passa a descobrir suas limitações e dificuldades, onde se faz “uma nova aprendizagem de vivência social ontologicamente estabelecida através do trabalho” (GIURIOLO, 2009, p.58).

A reabilitação aos amputados deve contribuir para oferecer aos pacientes formas diferentes para habitar seu corpo. A reabilitação, afirma Giuriolo (2009, p.58), “é um fenômeno que impõe mudanças biológicas”, ou seja, a estrutura corporal novamente se apresenta em desajuste e devido as mudanças ocorridas e ao papel da reabilitação ser também de conduzir o paciente ao “enfrentamento dessas mudanças”. Isto envolve a “adaptação” ao seu corpo atual, oferecendo aos amputados uma melhoria na sua motricidade e também as “relações vivenciadas nas atividades do processo de reabilitação”. Neste processo, inclui-se a relação com as coisas e com os outros.

Três pacientes entrevistados comentaram que sentiam muita dor durante o tratamento clínico conservador. Por outro lado, após a amputação, mais tarde com a colocação da prótese e retomada de suas atividades de vida diária (incluindo retorno escolar, lazer e exercícios físicos), ocorreu um alívio da sensação de dor. Uma das pacientes com quadro de má formação congênita e conseqüente osteomielite (infecção óssea) precisou ser amputada aos trinta e cinco anos. A paciente que era analfabeta, pois a família nunca a inseriu no âmbito escolar devido a sua deficiência, relatou que após a amputação e adaptação da prótese, passou a frequentar escola e

também começou a participar das atividades de lazer com a família. Outro paciente entrevistado relatou ter usado fixador¹⁷ externo na perna durante cinco anos, tendo utilizado muletas desde criança. Após a amputação passou a vivenciar coisas que antes lhe era impossível como caminhar sozinho, calçar sapatos, e que a partir da amputação decidiu frequentar a escola conseguindo concluir seus estudos. Ele contou que, com o fixador, sentia muita dor e, por isso, havia desistido da escola, pois não conseguia sequer prestar atenção em nada. Ele mesmo optou pela amputação, o que em razão disso, conseguiu voltar aos estudos e passou a vivenciar suas possibilidades no mundo (GIURIOLO, 2009, p.62).

Outros entrevistados relataram que após a amputação e o período de internamento, o retorno às aulas foi emocionante devido à atenção e aos cuidados dos colegas. Os pesquisadores relatam que no grupo pesquisado poucos praticavam atividade física, sequer usufruíam momentos de lazer com amigos. Os entrevistados relataram sobre a “impossibilidade de jogar futebol, handebol e correr”, referindo-se a isso como limitações, mas, por outro lado, eles reconheceram a existência de novas possibilidades de praticar atividades físicas como “ciclismo e natação”. De certa forma, esse reconhecimento por parte dos entrevistados indica uma possível abertura para o corpo atual. Outro detalhe importante foi saber que os entrevistados possuem planos para o futuro, como a busca para ser aprovado em concurso, trabalhar, concluir estudos. Percebe-se que eles buscam o reconhecimento pela capacidade e não pela piedade devido à amputação.

Laskovski (2012, p. 24) comenta que é necessário “a participação do próprio amputado como sujeito de sua reinserção”, ou seja, somente o próprio amputado poderá ressignificar seu corpo próprio, incluindo-o nas diversas possibilidades. Embora, possuam projetos futuros, observou-se, com relação ao aspecto da inserção profissional, que os amputados ainda valorizam suas atividades profissionais anteriores, onde todos apresentaram uma certa frustração por não poder cumprir com a função que se exercia com seu corpo habitual. Devido a este aspecto, a pesquisadora questiona sobre uma possível negação da amputação e da atual situação corporal; todavia, a doente precisa ressignificar seu corpo, afinal,

¹⁷ O fixador externo é um dispositivo de sustentação parcial da carga, que pode ser utilizado para estabilização provisória ou definitiva das fraturas. Bastante utilizado nos membros inferiores. (HOPPENFELD; MURTHY, 2001, p.70)

segundo Merleau-Ponty (2011, p. 227) “o papel do corpo é assegurar essa metamorfose”. O corpo possui características próprias, mas ele também tem o poder de “transformar ideias em coisas”. O corpo é esse ser que tem a potência de realizar sua própria existência. Com sua pulsão, “ele secunda seu duplo movimento de sístole e diástole”, haja vista que é ele que oferece a “possibilidade para minha existência”.

O membro fantasma frequentemente conserva a mesma posição em que estava o braço real no momento do ferimento: um ferido de guerra ainda sente em seu braço fantasma os estilhaços de obus que laceraram seu braço real. É preciso então substituir a “teoria periférica” por uma “teoria central”? Mas uma teoria central nada nos faria ganhar se às condições periféricas do membro fantasma só acrescentasse traços cerebrais. Pois um conjunto de traços cerebrais não poderia representar as relações de consciência que intervêm no fenômeno. Com efeitos, ele depende de determinantes “psíquicos”. Uma emoção, uma circunstância que relembre as do ferimento faz aparecer um membro fantasma em pacientes que não o tinham. Ocorre que o membro fantasma, enorme depois da operação, se encolha em seguida para enfim se absorver no coto “com consentimento do doente em aceitar sua mutilação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.115).

O corpo possui suas necessidades e passa por adversidades diárias. Ele em situação constante, assim ele pode abrir-se para o mundo e as coisas como também pode se fechar em uma memória de corpo, em um corpo que já não está mais em situação. O desejo de ter um corpo “inteiro” faz com que o paciente recuse seu corpo doente. A experiência que um amputado vivencia de ainda ter presente um braço ou uma perna ou de um braço doente que embora esteja ali, ele já não o sente como sendo dele. Esses referenciais de dor e sensações não se passa na esfera do *cogito*.

O que se perdeu foi a inerência do corpo ao mundo, à medida que o paciente recusa sua mutilação e, neste caso, o braço fantasma conserva, no indivíduo amputado, a abertura para as ações do mundo. Outrora seu corpo era o seu veículo, seu modo de ser, de dar sequência aos seus projetos mundanos e integrando-se a eles. No entanto, agora esses dados já não possuem mais o mesmo campo prático de antes, já que o mundo permanece da mesma forma.

...pois se é verdade que tenho consciência do meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo (MERLEAU-PONTY, 2011 p.122).

Um corpo doente reconhece sua doença e, por isso mesmo, a ignora, pois segundo Merleau-Ponty (2011, p. 122) no momento em que “meu mundo costumeiro suscita em mim intenções habituais, não posso mais, se sou amputado, juntar-me a ele”. E se o corpo é meu veículo, o que pode um corpo amputado?

Um entrevistado relata que é “professor de capoeira”. Afirma ainda ter a mesma profissão, embora não trabalhe mais e, que os trabalhos que exerceu após a amputação não são profissões. A capoeira, para ele, foi uma faculdade que o ensinou a “ser honesto, a ter caráter e disciplina”. Esse paciente tem uma história na capoeira, e a prótese lhe trouxe o benefício de caminhar, mas não de jogar capoeira, Ele vive, de certa forma, a experiência do recalque comentado por Merleau-Ponty em **Fenomenologia da Percepção**, que representa a não aceitação da amputação (2011, p.117). Todavia, nesse caso, podemos concluir que o recalque não é simplesmente uma negação do corpo atual. A não aceitação do seu corpo atual não nasce somente das lembranças, mas, sobretudo, do desejo presente de vivenciar projetos atuais, como jogar capoeira. No entanto, ele não visualiza com seu corpo atual as mesmas possibilidades para realizar seus projetos, para dar vazão aos seus desejos. Para este sujeito, a capoeira representa o “seu mundo e sua maneira de existir” assim como a pintura representava-se para Cézanne.

Ressignificar a imagem corporal não é algo fácil. Trabalhar com suas limitações e integrar seu corpo novamente no espaço-temporal pode ser, para algumas pessoas, um processo árduo e complexo. Para alguns pacientes, o fim da motricidade representa a presença de um corpo-objeto. Ora, esta autovisão corporal torna a percepção e a motricidade do comportamento sem comunicação num todo. Portanto, a própria expressividade perde sua espontaneidade, tornando o paciente impossibilitado de perceber que seu corpo agrega-se ao mundo e o mundo interage com seu corpo. Contudo, o paciente continua a esperar do mundo e, nesta relação, ele aguarda também a troca pela interação e pela entrega do seu corpo que ainda vibra e sente. Mas será que o mundo está preparado para agregar este corpo que agora já não consegue mais corresponder aos estímulos normais?

A existência é a comunhão da sua ecceidade com a pluralidade do mundo. Conforme Merleau-Ponty (2011, p. 291), “o sujeito que tem a sua experiência começa e termina com ela”, num entrelaçamento mútuo de experimentos de sensações. “Entre minha sensação e mim” há sempre um saber pré-reflexivo”, deste saber existe ainda muito além do que eu sinto, vejo ou ouço, pois o mundo é

inesgotável de sentidos. De certa, forma a herança de um corpo materialista e autômato reduz os pacientes ao objetivismo e intelectualismo, o qual nega a contribuição dos sentidos “na experiência do espaço” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 292).

O campo de futebol não é, para o jogador em ação, um objeto, ou seja, a palavra ideal que pode dar lugar a uma multiplicidade indefinida de vistas perspectivas e permanecer equivalente sob essas transformações aparentes. É percorrido por linhas de força (as linhas laterais, as que limitam a meia-lua), articulado em setores (por exemplo, os buracos entre os adversários) que impõem certo modo de ação, a desencadeiam e exigem como à revelia do jogador. O campo não lhe é dado, mas está presente para ele como termo imanente de suas intenções práticas; ele e o jogador são um só corpo e o jogador sente, por exemplo, a direção do gol tão imediatamente quanto a vertical e a horizontal de seu próprio corpo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.263).

Merleau-Ponty considera que não é só a consciência habitando esse meio, mas é a “dialética do meio e da ação” que estão e são sempre presentes no contexto, onde suas ações trabalham sempre sincronizadas num envolvimento e “alterando o campo fenomênico” (2006, p.263).

É este nível de entendimento que talvez falte aos pacientes entrevistados. Trata-se de considerar que o corpo tenha abertura para todas as suas linhas infinitas de possibilidades, procurando superar a patologia e compreender que mesmo diante dela, ele, o sujeito, com sua corporeidade poderá se abrir para o mundo criando e recriando novos conhecimentos e relações¹⁸. Afinal, a consciência vivida diz Merleau-Ponty (2006, p. 272), “não esgota a dialética humana”, pois para ele o que define o homem, “é a capacidade de criar uma segunda natureza – econômica, social, cultural – para além da natureza biológica é, sobretudo a capacidade de superar as estruturas criadas para criar outras”.

É na reversibilidade que estes sujeitos podem ainda se reencontrar com o corpo-próprio, fazer a transposição do corpo habitual para o atual e, desse modo, vivenciar ainda um corpo que toca e é tocado, que sente e é sentido, que vê e é visto. É no reconhecimento da presença constante da reversibilidade que, de acordo

¹⁸ Merleau-Ponty comenta que um homem sadio se propõe a viver, a atingir certos objetos no mundo ou para além do mundo, e não conservá-lo. Observou-se que pessoas com lesões cerebrais, diminuíram a superfície sensível que oferecem ao mundo, criando para si um meio limitado em que a vida permanece possível para elas. Percebeu-se que o homem é capaz de situar seu ser próprio não na existência biológica, mas no nível das relações propriamente humanas (MERLEAU-PONTY, 2011, p.274).

com Merleau-Ponty, devemos retornar para reencontrar o corpo próprio. Pois “a sensação e observemo-la de tão perto que ela nos ensine a relação viva daquele que percebe com seu corpo e com seu mundo”, onde nos imbricamos no “tecido do mundo”, contudo, é este mundo repleto de percepções que nos remete às novas possibilidades, de afetividade e motricidade, é o corpo que nos conduz a abertura para as coisas, mas não é este corpo do qual estamos acostumados a ter e ver, e sim um corpo que se expressa pelo seu esquema corporal diante das situações. Portanto, quais seriam as consequências desta nova tese sobre um corpo com sua subjetividade encarnada, onde não há mais espaço para se pensar a divisão entre corpo e alma? Qual seria o papel das ciências biológicas para superar esta visão do corpo considerado como objeto? Esta visão do corpo-próprio nos conduz a um sujeito que diferentemente das ciências, apresenta-se com sua espontaneidade e afetividade. Desta forma, suspende-se o olhar puramente mecânico que, frequentemente, tem pautado as terapias. Afinal, é preciso considerar o corpo que está no mundo como índice de um ser que vivencia suas próprias sensações e intencionalidades. Somente assim, o sujeito poderá reencontrar em seu corpo a pertença do seu corpo no mundo. Assim como Cézanne buscava na sua arte uma “organização espontânea”, devemos buscar na ciência a espontaneidade corpórea a partir da qual o sujeito se reconhece em sua totalidade. Merleau-Ponty (2013, p. 135) considera que se “vivermos num meio de objetos construídos pelos homens, entre utensílios, em casas, ruas, cidades e, na maior parte do tempo, não os vemos”, pois nossa relação com essas coisas é puramente mecânica, só as percebemos no momento em que aplicamos a elas alguma utilidade. Neste sentido, nos “habitamos a pensar que tudo isso existe e necessariamente é inabalável”, assim também nos habituamos a vivenciar nosso corpo e, talvez por isso, seja tão difícil para um paciente debilitado por suas lesões, reconhecer esse corpo que agora se apresenta com suas fraquezas e limitações, no qual o sujeito o percebe sem a familiaridade anterior. Um corpo agora estranho para ele e por ser estranho é que ele não o percebe como sendo a coextensão do seu mundo atual. Para que essa superação aconteça em sua plenitude seria, talvez, preciso incorporar a crítica de Merleau-Ponty ao pensamento de sobrevoo, ao olhar técnico sobre, como podemos ler em sua obra o **Olho e o Espírito**.

É preciso que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevoo,

pensamento do objeto em geral – torne a se colocar num “há” prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos (MERLEAU PONTY, 2013, p. 17).

É neste “solo sensível” que deve se reorganizar o corpo com suas possibilidades e singularidades, sempre numa associação com outros corpos, que embora não sejam “meus congêneres”, mas mesmo assim, eu me entrelaço neles, onde eles “me frequentam, que eu frequento, com os quais frequento um único ser atual” (MERLEAU-PONTY, 2013, p.22)

Através da imbricação imersa no mundo meu corpo “se move”, e assim meu “movimento se desenvolve”, irradiando-o numa junção do em si. Ele “conta-se entre as coisas”, onde tudo passa a ser a sua própria extensão, na sua plenitude, onde o senciante e o sentido são ao mesmo tempo a interioridade e exterioridade, pois o “mundo é feito do estofa mesmo do corpo”. E assim se faz a relação corpórea, não na construção ou junção de suas partes, e nem na “descida do autômato de um espírito vindo de alhures” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 22-23).

Portanto, devemos fugir do modelo corporal mecanicista para reencontrar no sujeito, doente ou normal, um “sensível para si”, para deixar aparecer um corpo engajado num “conjunto de cores e superfícies habitadas por um tato, uma visão”, nos unindo pelo “mesmo movimento”, entrelaçando-se espontaneamente nas coisas, sendo essa “massa sensível”, permanecendo com abertura para o mundo das coisas e dos outros. Todavia, esse ser na sua profundidade e carnalidade, deve buscar superar este abismo existente entre o “em si” e o “para si” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.132-133).

E somente quando realizar esta superação passará a atuar no mundo com seu corpo atual e sensível, sem viver vinculado ao habitual, embrenhando-se nesta ontologia do todo, na qual os seres não podem viver sem o sensível e o expressivo.

No corpo não há duas camadas ou duas faces, e ele, não é fundamentalmente, nem apenas coisa vista nem apenas vidente, é a visibilidade ora errante ora reunida e, sob esse aspecto, não está no mundo, não retém, como num recinto privado, sua visão do mundo: vê o próprio mundo, o mundo de todos, e sem ter que sair de “si”, porque não é inteiro, porque suas mãos, seus olhos nada mais são do que essa referência de um visível, de um tangível-medida a todos os semelhantes, dos quais recolhe o testemunho, por um passe de mágica que é a própria visão e o próprio tato. Falar de faces ou camadas é, ainda, justapor, sob o olhar reflexivo, o que coexiste no corpo vivo e ereto (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 134).

É na coexistência deste corpo vivo que o sujeito deve se refazer todos os dias. Mesmo diante de suas doenças, lesões ou limitações, este corpo que tem a capacidade de desvelar-se, não com suas partes, mas com sua totalidade, assim como o “corpo sentido e o corpo que sente o direito e o avesso”.¹⁹ Será isso, o verdadeiro engajamento corpo-mundo? Trata-se daquele que vê, sente, toca, que se expressa, e neste envolvimento se revela pela sua intercorporeidade “e de sorte que vidente e visível se mutuam reciprocamente, e não mais se saiba quem vê e quem é visto”. É isto, é esta carne, não materializada “no sentido de corpúsculos” onde se construiria os seres. Que corpo é este, que não é matéria nem espírito? É a carne que com sua aderência espaço-temporal, vivencia o agora, o atual, o sentido as coisas, o sentido de ser no mundo, deixando sempre uma parcela de si, impregnando-se pelos lugares, pelos opostos, pelos fenômenos da corporeidade.

Neste sentido, é importante que o paciente lesionado supere este abismo que há entre seu corpo atual e o habitual, entre o corpo-objeto e o corpo-próprio, mas também o abismo entre o seu corpo e o corpo do outro. Pois enquanto o indivíduo, neste processo de reabilitação, identificar somente sua condição motora anterior, ele não sairá do processo no qual seu esquema corporal seja apenas visto pela perspectiva da ciência ou senso comum. Do mesmo modo, enquanto um corpo se resguarda a uma profunda privacidade e se vê e é visto como um corpo em déficit, já que não há mais intercorporeidade, ele permanecerá na impossibilidade de restaurar a vivência do corpo próprio no corpo habitual. A deficiência, nesse caso, sem a intercorporeidade, torna-se um peso que afunda o sujeito num mar de solidão.

O sensível, para um paciente com lesões e disfunções motoras também está

¹⁹ Ora tudo o que se diz do corpo sentido repercute sobre todo o sensível de que faz parte e sobre o mundo. Se o corpo é um único corpo em mesmo movimento, incorpora-se a si mesmo num “sensível e si”. Cabe-nos rejeitar os preconceitos seculares que colocam o corpo no mundo e o vidente no corpo ou, inversamente, o mundo e o corpo do vidente, como numa caixa. Onde colocar o limite do corpo e do mundo, já que o mundo é carne? Onde colocar no corpo o vidente, já que evidentemente no corpo há apenas “trevas repletas de órgãos”, isto é, ainda o visível? O mundo visto não está “em” meu corpo e meu corpo não está “no” mundo visível em última instância: carne aplica a outra carne, o mundo não a envolve nem é por ela envolvido. Participação, aparentemente no visível, a visão não o envolve nem é nele envolvida definitivamente. A película superficial do visível é apenas para minha visão e para meu corpo. Mas a profundidade sob essa superfície contém meu corpo e, por conseguinte, contém minha visão. Meu corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo. Mas meu corpo vidente subtende esse corpo visível e todos os visíveis com ele. Há recíproca inserção e entrelaçamento de um no outro. Ou melhor, se renunciarmos, como é preciso ainda uma vez, ao pensamento por planos e perspectivas, há dois círculos, ou dois turbilhões, ou duas esferas concêntricas quando vivo ingenuamente e, desde que me interrogue, levemente descentrados um em relação ao outro... (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 134-135).

limitado, as pesquisas apresentadas demonstram que os pacientes não se expressam espontaneamente com seus corpos, os quais se julgam impossibilitados para determinadas atividades. O mesmo acontece com Schneider citado no capítulo anterior, um lesionado de guerra, que perdeu toda sua expressividade espontânea e se coloca no mundo como um ser mecanizado. Ele não apresentava problemas motores, mas suas ações eram sempre mecânicas. Schneider expressava toda a solidão encerrada num corpo sem espontaneidade.

Na obra **O Primado da Percepção**, Merleau-Ponty (1996, p.11-12) comenta sobre a importância da própria neurologia em “retomar o problema da percepção do corpo-próprio”. Ele retoma a Escola da *Gestalttheorie*, afirmando “que a percepção não é uma operação intelectual”. A percepção é o próprio retorno ao ser pré-reflexivo. Portanto, não podemos reduzir o sujeito aos processos mecânicos da ciência neurológica, mas construir uma ponte entre a ciência e os estudos fenomenológicos do corpo. Sendo assim, obviamente, não faríamos do sujeito apenas um ser do sentir, mas busca-se neste “ser pré-reflexivo” torná-lo sensível.

O significado do mundo e das coisas para um sujeito doente ou com limitações motoras é diferente das outras pessoas, haja vista que estas estão envolvidas num mundo, enquanto os pacientes não estão. Todavia, é preciso que o doente encontre significados para o seu modo de vivenciar novas experiências no mundo percebido para que ele, enfim, volte a viver engajado no mundo, ou seja, a sentir a experiência da intercorporeidade, para que volte a agir no mundo. Os escritos de Merleau-Ponty sobre a doença nos levam finalmente a compreender que “a doença é o recurso que nos coloca diante do irrefletido, ou se quiser, diante do pré-objetivo - no caso, diante do sujeito encarnado”. Assim, encontramos o verdadeiro significado da carnalidade, que é este sujeito que percebe e é percebido verdadeiramente (MOUTINHO, 2004, p.280).

Por isso, a doença é o modelo de um corpo abalável. Talvez seja mais fácil se perceber num corpo doente ou limitado do que em um corpo saudável. Pois assim como as coisas estão em determinados lugares por onde passo todos os dias e não as percebo, da mesma forma o corpo, coisificado, só é reconhecido quando está doente, quando só é visto pela doença. A doença nos ensina que o próprio corpo possui sua significação. Afinal, o corpo não é um “espírito puro, mas um corpo” com sua “armadura interior” (Dupond, 2010, p.49). Portanto, é no próprio corpo que descobrimos o sensível e é neste que encontramos sua significação como

presença no mundo. Ora, o meu próprio corpo só existe porque deposito nele uma significação a partir de um campo perceptivo e, conforme Silva (2009, p. 52-53), “o que sentimos e percebemos é um fenômeno de organização, um sistema de configurações, uma totalidade, uma forma, uma estrutura”.

A gênese do corpo-próprio pode ser fundada nos conceitos “de mundo, experiência, existência e percepção”, os quais oferecem um complemento “que sustentam e ajudam a compreender este conceito central” (MACIEL, 1997, p.103). Todavia, esta gênese só se sustenta se este corpo-próprio estiver imbricado nestes conceitos através da motricidade, da expressividade, da afetividade abertas para a experiência da intercorporeidade. Assim, enquanto o corpo era apenas conceituado pelo paradigma objetivista da ciência, parece que ficava até mesmo mais fácil compreendê-lo. Mas os estudos de Merleau-Ponty, embora sem desconsiderar essa perspectiva biológica de um mundo objetivo, buscaram uma categoria de ipseidade corpórea para o mundo vivido, para o mundo do sentir. Merleau-Ponty comenta que esse sentir não pode ser da mesma “pertencença da consciência”, pois devemos compreendê-lo “como retorno sobre si no visível, aderência carnal do sentiente ao sentido e do sentido ao sentiente” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.138)²⁰.

Portanto, é nesta reversibilidade do que nos tange e do que percebemos que se abre o caminho da intercorporeidade numa totalidade, na qual um depende do outro para que ocorra este entrelaçamento de corpos, de coisas, afinal, o que vê, não vive sem o que pode ser visto e o que toca não existiria se não houvesse o que tocar. Esta reciprocidade é o que confere a comunicação intercorporal. De certa maneira, é a realização de uma “comunicação” dos órgãos do corpo, “fundando a transitividade de um corpo a outro” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.139). Contudo, esta reversibilidade nunca é um fim, nunca acabada, pois o corpo está constantemente num processo de sinergia com as coisas e outros seres.

A reversibilidade – uma generalização da intercorporeidade - desvela a própria “percepção. Os corpos sejam eles patológicos ou não, exprimem o acesso

²⁰ Ora, essa genialidade que faz a unidade de meu corpo, por que não se abriria ela a outros corpos? O aperto de mãos também é reversível, posso sentir-me tocado ao mesmo tempo que toco e, por certo, não existe um grande animal de que nossos corpos sejam órgãos, como as mãos, os olhos o são cada um deles. Porque não existiria a sinergia entre diferentes organismos, já que é possível no interior de cada um? Suas paisagens se cruzam, suas ações e suas paixões se ajustam exatamente: isto é possível desde que se pare de definir primordialmente o sentir pela pertencença à mesma “consciência”, compreendendo-o, ao contrário, como retorno sobre si no visível, aderência carnal do sentiente ao sentido e do sentido ao sentiente (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 138).

ao mundo. Eu me comunico com meu corpo no momento em que passo a imbricar-me com o mundo e viver experiências da minha situação atual. No entanto, cada ser possui sua própria experiência e, por isso mesmo, reduzir o corpo ao patológico é sempre difícil. Para Merleau-Ponty, as categorias que estão presentes num possível conceito do corpo tem relação com a arte, com a musicalidade, com a literatura, com a filosofia e, sobretudo, com o movimento intencional do sujeito no mundo. Neste sentido, o corpo está coexistindo com todas estas áreas de conhecimento. A sua significação é o índice existencial da abertura do sujeito ao mundo, como podemos perceber pelos relatos dos pacientes amputados e pelas análises de Merleau-Ponty no caso Schneider e das patologias sobre o membro fantasma e anosognose. É nesta coesão – imbricação – eu-corpo-mundo-outro que o corpo se torna um modo de ser no mundo, tornando-se corpo próprio. Maciel (1997, p. 110) segue comentando que “não é o aspecto físico do corpo, a materialidade, que está em questão, mas o corpo enquanto ligado ao ser humano, enquanto consciente de seu corpo, que tem seu corpo, é corporeidade”. Desta forma, a reabilitação não pode ser da motricidade, mas sim do corpo-próprio, que ainda guarda um sentido habitual do movimento. Este é o grande desafio da reabilitação, ou seja, retomar o corpo rompendo com relação que agora se faz pelo recalque, buscando a superação do seu corpo atual, que se apresenta desfocado e sem projetos. É preciso que haja uma espécie de revolução corporal no sentido de uma compreensão da sua totalidade. Sendo assim, a própria fisioterapia deve direcionar a reabilitação para a ressignificação do corpo retomando aquilo que faz um corpo-objeto abrir-se para um corpo-próprio, pois se o paciente sempre retornar para a condição de uma reabilitação profunda, ele vai continuar na objetividade do mundo. No entanto, se o paciente abrir-se para a subjetividade, reconhecerá no seu corpo ainda que limitado à existência da afetividade, da expressividade e da reversibilidade, portanto mais do que a reabilitação motora, a fisioterapia poderá rever suas técnicas, fazendo com que o indivíduo busque na sua própria limitação, a evolução e o significado do seu ser no mundo com sua intercorporeidade. Uma reabilitação que não é da motricidade, mas da intercorporeidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem do corpo-objeto para corpo-próprio, na concepção fenomenológica de Merleau-Ponty, nos remete ao entendimento do lugar do corpo no mundo, ou seja, um corpo que não é coisa nem objeto. Trata-se de um corpo que, na sua singularidade, se entrelaça nas experiências vividas e apenas se reconhece como corpo-próprio na pluralidade de outros corpos.

Ora, esta pluralidade, que permite a ressignificação do meu corpo, traz um novo olhar sobre o mundo, não me fazendo ser outra pessoa, mas possibilitando em mim um ser mais sensível, talvez mais próximo de um corpo-próprio. A significação e a morada da linguagem corporal que emprego hoje não é certamente, mais a mesma dos dois anos que antecederam esta pesquisa, pois agora, a linguagem encontra-se na profundidade do meu novo olhar sobre o corpo. É um olhar fenomenológico de um corpo que é expressão da minha face, espessura das minhas artérias, conexão dos meus nervos, postura do meu tronco, superfície dos meus membros, sobretudo, um corpo que se encontra na essência do meu ser como um todo. Foi no digitar das letras, no apoio dos meus braços, na flexão das minhas pernas e no sentir dos meus pés no chão, que descobri a espacialidade do meu corpo. Um corpo, com toda sua intencionalidade, imbricando-se por entre livros, palavras e computador. E sem prever, sem determinar, percebi num certo tempo que já éramos um só ser, não no sentido anatômico, mas no sentido da troca, no sentido da experiência, no sentido de entranhar-se com as coisas, com as palavras e por fim, no sentido de ser-no-mundo, próximo daquilo que Heidegger nomeou como cotidianidade. As coisas me solicitavam e as minhas intenções motoras correspondiam. Era a reflexividade do espaço, centrada no irrefletido do meu corpo, que dialogava com o mundo numa constante solicitação.

Foi no silenciar dos meus dias que percebi a essência das minhas horas, que senti a imensidão do meu espaço, que descobri o significado do meu tempo, e ressignifiquei a existência do meu ser. Conhecer o universo merleau-pontyano, de certa forma me transportou no tempo. Não em um tempo acabado, que passou e não volta mais, mas sim numa temporalidade cheia de conteúdo e carregada das significações que eu trago da minha história.

Portanto, compreendemos que o tempo nasce todos os dias, não de maneira

cronológica no que tange o passado e o presente, mas numa relação imanente do meu corpo com as coisas. Nasce do meu desejo de estar ali, da liberdade que meu corpo tem de escolher e imbricar-se com o mundo. Compreendamos que o *cogito* não é a prioridade da dimensão humana, mas uma face da coexistência na temporalidade e que esta se consolida pelo meu campo perceptivo, como bem retratado na perspectiva da **Fenomenologia da Percepção**.

Porém, não entendamos isto como algo acabado e definitivamente resolvido. Nem que Merleau-Ponty dê conta de todas as particularidades que envolvam o corpo. Pois o que diagnosticamos, através deste estudo, é de que nem a própria ciência fisiológica e nem a psicologia conseguiram resolver estas questões em torno do corpo e seu comportamento, embora exista uma articulação entre o psíquico, o fisiológico e o mundo que situam o ser da nossa existência. Na experiência de um amputado a ciência se satisfaz em fragmentar as situações vividas em eventos físicos, ignorando a intencionalidade, enquanto que a fenomenologia trata de descrever o sujeito pela sua subjetividade, descrevendo os eventos que fundam o sentido do campo perceptivo, no qual o seu estatuto se encontra na gênese da experiência.

Para um amputado, a temporalidade pode contar mais do que seus impulsos nervosos, pois o “tempo não se fecha sobre a experiência traumática” diz Merleau-Ponty, e o corpo amputado permanece na abertura para o mundo, corpo este que carrega suas experiências e sua história. Entretanto, é na síntese temporal presente que o sujeito amputado deve depositar sua ancoragem, é daí que surge sua intencionalidade motora. Compreendemos, então, o papel da ambiguidade do tempo, vivenciada por um corpo habitual e atual, e que mantém nele a sedimentação dos hábitos que antecederam o seu acidente. No sujeito doente ocorre um desajuste do seu arco intencional. É por meio deste que nos situamos no tempo.

Sobre o espaço-tempo, as indagações de Merleau-Ponty revelam que fenômenos corporais são responsáveis por esta dialética corpo-tempo-espaço. Afinal é na motricidade do meu corpo com todas as suas implicações que eu me apresento para o mundo. Dessa forma, o corpo deixa de ser considerado somente sob um ponto de vista objetivista, passando a considerá-lo como uma unidade, já que ele é sujeito biológico, fisiológico, motor e afetivo, constituindo-se pelo seu modo de ser-no-mundo.

É na pluralidade com outros corpos que ele realiza suas vivências. O corpo é

fonte de saberes, de conhecimentos, é manifestação de criações e relações. O corpo é emoção, afetividade, motricidade, sexualidade, sobretudo. Posso, considerar o corpo um ser de transparência, ou seja, que desvela na sua expressividade o sentido da sua existência.

É neste sentido que, pensamos um novo paradigma de corpo com outro olhar da fisioterapia para com seus pacientes, que seria o de contribuir para ressignificação do corpo. Mostramos então outro caminho para chegar a um novo saber sobre o corpo, de modo que os pacientes possam explorar suas possibilidades de expressão. Trata-se aqui de uma fisioterapia que não leve o paciente à frustração da impossibilidade, mas a um “eu posso”, “eu desejo”, possibilitando abertura para a intercorporeidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Maurice Merleau-Ponty

MERLEAU-PONTY, M. **La structure du comportement**. Paris: PUF, 1942.

_____ **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

_____ **Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques**. Paris: Verdier, 1996.

_____ **Éloge de la philosophie**. Paris: Gallimard, 1953.

_____ **Les aventures de la dialectique**. Paris: Gallimard, 1967.

_____ **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

_____ **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

_____ **“Discussion”**. In: RYLE, G. “La phénoménologie contre ‘The concept of mind’”. In: La philosophie analytique. Trad. A. Gombay. Paris: Minuit, 1962, p. 93-100.

_____ **“Discusión”**. In: Husserl: Cahiers de tercer coloquio de Royaumont. Trad. A. Podetti. Buenos Aires: Paidós, 1968, p. 142-144.

_____ **Résumés de cours**: Collège de France (1952-1960). Paris: Gallimard, 1968.

_____ **La prose du monde**. Paris: Gallimard, 1969.

_____ **La union de l'ame et du corps chez Malebranche, Maine de Biran et Bergson**: Paris: Vrin, 1979.

_____ **L'œil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1985.

_____ **Psychologie et pédagogie de l'enfant**: Cours de Sorbonne (1949-1952). Paris: Verdier, 2001.

_____ **La nature**. Paris: Seuil, 1995.

_____ **Sens et non-sens.** Paris: Gallimard, 1996.

_____ **Notes de cours (1959-1961).** Paris: Gallimard, 1996.

_____ **“Husserl aux limites de la phénoménologie”.** In: Notes de cours sur L’origine de la géométrie de Husserl, suivi de Recherches sur la phénoménologie de Merleau-Ponty. Paris: PUF, 1998.

_____ **Parcours (1935-1951).** Lagrasse: Verdier, 1997. Parcours deux (1951-1961). Lagrasse: Verdier, 2000.

_____ **Causeries (1948).** Paris: Seuil, 2002.

_____ **L’institution/La passivité: notes de cours au Collège de France (1954-1955).** Paris: Belin, 2003.

_____ **Manuscrits inédits.** Paris: Bibliothèque Nationale de France, s. d.

_____ **La nature ou le monde du silence.** Paris: Hermann, 2008.

Obras de Maurice Merleau-Ponty em português

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____ **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____ **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed. 2011.

_____ **Conversas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____ **A dúvida de Cezanne; A Linguagem Indireta e as Vozes do Silêncio; O olho e o espírito** In: Cosac Naify, 2013.

Bibliografia complementar.

BARBANTI, Valdir. **Dicionário de Educação Física e do Desporto**. Manole, São Paulo: 1994.

BUYTENDIJK, F.J.J. **El dolor**. Trad. Fernando Vela. Madrid: Revista de Occidente, 1958.

CAMINHA, Iraquitán O. **A experiência do sentir e o sujeito da percepção em Merleau-Ponty**. in: Percepção, corpo e subjetividade (organizadores): Iraquitán e Marcos. São Paulo: LibersArs, 2013.

CAMPOS, Mariana T. AVOGLIA, Hilda R. C. CUSTÓDIO, Eda. M. **A imagem corporal de indivíduos com paraplegia não congênita: um estudo exploratório**. Instituto Metodista de Ensino Superior. Campus Rudge Ramos. Psicólogo informação, ano 11, n. 11, jan/dez 2007.

CARBONE, Mauro. **A imagem entre ausência e precissão**. Paris: Vrin, 2011. Tradução: Ericson Falabretti. In: Merleau-Ponty em Florianópolis (organizadores): Claudinei e Marcos, 2015. CARBONE, R. David. **Fenomenologia**. 3ª ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2014.

COELHO, Jr., Nelson. CARMO, P. Sergio. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência**. Escuta, São Paulo: 1991.

COTTINGHAM, John. (Organizador). **Descartes**. Tradução: André Oides. Ideias & Letras, São Paulo: 2009.

DAVIDOFF, L. Linda. **Introdução à Psicologia**. Trad. Lenke Perez. 3ª ed. Makron Books. São Paulo: 2001.

DEMIDOFF, A.O. PACHECO, F.G. e FRANCO, A.S. **Membro fantasma: o que os olhos não veem, o cérebro sente**. Revista Ciências e Cognição. Vol.12 pgs. 234-

239, ano 2007.

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DIAS, Isabel M. **Elogio do sensível: corpo e reflexão em Merleau-Ponty**. Lisboa: Litoral Edições, 1989.

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. Martins Fontes. São Paulo: 2010.

FALABRETTI, Ericson. **A estrutura como lógos da experiência pré-reflexiva**. Revista Veritas, v. 58, n. 2, maio/ago. 2013, p. 371-398.

_____ **Merleau-Ponty: o sentido e a noção de estrutura**. Revista dois pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n.1, p. 153-192, abril 2008.

_____ **Kant e Merleau-Ponty: passagens sobre o espaço**. Revista Kant e Prints. Campinas, série 2, v.4, n.1, p.165-183, jan-jun 2009.

FERRAZ, Marcos S. **O transcendental e o existente em Merleau-Ponty**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. Fapesp, 2006.

FREIRE, M. I. DANTAS, A.H.M. **Educação e Corporeidade: um novo olhar sobre o corpo**. Revista Holos, Ano 28, vol.4, 2012.

FURLAN, Reinaldo. **Introdução a filosofia de Merleau-Ponty: contrapontos com Freud e Wittgenstein**. (Tese de doutorado em Filosofia), Campinas, São Paulo: 1998.

GIURIOLO, Gisele G. **Os elementos sócio-educativos que configuram a (re)inserção profissional de pessoas com amputação de membros**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRS: 2009

HOPPENFELD, Stanley. MURTHY, Vasantha L. **Tratamento e Reabilitação de Fraturas**. Manole, São Paulo: 2001.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**. Tradução: Frank de Oliveira. Madras Editora. São Paulo: 2001.

LASKOVSKI, Larissa. **Por que ir a fisioterapia? Um estudo Microgenético de Expectativas de pacientes e adesão ao tratamento**. Dissertação (mestrado) Instituto de Psicologia da USP: 2012.

MACHADO, Ângelo. **Neuroanatomia Funcional**. 2ª ed. Atheneu, São Paulo: 2002.

MACIEL, Sonia M. **Corpo Invisível**. Coleção Filosofia. EDIPUCRS, Porto Alegre: 1997.

MARCEL, Gabriel. **Les hommes contre l'humain**. Paris, La Colombe-Éditions du Vieux Colombier, 1951. MONCLAR, Valverde. **A performance como representação da presença**. In: Merleau-Ponty em Florianópolis (organizadores): Claudinei e Marcos.

MOREIRA, Virginia. NOGUEIRA, Fernanda N. ROCHA, Marcio A. S. **Leitura fenomenológica mundana do adoecer em pacientes Serviço de Fisioterapia do Núcleo de Atenção Médico Integrada da Universidade Fortaleza**. Revista Estudos de Psicologia/Campinas 24(2) 191-203 abril-junho. 2007.

MOUTINHO, Luis D.S. **O sensível e o inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade**. Revista Kriterion, Belo Horizonte, nº. 110, p.264-293, dez/2004.

OLIVEIRA, C. Wanderley. **A questão da corporeidade em Merleau-Ponty**. in: Merleau-Ponty em Florianópolis.(organizadores) SILVA, C.A. e MULLER, M.J. 2015.

PAVLOV, Ivan. **Textos escolhidos**. Coleção: Os pensadores. Victor Civita, 2ª ed. São Paulo:1984.

REIS, A. C. **A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty**. Revista Vivência. Laboratório de Psicologia da Arte/ USP. Nº 37/2011. p. 37-48.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**. Martins Fontes. São Paulo: 1994.

SILVA, Claudinei A. F. e MULLER, Marcos J. (organizadores). **Merleau-Ponty em Florianópolis**. Fi. Revista eletrônica, Porto Alegre: 2015.

SILVA, Claudinei A. F. **A estrutura do sentido: Goldstein e Merleau-Ponty**. Revista Transformação, Marília, v. 35, n. 3, p. 133-156 set/dez. 2012.

_____ **A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty**. Nova Harmonia, São Leopoldo, RS: 2009.

SILVA, S.G. **A Gênese cerebral da imagem corporal: algumas considerações sobre o fenômeno dos membros fantasmas em Ramachadran**. Physis Revista de saúde coletiva. 23[1]: p. 167-195, Rio de Janeiro: 2013.

SOARES, Edvaldo. **A crítica de Merleau-Ponty à psicofisiologia clássica**. Revista de Psicologia, 16(2) 01/2004.

UMBELINO, L.A. **Espaço vivido e saúde: contributos merleau-pontyanos para um debate**. Revista filosófica de Coimbra. V. 17/nº33/200.

WARMLING, D.L. **O corpo e as três dimensões da sexualidade na Fenomenologia da Percepção de Mauricio Merleau-Ponty**. Cadernos PET Filosofia. Vol. 7, n.13, jan-jun. 2016.